

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

**A história da constituição do Museu da Educação e do Brinquedo (MEB) – USP e o
lúdico como instrumento de ensino nas atividades mediadas**

Bolsista: Daniela Batista da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Ermelinda Moutinho Pataca

Vigência: Agosto/2014 Julho/ 2015

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica- PIBIC

Relatório Final de Iniciação Científica
apresentado à Comissão de Pesquisa da
Faculdade de Educação como parte dos
requisitos das atividades do bolsista de
iniciação científica.

São Paulo, Julho de 2015.

**A história da constituição do Museu da Educação e do Brinquedo (MEB) – USP e o
lúdico como instrumento de ensino nas atividades mediadas**

Relatório Final de Iniciação Científica entregue à Comissão de
Pesquisa da Faculdade de Educação, como parte dos requisitos das
atividades do bolsista.

Daniela Batista da Silva

Ermelinda Moutinho Pataca

SUMÁRIO

Apresentação	04
Introdução	04
Objetivos	08
Metodologia	08
Atividades desenvolvidas	10
Entrevistas	12
Histórico do MEB	30
Considerações finais	47
Referências	49
ANEXOS	
Entrevista com Ruth Elizabeth de Martin	51
Entrevista com Dr ^a Tizuko Morchida Kishimoto	66
Entrevista com Daniel Ferraz Chiozzini	90
Entrevista com Jany Elizabeth Pereira	120
Avaliação do aluno sobre o programa	138
Avaliação do orientador	139

Apresentação

Para melhor entendimento do leitor sobre a pesquisa, esclarecemos como seguiram os rumos do referido trabalho e as modificações que se sucederam.

Tivemos inicialmente como propósito deste trabalho buscar esclarecer de que forma o lúdico pode ser utilizado como instrumento de ensino de Ciências dentro do Museu da Educação e do Brinquedo. Diante algumas mudanças ocorridas durante o curso da pesquisa, tivemos que partir em busca de uma nova forma para a obtenção de dados.

Tais alterações nos objetivos do referido trabalho se fizeram necessárias porque a falta de funcionários para o atendimento aos visitantes e pesquisadores impediu que o museu realizasse o atendimento ao público. A inacessibilidade ao acervo do museu não permitiu que os objetivos primários pudessem seguir adiante, o que fez com que desviássemos o curso da pesquisa. Outro fator prejudicial para o bom andamento deste projeto foi a ocorrência da greve geral na universidade no ano de 2014.

Sem a possibilidade de acesso aos documentos do museu, tornou-se inviável continuar a pesquisa e, partimos, então, para a realização do levantamento histórico sobre as origens do museu, sua institucionalização e como os educadores e monitores-mediadores desenvolviam as atividades para as exposições do museu. Por isso alteramos também o título do projeto, que anteriormente recebeu o seguinte título: *O lúdico como instrumento de ensino de ciências no Museu da Educação e do Brinquedo (MEB) – USP*.

Com base nas entrevistas com funcionários e docentes da unidade, realizamos um levantamento histórico do museu e suas articulações com o Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos, (LABRIMP).

Introdução

O presente trabalho surgiu da necessidade de uma integração mais ampla do Museu de Educação e do Brinquedo (MEB) com o Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos (LABRIMP). Um espaço museológico de caráter artístico, educacional e histórico. A ideia nasceu de uma parceria entre a Docente Ermelinda Moutinho Pataca com o MEB, para a ampliação das atividades do museu com o desenvolvimento de atividades voltadas para a interação entre mediadores e os visitantes no MEB e LABRIMP.

Na primeira e na segunda etapa foram realizadas entrevistas sistemáticas semiestruturadas, que tiveram como objetivos desvelar de que forma o museu foi criado e como os seus agentes, educadores, funcionários e monitores desenvolveram, seus papéis. Para tanto foram entrevistadas a Professora Doutora Tizuko Morchida Kishimoto ex- coordenadora do museu, a ex- funcionária do LABRIMP Ruth Elisabeth de Martim, o ex- funcionário do MEB Daniel Ferraz Chiozini, e a ex – funcionária do MEB, Jany Elizabeth Pereira. As quatro entrevistas foram transcritas e se encontram nos anexos deste trabalho.

Para realizar as entrevistas utilizamos como ferramentas, a história do museu, levantamento bibliográfico em Educação Infantil, História Oral e Museus. O que nos possibilitou elaborar uma categorização dos quatro roteiros das entrevistas. Os moldes das entrevistas se mantiveram os mesmos na primeira e na segunda etapa deste trabalho. Os roteiros foram criados a partir de questões e problematizações acerca do museu e da sua criação. Por isso a criação de categorias se explica, quando pensamos que cada entrevistado tem suas particularidades sobre a história e as experiências vivenciadas no museu.

O material coletado nas duas primeiras entrevistas, gerado na etapa inicial, nos permitiu pensar que a constituição do MEB se deu sob uma perspectiva da pesquisa acadêmica e para a formação de professores. Isto porque a ideia da constituição do museu se deu juntamente com a chegada do LABRIMP na Faculdade de Educação da USP (FEUSP), pois até então não havia neste local espaço especializado para a pesquisa em educação infantil. O museu e o laboratório foram constituídos segundo referenciais de museus do brinquedo internacionais, sistematizados após visitas a museus brasileiros e europeus. Visto que foi a partir dos trabalhos de pesquisa de doutorado da professora

Doutora Tizuko Morchida Kishimoto que o museu se estabeleceu da forma como se configura até hoje.

De maneira que utilizaremos como parte importante para a confecção deste trabalho, as entrevistas com os agentes que participaram do processo de institucionalização do MEB.

Acreditamos que o registro oral é uma ferramenta que pode ser utilizada de forma a contribuir para o reconhecimento da história e do tempo no qual nós não tivemos a possibilidade de presenciar. Assim foram elaborados quatro roteiros que nortearam as entrevistas, eles englobavam questões de cunho comum, como por exemplo, a formação acadêmica dos entrevistados, como eles ingressaram no museu ou no Laboratório de Brinquedos, suas vivências e experiências durante o tempo que trabalharam nestes espaços. As questões estavam de alguma forma ligadas ao tema do brinquedo ou brincar, para que assim pudéssemos entender como os educadores faziam a ponte entre o brincar e o aprender. Na tentativa de desvendar de que maneira esses educadores tratavam o lúdico dentro do espaço museológico.

Sabe-se que no espaço de educação não formal, como os museus, muitas vezes o monitor- mediador realiza o papel central de disseminador de ideias. Logo, no MEB isso não seria diferente.

O museu conta com um acervo grandioso e de valor histórico reconhecido que possibilita aos visitantes um olhar sobre o brincar, sobre os jogos e as brincadeiras de uma maneira facilitada e que recorda, em muitas vezes, a própria história e acaba resgatando a memória infantil. Para PIACENTINI, FANTIN. (2005).

Ainda que possamos relativizar a ideia de que muitas brincadeiras de nossa infância não existem mais, pois o brincar transforma e se transforma o que nos conforta é saber que tais lembranças também podem ser encontradas num museu do brinquedo.

Por esse motivo fazer a mediação num museu em que os objetos expostos são jogos e brinquedos, pode parecer algo trivial, porém não é. Sabemos que brincadeiras são regionais e muitas vezes a mesma brincadeira ou jogo pode ter nomes diferentes em lugares diferentes, porém o cerne do jogo ou brincadeira é o mesmo. Assim o papel que

o mediador irá cumprir no momento da monitoria é essencial para a elucidação do que é exposto. É partir das informações que o monitor – mediador expõe que levará ao expectador a refletir sobre o assunto. Lógico que cabe ao expectador realizar suas interpretações do que lhe é dado como informação. Mas sabemos que algumas vezes quando a mediação não acontece como o visitante esperava, esta pode se tornar uma desilusão ou frustração para o mesmo, desmotivando – o a retornar para outras visitas. Por isso o educador, ou o mediador deste espaço precisa estar preparado e atento para os vários olhares que o acervo exposto pode provocar nos expectadores. De maneira que é imprescindível que os educadores dos museus tenham clareza sobre quais modelos de comunicação utilizam em suas ações e em quais desejam pautar seu trabalho (MARANDINO, *et al*, 2008).

Além dos olhares atentos que os educadores e mediadores precisam ter para a elaboração de exposições, eles também necessitam refletir sobre sua própria prática e suas ações dentro deste espaço. Já que os museus também são fornecedores de conhecimento.

Uma visita a um museu pode ser mais do que divertimento, não só por estimular o aprendizado e a observação, mas por promover o exercício da cidadania indistintamente, tanto através de suas atividades educativas, como por estimular a participação dos mais diversos grupos de pessoas dos vários níveis socioeconômicos. (MARANDINO, 2008, p. 21):

Neste espaço, MEB, os instrumentos facilitadores e que orientam a mediação são o: lúdico, o brincar e a interação entre o monitor – mediador e o visitante.

Sabendo que o lúdico está presente nos jogos e brincadeiras e que este acontece a partir do desenvolvimento de atividades com a participação e a cooperação dos que compõem um grupo, pode-se considerar que os jogos e brincadeiras são instrumentos importantes para despertar e estimular no aluno o interesse pelo conhecimento e também estimular sua capacidade de interação sociocultural, (VIGOTSKY, 1984). Nesse sentido ações educativas em museus podem estimular a participação ativa e comunicativa em atividades, lançando o desafio do pensar.

O museu atende escolas e grupos de crianças com variadas faixas etárias, educadores e professores do Ensino Infantil e também o público de modo geral. Essa heterogeneidade sugere aos educadores e aos mediadores que as visitas sejam mediadas de acordo com cada tipo de público. Assim não dá para considerar que uma visita ou monitoria será igual à outra. Diferentes públicos resultarão em diferentes direcionamentos para a mediação. De modo que a cada monitoria mediada que acontece resulta num momento de reflexão da própria prática do educador e do mediador. O papel do monitor - mediador neste caso é imprescindível. Já que este tem compromisso de transmitir aos visitantes uma leitura rica sobre o que está sendo exposto sem desviar os objetivos que a referida exposição pretende. Queiroz (2002) acredita que os profissionais capazes de fazer a mediação entre museu e seu público se tornam figuras importantes. Porém para ele o espaço museológico enfrenta um dilema, pois ao mesmo tempo em que o visitante “solicita” uma liberdade para explorar os espaços, há também uma grande solicitação para que os mediadores ajudem no entendimento da exposição.

Assim trataremos neste trabalho como o lúdico pode servir de instrumento dentro das atividades que são desenvolvidas pelos educadores e os monitores – mediadores do Museu da Educação e do Brinquedo e as possíveis articulações de um roteiro integrado entre LABRIMP – MEB

Objetivos

Objetivo geral

- Investigar o processo de institucionalização do MEB na Faculdade de Educação da USP através da história oral, explicitando as proposições metodológicas e as práticas desenvolvidas na instituição, servindo de instrumento de gestão do novo grupo como elemento estruturador na criação de novos projetos no Museu.

Objetivos específicos:

- Investigar como o lúdico pode ser utilizado como instrumento de ensino, no Museu do Brinquedo, (MEB) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

- Investigar sobre a constituição do acervo e as metodologias de sistematização e conservação das coleções,

- Analisar o processo curatorial e de criação de exposições,
- Relacionar a história da constituição do acervo do museu com as atividades que são desenvolvidas pelos educadores e os monitores – mediadores,
- Analisar a atuação dos educadores, explicitando a construção de práticas pedagógicas realizadas no museu de forma lúdica.

Metodologia

Para realizar o trabalho iniciamos com o levantamento bibliográfico existente sobre as produções sobre o MEB e o LABRIMP, ou seja, artigos, publicações que pudessem orientar os caminhos possíveis a se seguir. A partir das leituras, pudemos pensar nas entrevistas que iriam contribuir com dados consistentes. De modo que passei a trabalhar na elaboração de um roteiro de perguntas a serem feitas aos entrevistados. Neste caso foram quatro os entrevistados, então preparei quatro roteiros que nortearam as entrevistas. Cada roteiro com sua particularidade, porém com objetivo central em fazer o reconhecimento histórico do museu, como se deu a organização do acervo e de que maneira o museu realizava ou não articulações com outros espaços da Faculdade de Educação.

Escolhi como ferramenta principal de coleta de dados, o registro oral, pois acredito que esta seria a melhor forma de conhecer a história da constituição do museu, já que a inacessibilidade ao acervo e a documentos permanece até o presente momento devido à falta de funcionários responsáveis pelo material que pudessem acompanhar o trabalho em segurança.

Pensando que a partir de registros do discurso oral conseguimos entrar em contato com fatos que aconteceram no passado e que nos permitem desvendar e entender o desenvolvimento da nossa sociedade deixa-nos instigados, então utilizar tal procedimento para obter os dados para a pesquisa nos parece aceitável. Acredito que este seria um ótimo recurso para ser utilizado neste trabalho. Para TOKIN (1992) no processo interativo da construção da história, narrador e entrevistador constroem e produzem um texto. De modo que com a elaboração desse texto é que conseguiremos transmitir ao leitor a mensagem que se pretende expor. ROSA e ARNOLDI (2006, p.17) concordam que:

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo.

Para dar continuidade ao procedimento utilizado na primeira etapa desta pesquisa, também elaborei para a segunda etapa, dois roteiros. O roteiro número 3, que foi utilizado para orientar a entrevista com o ex-funcionário do MEB, Daniel Ferraz Chiozzini, e o roteiro número 4 utilizado na entrevista com a também ex- funcionária do MEB, Jany Elizabeth Pereira. Da mesma forma como nas duas primeiras entrevistas, nestas, também entrei em contato com os entrevistados para marcamos uma data para que pudéssemos realizar as mesmas. As duas entrevistas aconteceram em dias diferentes, para que assim pudesse a partir do primeiro relato poder também agregar dados para a entrevista seguinte.

Realizei então a sistematização das entrevistas para organizar os resultados. A sistematização inicial se deu pela classificação e criação de eixos temáticos para cada bloco de perguntas. Essa sistematização foi apresentada na primeira parte do trabalho que contava com as entrevistas feitas com Ruth Elizabeth de Martin e com a professora Tizuko Morchida Kishimoto.

Atividades desenvolvidas

Durante o período da concessão da bolsa, várias atividades foram desenvolvidas no projeto com o intuito de aprimorar o conhecimento sobre o museu e a sua institucionalização. No primeiro ano, 2014, foram realizadas entrevistas com a professora doutora Tizuko Morchida Kishimoto ex- coordenadora do museu e com a ex-funcionária do Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos (LABRIMP), Ruth Elizabeth de Martin. Tais entrevistas trouxeram informações essenciais para o início das investigações. Com as transcrições das entrevistas pude começar a compreender o papel do LABRIMP na constituição do acervo que daria origem ao Museu da Educação e do Brinquedo (MEB). O levantamento bibliográfico sobre a produção referente ao museu também colaborou para a compreensão da história do museu. A leitura de dissertações de mestrado e artigos referentes ao MEB e ao LABRIMP orientou em vários momentos

sobre quais caminhos poderiam seguir durante a pesquisa. No segundo ano, 2015 dei continuidade com as entrevistas e as transcrições. Então, logo iniciei entrevistando Daniel Ferraz Chiozzini, ex-funcionário de MEB, muitos trabalhos foram desenvolvidos e criados por Daniel, a maioria dos trabalhos serviram como fonte para desvelar como o museu foi crescendo desde o período de 1999 até os tempos atuais. Outra contribuição não menos importante, foi a entrevista concedida pela ex-funcionária Jany Elizabeth Pereira. Com esta entrevista pude conhecer como aconteceram as primeiras propostas de formação dos bolsistas – monitores do museu e como a Jany produziu sua dissertação de mestrado que teve como fonte de pesquisa os trabalhos desenvolvidos no MEB.

Concomitantemente às entrevistas e ao processo de levantamento e revisão bibliográfica dei início às atividades de monitoria e mediação da exposição que se encontra no segundo andar da Biblioteca da FEUSP. A exposição da artista plástica Sandra Guinle, intitulada, *Memórias de uma criança em Cenas Infantis*, traz o tema do brincar e o resgate da memória infantil.

As esculturas retratam o brincar sob o olhar crítico da artista de uma forma nova e sensorial. Isto se deve à possibilidade que os visitantes têm em tocar e sentir as esculturas durante a visita. Essa liberdade de apreciar as esculturas pelo tato proporciona maior contato com o tema e uma nova visão de exposição, explorando o sensorial e aguçando os sentidos para a formação do pensamento crítico e a reflexão.

Tive a oportunidade de acompanhar os alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental I da *Escola de Aplicação da USP*. Tratava-se de um grupo de sessenta crianças com idade entre seis e sete anos, algumas delas já estavam pré-alfabetizadas, mas outras ainda estavam iniciando o primeiro contato com o universo das letras. O grupo foi dividido em três menores grupos de vinte crianças cada, para que a visita pudesse ocorrer com maior tranquilidade. Os grupos estavam bem familiarizados com o tema da exposição e principalmente com o processo de produção de esculturas em bronze.

Acompanhei também uma segunda escola, agora fazendo a monitoria e a mediação. Era uma escola da rede particular do ensino, a *Escola Gaivota*, que atende crianças do Ensino Infantil. Neste grupo as crianças ainda não estavam alfabetizadas, mas elas já conheciam o universo das letras. Desta vez fiz a monitoria de um grupo com

aproximadamente trinta crianças com idade entre cinco e seis anos. Dividi os momentos de monitoria com outros dois estudantes de Iniciação Científica. Formamos então um grupo de três monitores- mediadores que trabalham com o intuito de proporcionar às crianças maior interação durante a visitação.

Num primeiro momento pensamos em fazer um roteiro integrado juntamente com a visita ao LABRIMP, porém a proposta não pode ser colocada em prática por que infelizmente o tempo que a escola dispunha para a visita era muito curto. Então fizemos uma pequena conversa inicial com as crianças na parte externa da Biblioteca para que elas pudessem entender o porque de uma exposição de esculturas estarem dentro de uma biblioteca e não de um museu.

Digo que antes de participar observando e depois atuando durante as visitas, participei dos momentos de formação dados pela artista Sandra Guinle. Ela proporcionou uma formação no sentido de que nós, mediadores, pudéssemos abordar durante as visitas, o sentido da exposição, o brincar, o resgate da memória infantil e também relatar um pouco sobre o processo de produção das esculturas em bronze e as técnicas utilizadas por ela. Outro momento de formação foi proporcionado pela professora doutora Ermelinda Moutinho Pataca. Este teve como objetivo pensar e refletir sobre a prática e o desenvolvimento de atividades no museu, na biblioteca e no LABRIMP, utilizando um roteiro integrado de atividades, fazendo a articulação entre os três espaços de forma a proporcionar aos visitantes a possibilidade de conhecer a exposição e poder “passear” pelos diferentes espaços do pensar.

Todas essas experiências contribuíram para que eu me aproximasse da Educação Infantil ainda mais. Acompanhar os grupos nas monitorias foi primordial para a ampliação do meu olhar sobre as questões do aprendizado através do lúdico dentro do museu. Entender de que forma e quais foram as concepções utilizadas para criação do acervo e as contribuições que o museu proporciona. Dessa forma consegui realizar a organização das minhas ideias com relação a história do museu. O que trouxe para mim como iniciante no campo da pesquisa, uma grande satisfação.

Como aluna do curso de Licenciatura em Geociências e Educação Ambiental já havia trabalhado com monitoria e já havia desenvolvido e aplicado jogos e atividades extracurriculares em um projeto na Escola de Aplicação da USP, um projeto chamado Contra Turno de Geociências. Tive a oportunidade de estagiar durante quatro anos neste

projeto, sempre com crianças do Ensino Fundamental I. Acredito que foi neste projeto que tive meu primeiro contato com crianças na Educação. Também cumprindo a carga de estágio obrigatório pude acompanhar em uma creche municipal de São Paulo dois grupos de crianças da Educação Infantil. Me encantou na Educação Infantil a possibilidade trabalhar com o lúdico como ferramenta de ensino. De forma que todas essas contribuições transparecem no referido trabalho.

Entrevistas

Para a apuração dos dados acreditei ser apropriado estabelecer uma categorização para cada roteiro, levando em consideração agrupamentos de perguntas que se relacionassem a um tema. Já que cada roteiro possui questões distintas, mas que pretende de mesmo modo resgatar o histórico do museu por vias e olhares diferentes.

As quatro entrevistas realizadas nos deram respaldo para formular e organizarmos temporalmente o processo de institucionalização do museu e as relações que o MEB tem com o LABRIMP. As entrevistas foram feitas com base nos roteiros que seguem:

Para o roteiro 1, utilizado para a entrevista com a funcionário Ruth Elizabeth de Martin, tivemos as seguintes divisões em categorias.

Roteiro 1	
Eixo A	Histórico do museu
Eixo B	Relação LABRIMP- MEB espaços de aprendizado
Eixo C	Relação entre aprendizado infantil e o museu

Tabela1: eixos das questões para a composição do Roteiro 1

Roteiro 1. Utilizado para a entrevista com a ex- funcionária Ruth Elizabeth de Martin.

- 1- *Como surgiu o MEB?*
- 2- *Com que intenção o MEB foi criado? Quais seus objetivos?*
- 3- *Como aconteceu a doação do material de Alice Meirelles? Quais os significados deste material para o museu?*
- 4- *De que forma o museu se estruturou?*
- 5- *Qual sua relação e importância com o LABRIMP?*
- 6- *De que forma o LABRIMP e o MEB trabalham juntos?*
- 7- *Quando o MEB foi criado quais eram as expectativas com relação ao público? As expectativas foram alcançadas?*
- 8- *Qual o público de maior frequência?*
- 9- *De que forma o MEB trata a questão da interação entre objetos expostos e o público infantil que visita o museu?*
- 10- *Como o museu trata a questão do resgate da infância durante a visitação?*
- 11- *Com relação ao acervo do museu, quais as peças de maior significância?*
- 12- *O acervo do museu conta com quantos brinquedos, jogos?*
- 13- *O acervo conta com um grande acervo, muitos dos jogos e brinquedos nos levam ao passado e nos remetem a nossa própria infância. Como você enxerga esta relação de reconhecimento?*

Eixo A

Histórico do museu

Questões

- *Como surgiu o MEB?*
- *Com que intenção o MEB foi criado? Quais seus objetivos?*
- *Como aconteceu a doação do material de Alice Meirelles? Quais os significados deste material para o museu?*
- *De que forma o museu se estruturou?*
- *Quando o MEB foi criado quais eram as expectativas com relação ao público? As expectativas foram alcançadas?*
- *Qual o público de maior frequência?*

Eixo B

Relação LABRIMP- MEB espaços de aprendizado

<p>Questões</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Qual sua relação e importância com o LABRIMP?</i> • <i>De que forma o LABRIMP e o MEB trabalham juntos?</i>
<p>Eixo C</p> <p>Relação entre aprendizado infantil e o museu</p> <p>Questões</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>De que forma o MEB trata a questão da interação entre objetos expostos e o público infantil que visita o museu?</i> • <i>Como o museu trata a questão do resgate da infância durante a visitação?</i> • <i>Com relação ao acervo do museu, quais as peças de maior significância?</i> • <i>O acervo do museu conta com quantos brinquedos, jogos?</i> • <i>O acervo conta com um grande acervo, muitos dos jogos e brinquedos nos levam ao passado e nos remetem a nossa própria infância. Como você enxerga esta relação de reconhecimento?</i>

Tabela 2: Classificação das questões

Para o roteiro 2, utilizado para a entrevista com professora Doutora Tizuko Morchida Kishimoto, tivemos as seguintes divisões em categorias.

Roteiro 2	
Eixo D	Histórico do entrevistado
Eixo E	Histórico do museu
Eixo F	Relação entre aprendizado infantil e o museu

Tabela 3: eixos das questões para a composição do Roteiro 2

Roteiro 2. Utilizado para entrevista com a Professora Doutora Tizuko Morchida Kishimoto ex- coordenadora do MEB.

- 1- *Como aconteceu sua formação inicial?*
- 2- *Porque a escolha pela educação infantil?*
- 3- *Como se deu a escolha do tema de seu mestrado?*
- 4- *Indo agora para a época do seu Doutorado, por que a escolha pela escola Caetano de Campos como parte de sua pesquisa?*
- 5- *Com que intenção o MEB foi criado? Quais seus objetivos?*
- 6- *Como aconteceu a doação do material de Alice Meirelles? Quais os significados deste material para o museu?*
- 7- *De que forma o museu se estruturou?*
- 8- *Quando o MEB foi criado quais eram as expectativas com relação ao público? As expectativas foram alcançadas?*
- 9- *Há influências da prática de Alice Meirelles na forma como o museu trata o brincar como parte do aprendizado infantil?*
- 10- *Como podemos enxergar no MEB vestígios da prática docente da professora Alice Meirelles Reis?*
- 14 - *Como o brincar está associado ao aprender no museu?*
- 15 - *Dentre os jogos e brinquedos pertencentes ao acervo do museu há algum ou alguns que se destaca, ou seja, o visitante no caso uma criança, demonstre maior interesse quando a visita é mediada?*
- 16 *Podemos dizer que o museu consegue resgatar naqueles que o visita a infância de outrora. Acredita que rememorar tais momentos pode fazer com que entendamos e respeitemos o tempo do brincar de uma criança?*
- 17 - *Como acontece a formação dos monitores?*

Eixo D

Histórico do entrevistado

Questões

- *Como aconteceu sua formação inicial?*
- *Porque a escolha pela educação infantil?*
- *Como se deu a escolha do tema de seu mestrado?*
- *Indo agora para a época do seu Doutorado, por que a escolha pela escola Caetano de Campos como parte de sua pesquisa?*

Eixo E

Histórico do museu

Questões

- *Com que intenção o MEB foi criado? Quais seus objetivos?*
- *Como aconteceu a doação do material de Alice Meirelles? Quais os significados deste material para o museu?*
- *De que forma o museu se estruturou?*
- *Quando o MEB foi criado quais eram as expectativas com relação ao público? As expectativas foram alcançadas?*

Eixo F

Relação entre aprendizado infantil e o museu

Questões

- *Há influências da prática de Alice Meirelles na forma como o museu trata o brincar como parte do aprendizado infantil?*
- *Como podemos enxergar no MEB vestígios da prática docente da professora Alice Meirelles Reis?*
- *Como o brincar está associado ao aprender no museu?*
- *Dentre os jogos e brinquedos pertencentes ao acervo do museu há algum ou alguns que se destaca, ou seja, o visitante no caso uma criança, demonstre maior interesse quando a visita é mediada?*
- *Podemos dizer que o museu consegue resgatar naqueles que o visita a infância de outrora. Acredita que rememorar tais momentos pode fazer com que entendamos e respeitemos o tempo do brincar de uma criança?*
- *Como acontece a formação dos monitores?*

Tabela 4: Classificação das questões

Para o roteiro 3, utilizado para a entrevista com o ex- funcionário Daniel Ferraz Chiozzini, tivemos as divisões nos seguintes eixos.

Roteiro 3	
Eixo G	Histórico do entrevistado
Eixo H	Histórico do museu
Eixo I	Relação entre aprendizado, mediação, formação de professores e mediadores.

Tabela 5: eixos das questões para a composição do Roteiro 3

Roteiro 3. Utilizado para a entrevista com Daniel Ferraz Chiozzini ex- funcionário do MEB

- 1- *Como aconteceu sua formação inicial?*
- 2- *Qual sua atuação no momento?*
- 3- *Como se aproximou do tema, infância?*
- 4- *Quais as mudanças ou inovações você trouxe para o museu?*
- 5- *De que forma o museu se estruturou?*
- 6- *Qual sua relação e importância com o LABRIMP e o MEB?*
- 7- *De que forma o Labrimp e o MEB trabalham juntos?*
- 8- *De que maneira você vê o Museu?*
- 9- *Como realizou o trabalho de classificação e catalogação do acervo?*
- 10- *Como professor de História, como você enxerga a relação entre a história de objetos do acervo e as exposições que aconteceram enquanto trabalhou no MEB?*
- 11- *De que forma o MEB trata a questão da interação entre objetos expostos e o público infantil que visita o museu?*
- 12- *Como o brincar está associado ao aprender no museu?*
- 13- *De que forma o museu trata a relação do ensino de Ciências e as representações nos jogos, brincadeiras e brinquedos?*

- 14- *Como o museu trata a questão do resgate da infância durante a visitação?*
- 15- *Dentre os jogos e brinquedos pertencentes ao acervo do museu há algum ou alguns que se destaca, ou seja, o visitante no caso uma criança, demonstre maior interesse quando a visita é mediada?*
- 16- *Podemos dizer que o museu consegue resgatar naqueles que o visita a infância de outrora. Acredita que lembrar tais momentos pode fazer com que entendamos e respeitemos o tempo do brincar de uma criança?*
- 17- *O MEB conta com um grande acervo, muitos dos jogos e brinquedos nos levam ao passado e nos remetem a nossa própria infância. Como você enxerga esta relação de reconhecimento?*
- 18- *Quais os significados do resgate da memória no museu?*
- 19- *Como acontecia a formação dos monitores?*
- 20- *Como você vê a pesquisa no espaço do MEB e Labrimp? Quais os potenciais temas e abordagens de pesquisa no Labrimp e no MEB?*
- 21- *O que você levou de experiência ao sair do museu?*

Eixo G

Histórico do entrevistado

Questões

- *Como aconteceu sua formação inicial?*
- *Qual sua atuação no momento?*
- *Como se aproximou do tema, infância?*

Eixo H

Histórico do museu

Questões

- *Quais as mudanças ou inovações você trouxe para o museu?*
- *De que forma o museu se estruturou?*
- *Qual sua relação e importância com o LABRIMP e o MEB?*
- *De que forma o Labrimp e o MEB trabalham juntos?*
- *De que maneira você vê o Museu?*
- *Como realizou o trabalho de classificação e catalogação do acervo?*
- *Como professor de História, como você enxerga a relação entre a história de objetos do acervo e as exposições que aconteceram enquanto trabalhou no MEB?*
- *De que forma o MEB trata a questão da interação entre objetos expostos e o público infantil que visita o museu?*

Eixo I

Relação entre aprendizado, mediação, formação de professores e mediadores.

Questões

- *Como o brincar está associado ao aprender no museu?*
- *De que forma o museu trata a relação do ensino de Ciências e as representações nos jogos, brincadeiras e brinquedos?*
- *Como o museu trata a questão do resgate da infância durante a visita?*
- *Dentre os jogos e brinquedos pertencentes ao acervo do museu há algum ou alguns que se destaca, ou seja, o visitante no caso uma criança, demonstre maior interesse quando a visita é mediada?*
- *Podemos dizer que o museu consegue resgatar naqueles que o visita a infância de outrora. Acredita que rememorar tais momentos pode fazer com que entendamos e respeitemos o tempo do brincar de uma criança?*
- *O MEB conta com um grande acervo, muitos dos jogos e brinquedos nos levam ao passado e nos remetem a nossa própria infância. Como você enxerga esta relação de reconhecimento?*
- *Quais os significados do resgate da memória no museu?*
- *Como acontecia a formação dos monitores?*

- *Como você vê a pesquisa no espaço do MEB e Labrimp? Quais os potenciais temas e abordagens de pesquisa no Labrimp e no MEB?*
- *O que você levou de experiência ao sair do museu?*

Tabela 6: Classificação das questões

Para o roteiro 4, utilizado para a entrevista com a ex- funcionária Jany Elizabeth Pereira, tivemos os eixos:

Roteiro 4	
Eixo J	Histórico do Entrevistado
Eixo K	Histórico do museu
Eixo L	Relação entre: formação de professores, mediação, formação de monitores, aprendizado.

Tabela 7: eixos das questões para a composição do Roteiro 4

Roteiro 4. Utilizado para a entrevista com Jany Elizabeth Pereira ex- funcionária do MEB.

- 1- *Como aconteceu sua formação inicial?*
- 2- *Qual sua atuação no momento?*
- 3- *Como se aproximou do tema, infância?*
- 4- *Que mudanças ou inovações você trouxe para o museu?*
- 5- *Qual sua relação e importância com o LABRIMP e o MEB?*
- 6- *De que forma o Labrimp e o MEB trabalham juntos?*
- 7- *De que maneira você vê o Museu?*
- 8- *Como realizou o trabalho de classificação e catalogação do acervo?*
- 9- *No período que esteve no museu quais as exposições ou atividades que foram realizadas?*
- 10- *De que forma o MEB trata a questão da interação entre objetos expostos e o público infantil que visita o museu?*

- 11- *Como o brincar está associado ao aprender no museu?*
- 12- *De que forma o museu trata a relação do ensino de Ciências e as representações nos jogos, brincadeiras e brinquedos?*
- 13- *Como o museu trata a questão do resgate da infância durante a visitação?*
- 14- *Dentre os jogos e brinquedos pertencentes ao acervo do museu há algum ou alguns que se destaca, ou seja, o visitante no caso uma criança, demonstre maior interesse quando a visita é mediada?*
- 15- *Podemos dizer que o museu consegue resgatar naqueles que o visita a infância de outrora. Acredita que rememorar tais momentos pode fazer com que entendamos e respeitemos o tempo do brincar de uma criança?*
- 16- *O acervo conta com um grande acervo, muitos dos jogos e brinquedos nos levam ao passado e nos remetem a nossa própria infância. Como você enxerga esta relação de reconhecimento?*
- 17- *Quais os significados do resgate da memória no museu?*
- 18- *Como acontecia a formação dos monitores?*
- 19- *Como você vê a pesquisa no espaço do MEB e Labrimp? Quais os potenciais temas e abordagens de pesquisa no Labrimp e no MEB?*
- 20- *O que você levou de experiência ao sair do museu?*

Roteiro 4
<p>Histórico do Entrevistado</p> <p>Questões</p> <ul style="list-style-type: none"> ● <i>Como aconteceu sua formação inicial?</i> ● <i>Qual sua atuação no momento?</i> ● <i>Como se aproximou do tema, infância?</i>
<p>Histórico do museu</p> <p>Questões</p> <ul style="list-style-type: none"> ● <i>Que mudanças ou inovações você trouxe para o museu?</i> ● <i>Qual sua relação e importância com o LABRIMP e o MEB?</i> ● <i>De que forma o Labrimp e o MEB trabalham juntos?</i> ● <i>De que maneira você vê o Museu?</i>

- *Como realizou o trabalho de classificação e catalogação do acervo?*
- *No período que esteve no museu quais as exposições ou atividades que foram realizadas?*

Relação entre: formação de professores, mediação, formação de monitores, aprendizado.

Questões

- *De que forma o MEB trata a questão da interação entre objetos expostos e o público infantil que visita o museu?*
- *Como o brincar está associado ao aprender no museu?*
- *De que forma o museu trata a relação do ensino de Ciências e as representações nos jogos, brincadeiras e brinquedos?*
- *Como o museu trata a questão do resgate da infância durante a visitação?*
- *Dentre os jogos e brinquedos pertencentes ao acervo do museu há algum ou alguns que se destaca, ou seja, o visitante no caso uma criança, demonstre maior interesse quando a visita é mediada?*
- *Podemos dizer que o museu consegue resgatar naqueles que o visita a infância de outrora. Acredita que rememorar tais momentos pode fazer com que entendamos e respeitemos o tempo do brincar de uma criança?*
- *O acervo conta com um grande acervo, muitos dos jogos e brinquedos nos levam ao passado e nos remetem a nossa própria infância. Como você enxerga esta relação de reconhecimento?*
- *Quais os significados do resgate da memória no museu?*
- *Como acontecia a formação dos monitores?*
- *Como você vê a pesquisa no espaço do MEB e Labrimp? Quais os potenciais temas e abordagens de pesquisa no Labrimp e no MEB?*
- *O que você levou de experiência ao sair do museu?*

Assim, a partir dos eixos problematizadores pude pensar nas estruturas dos roteiros de forma a facilitar a obtenção dos dados que comporiam a pesquisa. De modo que poderemos ver adiante de que forma construí a análise das entrevistas.

Com a transcrição da entrevista de Ruth de Martin, pude compreender sobre a rotina do LABRIMP, e o uso do espaço como brinquedoteca. A criação do laboratório e do museu aconteceu de modo conjunto, primeiro veio o LABRIMP e em seguida o MEB.

Com a constituição do LABRIMP e do MEB, temos que entender de que forma o acervo do MEB foi originado, saber como aconteceu o processo de aquisição dos jogos, brinquedos e outros materiais que compõem o acervo.

Então quando perguntamos para Ruth sobre como acontecia a aquisição dos materiais do acervo, tivemos a seguinte explicação:

[Um acervo de brinquedos e jogos, materiais pedagógicos antigos, um acervo de fotos e também um volume, 8 volumes de um material chamado: *brincadeiras tradicionais do Brasil*. Esse material estava, todo assim em alguns armários e com isso eu me recordo que a professora Tizuko Kishimoto, que é coordenadora do LABRIMP, ela pediu que assim eu tomasse pé da situação toda, como funcionava o LABRIMP eu começasse a identificar aquele material, aquele acervo, alguns deles tinha uma fichinha, uma fichinha assim trabalhava com fichamentos mesmo. Já tinha um material identificado que era o material Montessori o material Decroly e algumas fotografias principalmente da professora Alice Meirelles Reis e falando também de toda a educação infantil em São Paulo, então assim este material já estava identificado porém tinham muitos brinquedos jogos, é materiais assim de seriam o chamado brinquedo educativo e eles estavam em caixas todos fora de ordem e assim que comecei a trabalhar no ano de 1994 comecei a identifica-los, aqueles que tinham o nome do doador, eu comecei a buscar na lista telefônica os dados do doador e tentar recuperar essa memória, no caso de quem doou] (Relatório Parcial, anexos, p. 22).

Este acervo que teve sua organização iniciada com Ruth, também conta com exemplares de jogos e brinquedos históricos. De modo que o museu teve seu início a partir desse material que estava anteriormente no LABRIMP.

O Laboratório de Brinquedos vem atuando desde sua criação como espaço de brinquedoteca e de empréstimo de jogos e brinquedos que fazem parte do acervo. O LABRIMP tem mantido esta prática até os dias atuais, também é um local de pesquisas em Educação Infantil, muito utilizado não só pelos alunos de graduação em Pedagogia da FEUSP, mas também para alunos de Pedagogia de outras instituições de Ensino.

Quando a Ruth foi perguntada sobre como o MEB e LABRIMP trabalham juntos com prática de empréstimos de jogos e brinquedos e visitas á exposição. Vemos que a prática está pautada nos moldes europeus.

O museu se estruturou a partir da pesquisa que a Ruth realizou sobre como os museus deveriam ser organizados e qual o tipo de museu ele se enquadraria.

[...que em 1998 é que abriu uns projetos junto a universidade, junto á FAPESP, pra que a gente conseguisse verba pra mobiliar lugares de acervo, lugares de exposição. Aí nós pegamos tudo o que tinha já escrito sobre museus, sobre suas visitas como eles estavam se constitui e fomos pondo tudo na forma de projeto e mandamos para a FAPESP e escrevemos nossa necessidade. Eu lembro que foi uma correria eu fui até o MAC, aqui na USP medir as prateleiras as cristaleiras [vitrines], como eles dispunham, fui ao MAE. Tanto que as estantes do MEB lembram muito as estantes do MAE...] (Relatório parcial, anexos p. 25)

[Aí que a gente acabou fazendo todo um estudo sobre esse olhar educativo que o museu acaba nos dando. Nós percebemos assim, eu acabei fazendo um curso que se chama Museologia e Educação lá no MAE... Aí fui descobrir que o nosso museu ele é muito ligado ao museu didático, então assim foi algo muito interessante também descobrir esta questão do que dava para explorar nesse museu] (Relatório parcial, anexos p.25).

Em entrevista com a professora Tizuko, ao ser perguntada sobre como o museu surgiu, ela completa o relato sobre o surgimento do museu e a constituição do acervo de forma mais aprofundada, pois através de sua pesquisa consegue trazer novos horizontes sobre o que acredita ser ideal para a criação de museus e brinquedotecas.

[Quando a gente vai à França tem lá a Cité des Enfants (Cidade das Crianças) com dois andares só de brincadeiras onde a Ciência e a exploração, a ação e a operação da criança servem para introduzir as crianças nas experiências que dão base para aquisição de noções e conceitos de Ciência] (Relatório parcial, anexos, p. 39).

[O museu surgiu por conta também de toda uma configuração internacional que criava brinquedoteca nos anos 60 na Europa. A primeira brinquedoteca foi criada em 1935, nos Estados Unidos, em Los Angeles, período da depressão econômica...] (Relatório parcial, anexos, p.2).

Essa concepção trazida para o Brasil inova quando falamos em constituição de museus. Na década de 80, no Brasil não havia nada parecido. Esses moldes de brinquedotecas e museus integrados eram conhecidos na Europa como Toy Library. Como explicitado pela professora Tizuko.

[As crianças estavam acostumadas a ter muitos brinquedos, mas com as dificuldades financeiras dos pais elas deixaram de recebe-los. O que elas começaram a fazer? Elas começaram a ir até a loja da esquina, e começaram a roubar pequenas pecinhas para construir brinquedos. O proprietário da loja começou a observar essa situação e percebeu que se tratavam

de crianças de famílias ricas, de escolas particulares com boas notas! Os pais passavam por dificuldades financeiras e não podiam comprar brinquedos. O lojista vai até a prefeitura para sugerir ao prefeito a criação de um tipo de biblioteca onde se empresta brinquedos para as crianças. O prefeito aceita a ideia. Então a primeira brinquedoteca com empréstimos de brinquedos, Toy Library, que é uma brinquedoteca de brinquedos, foi criada exatamente nos anos 30, fruto da depressão americana e de problemas financeiros. Essa primeira brinquedoteca ela ficou sozinha por um bom tempo. Só a partir dos anos 60 que a Europa começou a ver essa proposta como uma coisa interessante, e começaram a criar as brinquedotecas na comunidade. E junto com a brinquedoteca eles criavam também o museu. Normalmente o mesmo grupo que criava a brinquedoteca já criava o museu ao lado]. (Relatório parcial, anexos, p.41).

Tais inovações também acabaram trazendo uma reflexão diferente sobre a elaboração de atividades educacionais em espaços museológicos. No Brasil o conceito de brinquedotecas integradas à museus chegou somente nos anos 80. A professora Tizuko relata sobre os dois tipos de brinquedotecas trazidas ao Brasil via a participação de docentes, principalmente Nilce Cunha ⁽¹⁾, em congressos internacionais, estes tiveram um papel central para a configuração das brinquedotecas e ludotecas criadas no Brasil.

[E esse movimento de criação de brinquedoteca chegou ao Brasil nos anos 80, por conta do impacto dos congressos internacionais, de participação, inicialmente de Nilce Cunha, que era uma professora que trabalhava com crianças com deficiência, ela tinha uma escola com crianças autistas, deficientes mentais, e trabalhava também na APAE. A brinquedoteca na Europa começa a apresentar outras tipologias: existia a brinquedoteca criada na comunidade (toy library) e outra especializada para atender crianças com deficiências mentais (Lekotec) Essa nova modalidade é criada por uma sueca que tinha dois filhos com deficiência. Ao aliar o poder do brinquedo para educar essas crianças deficientes, ela cria uma ludoteca especializada para atendimento a crianças especiais. Então de um lado você tinha o eixo das ludotecas mais voltadas para atendimento à educação especial e de outro lado você tinha as ludotecas para as crianças brincarem]. (Relatório parcial, anexos, p.41).

[Então de um lado você tinha o eixo das ludotecas mais voltadas para a educação especial e de outro lado você tinha as ludotecas mais para as crianças brincarem. E paralelamente começam também a surgir museus tendo brinquedos como um espaço para as crianças terem a cultura lúdica, a experimentação]. (Relatório parcial, anexos, p. 41).

[Ao participar de eventos internacionais sobre toy library ou ludotecas, nos anos 1980 Nilce Cunha adquiriu o *know how* para criar aqui em São Paulo, uma brinquedoteca para educação especial. Nessa época, havia uma discussão sobre a necessidade de criar brinquedotecas e o governo do Estado de São Paulo tomou a iniciativa de criar seis brinquedotecas no Estado de São Paulo como projetos geradores de outras brinquedotecas. Então a ideia era pelo menos colocar no Estado de São Paulo seis, isso em 1982. Quando eu fui atrás do projeto, eu argumentei sobre a necessidade de dispor de uma brinquedoteca na Faculdade da Educação para formar professores e foi concedida. Foi assim que surgiu a

brinquedoteca aqui da Faculdade de Educação, que foi a única que sobrou das seis primeiras.] (Relatório parcial, anexos, p.43).

De forma que o papel de docentes pesquisadores foi fundamental para a instalação das primeiras brinquedotecas em nosso país e que a concepção de brinquedoteca também está intimamente ligada á necessidade de uma sociedade que passava por momentos de pós – crise. Podemos dizer que o momento social vivido naquele período de crise econômica mundial, foi o motivador de ideias para amenizar a necessidade que as crianças tinham em possuir brinquedos.

(1) Nilce Cunha foi professora da Escola Indianópolis, escola particular do Estado de São Paulo e trabalhou também na APAE - Associação de Pais e Amigos da Escola.

Entender o conceito de brinquedoteca foi primordial para o prosseguimento das entrevistas, pois a partir dessas informações foi possível chegar á compreensão da construção do MEB e sua ligação com o LABRIMP.

Refletindo sobre os eixos problematizadores da pesquisa, me atendo a dois eixos levantados, o *eixo B, Relação LABRIMP – MEB como espaços de aprendizado* e o *eixo C, Relação entre aprendizado infantil e o museu*, estes encontram-se no Roteiro 1, em entrevista com Ruth. Esse levantamento aponta como a relação do LABRIMP com o MEB pode induzir para a produção do conhecimento e do aprendizado. Nesta perspectiva busquei em Ruth, respaldo para esclarecer minhas ideias. Então quando respondeu ás perguntas: *Qual sua relação e importância com o LABRIMP? De que forma o LABRIMP e o MEB trabalham juntos?* Extraí os trechos que mostram a visão da entrevistada sobre as temáticas.

[A gente fazia uma agenda só os grupos vinham com duas, as escolas marcavam duas salas de aula por período. Vamos supor, o período da manhã marcou duas salas de trinta crianças cada uma. Uma turma passava pelo museu e a outra vinha pro LABRIMP, quando estas turmas terminavam uns dez minutos antes de terminar a atividade elas paravam aí elas geralmente passavam no banheiro, comiam um lanche alguma coisa e em seguida trocavam de atividade. Então como era feito? Tinha um monitor, bolsista que ele era treinado para, ele conhecia todo o acervo ali exposto e ele ia contando para a criança sobre essa história.] (Relatório parcial, anexos, p. 28- 29).

[É incrível por que, a coisa mais fantástica que a gente descobriu que tem crianças que nunca tinha parado para pensar, perceber que os pais foram crianças, que infelizmente o diálogo dentro de casa é tão pobre que as crianças acham que vem tudo pronto. E de repente agente lembrava: se sabe as pessoas que você mora junto que são adultas, então quando elas eram crianças elas

brincavam disso e daquilo. Aquilo é mais antiquinho, já é da época da vovó. E as crianças assim, principalmente as crianças do pré - escolar nem sempre ela tem esse conhecimento então assim acabava sendo uma provocação para que o diálogo dentro de casa acontecesse. Então, assim tinha toda uma intenção de provocar isso. Provocando as professoras também: olha dá pra você trabalhar memória de família nessas crianças e buscar, um pouquinho a memória de família...] (Relatório parcial, anexos, p. 28- 29).

[...então no museu tinha essa intenção que não é a mesma coisa no LABRIMP. O LABRIMP iria por uma outra linha né que ele tem a pesquisa dele, a pesquisa principal dele é o que que as crianças traz, a cultura dela para dentro da brincadeira. E como ela interage com as demais e troca essas informações então tem um outro foco. Diferente do museu. E a gente percebia que isso que quando agente recebia os grupos a gente acabava fazendo esses trabalhos devolutivos e a gente sabia que era uma forma devolutiva que as escolas davam tinham mexido com os professores de uma forma que eles começavam a fazer outra reflexão, até sobre a sua própria prática.] (Relatório parcial, anexos, p. 28- 29).

Fazendo uma leitura mais aprofundada sobre as questões, podemos perceber que para a entrevistada o laboratório e o museu possuem rotinas diferentes e práticas distintas, mas podemos perceber que apesar das diferenças, cada um colabora e complementa as atividades que são propostas para cada espaço. As contribuições neste caso estão voltadas para a produção do saber através do lúdico. No aprendizado infantil são trabalhadas as questões das relações sociais e o reconhecimento do indivíduo dentro de uma estrutura familiar, desempenhando um papel importante nas relações de desenvolvimento do cidadão na sociedade. O lúdico que se encontra presente nestes espaços é utilizado como ferramenta facilitadora do aprendizado. DIAS (2013, p.6) considera que:

O lúdico é um instrumento que permite a inserção da criança na cultura, por meio do qual podem permear suas vivências internas com a realidade externa. É um facilitador para a interação com o meio, embora seja muito pouco explorado.

Nesta perspectiva podemos considerar que tanto o MEB quanto o LABRIMP, são espaços que vem proporcionando aos visitantes, a possibilidade de desenvolver um pensamento crítico e reflexivo sobre a sociedade na qual estão inseridos.

Sobre as questões que envolvem o eixo F do roteiro 2 utilizado na entrevista com a professora Tizuko, eixo que tenta explorar a *Relação entre aprendizado infantil e o*

museu, podemos perceber que a partir da fala da entrevistada alguns pontos cruciais da pesquisa puderam ser esclarecidos. Quando perguntada sobre de que forma o brincar está associado ao aprender no museu, a resposta foi:

[Quando você tem uma monitoria tanto adulto como criança eles estão lá e estão adquirindo informações enquanto estão brincando. E onde eles vão brincar? No espaço da brinquedoteca. Então para brincar é preciso sair do museu. Por que o museu não tem espaço para a brincadeira. Em outros países tem, nós aqui não temos. Então eu sempre fiz uma costura que quando tem crianças, as crianças necessariamente passam pela exposição depois vão ter uma oficina de brincadeira no espaço da brinquedoteca, isso era fundamental, isso funcionava muito bem.] (Relatório parcial, anexos, p.68).

Esta questão da relação entre as atividades desenvolvidas no MEB e no LABRIMP é essencial para que possamos realizar a ponte entre as atividades desenvolvidas nas exposições no MEB e o aprendizado.

Chegando nos eixos I e L *Relação entre aprendizado, mediação, formação de professores e mediadores*, que está presente no roteiro 3 e 4 respectivamente nas entrevistas com Daniel Chiozzini e Jany Pereira, penso em tentar desvendar de que maneira aconteciam os momentos de formação, tanto de professores como de mediadores.

Os entrevistados ao serem perguntados sobre como o brincar está associado ao aprender no museu deixam bem claro como se deu a relação entre aprendizado pelo lúdico nas ações mediadas. As falas de Daniel parece estar bem seguras no que se refere ao assunto.

[...por trás daqueles jogos, e aí nos jogos de tabuleiro isso é muito, enfim isso é mais explícito né. Então tem lá, tinha o jogo da vida que tem uma série de valores que estão sendo transmitidos no jogo da vida. E o jogo da vida ele tem várias versões. Tem o jogo da vida do Harry Potter, o jogo da vida, o tradicionalzão e mais antigo que foi sendo reeditado, reelaborado e tal. O banco imobiliário, enfim tinha um conjunto de jogos de tabuleiro e agente discutia na visita monitorada que a gente fazia, a gente discutia exatamente esses valores que o jogo transmite. Tinha o jogo de baralho bem interessante, um baralhinho simples que era dos anos trinta, mas que era de animais era casalzinho. Era de animais, exemplo era o patinho e uma patinha, um elefante e uma elefoa, enfim, um cachorrinho e uma cachorrinha. E naquele baralhinho você tem toda uma representação do que é o macho e a fêmea. E os animais estão paramentados e humanizados. Os homens eles estão, assim, de boné fumando muitos deles fumando. A mulher, digamos assim, elas estão sempre fazendo coisa da casa. Então sempre estão tricotando, cuidando das crianças, lavando uma louça e os homens sempre fumando ou

lendo jornal. Então você tem em todo aquele brinquedo uma representação do que é o universo masculino e o universo feminino.] (Anexos, p. 96)

[O brinquedo é algo associado unicamente ao universo do entretenimento ou não. Então o que tem a mais? O que tem atrás de um brinquedo? A história dele como um objeto, produto de uma cultura xis]. (Anexos p, 96).

Jany argumenta que as atividades que desenvolvia no museu estavam pautadas na exploração do brincar, como uma atividade reflexiva da prática docente.

[Então quando eu comecei a trabalhar no museu pra ficar lá o tempo todo. Então eu comecei a pensar num trabalho mesmo de pensar no museu. Então a gente escreveu projetos para: COSEAS, para bolsa trabalho, para a Cultura e Extensão abrimos pros estágios aqui na Faculdade de Educação. A gente recebeu vários alunos que faziam Pedagogia e foram fazer estágio lá. E aí a gente começou a pensar o trabalho do museu, a gente começou a pensar essas escolas que iam lá pra levar as crianças, né, pra fazer a visita à exposição e o que naquele momento era chamado de resgate de brincadeiras, que eram brincadeiras lá fora que aconteciam com as crianças com brinquedos tradicionais, eu na minha trajetória de pensar então a formação de professores, eu comecei a discutir com essa equipe que estava comigo, o que era que estava acontecendo lá. Por que a gente recebia os professores, e aí essa aproximação que vocês estão do tema da infância, a gente via que no discurso das escolas o brincar ele estava muito presente, mas quando eles chegavam isso não acontecia efetivamente]. (Anexos, p.120).

A construção da ideia de mediação no museu foi sendo desenvolvida a partir dos trabalhos que os funcionários, Daniel e Jany, passaram a elaborar no decorrer dos anos que estiveram no museu. A mediação sempre foi tratada por eles como um elemento construtor de ideias e de interação entre os grupos. Tanto Daniel como Jany conseguiram abordar a mediação como um fator primordial para que as visitas acontecessem da melhor maneira. Para isso proporcionaram aos monitores que trabalharam como bolsistas momentos de formação que tinham como prática a reflexão sobre as atividades que eram desenvolvidas e primordialmente o trabalho com a reflexão da própria prática.

Os dois ex- funcionários são formados em História, por tanto possuem uma visão diferenciada sobre os objetos que o museu possui em seu acervo.

O valor histórico e os significados dos objetos que compõe o acervo são vistos por eles sob um olhar da historicidade de cada objeto que ali se encontra. Claro que cada um deles abordava e tratava de forma diferente os momentos de formação e mediação dos monitores. Daniel que possui um curso do LabJor, pós-graduação Latu

Sensu de Jornalismo Científico, conseguiu visualizar dentro do museu as variadas possibilidades de abordar e tratar os objetos que eram expostos. A influência da sua experiência no LabJor, pôde ser percebida no modo que relatou como ele organizava as exposições. Para Daniel as exposições eram elaboradas em temáticas, ou seja, as vitrines eram organizadas por temas, como por exemplo: objetos indígenas, meios de transporte, etc. Considerava importante acontecer a articulação com os outros espaços da Faculdade, como: a biblioteca, o LABRIMP, o Centro de Memória e o Pontão de Cultura. Tanto que uma das articulações aconteceu com a biblioteca da FEUSP, onde levou algumas vitrines para serem expostas. As vitrines ficaram num espaço onde os estudantes da FEUSP e de outros cursos pudessem visualizar e se interessar em conhecer o museu, era uma estratégia de convite ao público. Um chamariz para aqueles que ainda não tiveram a oportunidade de conhecer o museu pudessem passar a conhecer.

A estratégia de Daniel era realizar a visita no MEB, LABRIMP e também outros espaços.

[Quando tinha as visitas monitoradas de alunos da Faculdade, a gente pensava coisas junto, de visitar o museu, de visitar o centro de memória e de visitar o LABRIMP.]. (Anexos)

Os trabalhos que Jany desenvolveu estavam voltados para outros propósitos. De acordo com o trecho retirado da entrevista concedida por ela podemos constatar tal fato. De maneira que no período que a Jany estava a frente do museu o perfil do público mudou.

[A gente estava num movimento grande de pensar essa formação dos professores. Quando eu entrei para o museu, as visitas aconteciam voltadas para as crianças, isso no museu. Tinha sim grupos que visitavam o LABRIMP e que faziam um trabalho de conhecer a brinquedoteca, mas o museu era mais só visitar a exposição. E a gente começou a pensar como que a própria temática do brincar e isso que estava emergindo, que era o pensar. O professor que vem com seus alunos, quais são as discussões do brincar que ele suscita. A gente está vivendo todas essas dificuldades do professor, de se envolver, de se envolver efetivamente com a brincadeira. Então a gente começou a pensar as visitas no museu também para os professores.] (Anexos, 123).

Assim podemos considerar que o MEB passou por várias transformações no decorrer dos anos de atendimento ao público, foram vários os trabalhos elaborados

pelos ex-funcionários e monitores-bolsistas, que estavam sempre na tentativa de proporcionar ao visitante uma experiência única e motivadora. Ao realizar as formações com os monitores- mediadores, Daniel e Jany estavam preocupados em produzir nestes aprendizes a reflexão da própria prática, já que muitos deles eram estudante do curso de Pedagogia da FEUSP.

Histórico do MEB

O histórico do MEB foi elaborado com base nas entrevistas e no levantamento bibliográfico. Sendo que a primeira parte foi constituída pelas entrevistas concedidas e a segunda parte foi gerada a partir do material – arquivo cedido por Daniel Ferraz Chiozzini.

Parte I. Conhecendo as origens do MEB

Para o desenvolvimento e a compreensão do projeto de pesquisa acredito ser importante que se faça uma elucidação da história do museu e suas articulações com o LABRIMP. Farei uma divisão temporal antes do ano de 1999 e após este ano quando o museu foi inaugurado. Assim a seguir farei o relato detalhado do histórico do museu e as suas origens.

Começo criando uma cronologia do MEB em algumas datas marcantes ou fases. Preciso dizer que o museu surgiu da uma necessidade de conservar brinquedos e doações que o LABRIMP recebia e que não tinha condições de armazenar da forma adequada. Isso por que muitas das doações tinham um valor histórico, sendo assim nada melhor do que existir um local para que essas doações pudessem estar seguras e ao mesmo tempo em que pudessem ser utilizadas de alguma forma como instrumento ou ferramenta de ensino para os licenciandos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação. Lembro que a doação da Professora Alice Meirelles Reis teve grande importância para a existência do museu.

Início este histórico no ano de 1984, mês de fevereiro, quando o LABRIMP foi criado e ainda não tinha esse nome, ele era chamado de Centro de Brinquedos e Materiais Pedagógicos (CEBRIMP). A criação do museu estava dentro dos planos. Quando o LABRIMP surgiu, a intenção era que o museu e o Centro pudessem trabalhar em conjunto. Essa informação pode ser constatada na fala da professora Tizuko Morchida Kishimoto .

[Antes eu preciso contar também a parte da história que justificava a ligação entre o laboratório e o museu. Como eu estava dizendo para vocês, já havia uma prática desde os anos 60, na Europa, de criar museus próximos às brinquedoteca].

[...] Na época se chamava CEBRIMP (Centro de Estudos de Brinquedos e Materiais Pedagógicos). Só que essa denominação não foi aceita pelos órgãos da USP. Porque na época todo Centro, conforme regimento aqui da universidade, normalmente é um grande projeto, que requer a presença de uma diretoria executiva, uma financeira e uma científica, com autonomia. Nós não tínhamos uma autonomia financeira, autonomia de gestão, nem diretoria executiva. Não tínhamos nem dinheiro, nem espaço, funcionários, nada! Então não poderia ser CEBRIMP, então teria que ser um laboratório especializado no brinquedo e no material pedagógico. E desde então o nome adotado: laboratório. Foi o primeiro laboratório criado aqui na Faculdade da Educação, pois não existia nenhum outro. (Relatório Parcial, anexos p. 41).

O LABRIMP é um laboratório de desenvolvimento de pesquisas em Educação que recebe e atende crianças das escolas do entorno e da região de São Paulo, com o intuito de proporcionar aos licenciandos de Pedagogia a possibilidade de desenvolver e aprimorar seus conhecimentos na área pedagógica. Funciona também como uma brinquedoteca e como um centro de referência em estudo sobre ensino e Pedagogia.

Em 1985 o CEBRIMP passou a ser chamado de LABRIMP, Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos, por causa da regulamentação existente na Faculdade de Educação. Com a criação do LABRIMP como laboratório de pesquisa e prática para os alunos do curso de graduação em Pedagogia, vários brinquedos passaram a ser doados para o espaço, de modo que algumas doações que chegavam eram de brinquedos que possuíam um valor histórico reconhecido. Estes brinquedos então eram colocados em uma sala ao lado do espaço do LABRIMP, para que ficassem resguardados. Viu-se então a necessidade do quanto antes que o espaço do museu fosse aberto. O espaço do LABRIMP vinha sendo coordenado pela Professora Doutora Tizuko Kishimoto, idealizadora do Laboratório e também do museu.

No ano de 1994, por tanto dez anos após a criação do LABRIMP a Faculdade abriu edital com vaga para um funcionário para o espaço do LABRIMP, que ainda não tinha um profissional que dedicasse tempo integral às atividades do espaço. Com a chegada da nova contratada, Ruth Elizabeth de Martin os brinquedos que já existiam no LABRIMP e o trabalho de catalogação e classificação dos materiais puderam ser

continuados com maior intensidade. Podemos verificar na fala de Ruth quando as atividades no LABRIMP iniciaram e também sobre como a organização primária do acervo do MEB aconteceu.

[E foi aí que em 1985, em fevereiro de 85, é que foi aprovado pela Congregação e pela Faculdade, um documento em que previa que o LABRIMP iria constituir um espaço com brinquedoteca, um acervo bibliográfico sobre brinquedos e jogos com o trabalho de um museu de brinquedos, por que já tinha naquele tempo, a professora Tizuko e outros professores da faculdade para partir da equipe inicial, já tinham essa intenção de fazer uma memória de infância e o museu, ele começa a nascer a partir dali. A brinquedoteca foi mais rápida porque ela começou a funcionar com doação tanto de fabricantes como do usuário. Então ela começou acontecendo mais rápido. Nessa doação que chegava para gente, chegavam muitos brinquedos e jogos de outras épocas, muitos vinham com a história. Tinham brinquedos de décadas anteriores do começo do século XX. Então, assim, começamos a receber um material diferenciado que nos começamos classificar que foi que fez com que o museu acabasse sendo organizado que só aí quando eu entrei aqui em 1994 que eu comecei a arrumar a fazer essa organização]. (Relatório Parcial: Anexos, p. 23).

Para tal, Ruth, utilizou como base e referência uma classificação de brinquedos muito utilizada na França na década de 60. Porém a classificação internacional não pode ser utilizada em sua totalidade, isso por que algumas categorias que faziam parte da classificação internacional não atendiam muitas das necessidades do acervo de brinquedos do laboratório.

A inauguração oficial do LABRIMP com atendimento ao público aconteceu no ano de 1988. Assim o atendimento ao público dava os seus primeiros passos. A brinquedoteca que além de espaço para a pesquisa também se tornara um espaço do brincar livre e do resgate da memória da infância.

Em 1992 acontece a doação para o LABRIMP – MEB, do material e álbuns de fotografias, anotações e de cadernetas que a ex- professora Alice Meirelles Reis fez enquanto era professora do Jardim de Infância do Colégio Caetano de Campos entre as décadas de 1920 e 1940.

Como o museu já vinha recebendo muitas doações e visitas, mas ainda não tinha sido oficializado, ele era conhecido nesta época entre 1988 e 1998 como Museu do LABRIMP e / ou Museu do Brinquedo e do Material Pedagógico. A partir da doação do

álbum de fotografias de Alice Meirelles viu-se a urgência de organizar um espaço físico que pudesse abrigar todo esse material de grande valor histórico. A seguir podemos ver um pequeno trecho onde a professora Tizuko conta em entrevista como foi a doação feita por Alice Meirelles.

[Quando eu fazia o doutorado sobre a pré-escola em São Paulo, em 1982, fui entrevista-la. Ela me mostrou esse monte de fotografia que tinha, e disse: - Os livros que eu tinha, eu doei tudo para a biblioteca da PUC quando vieram me entrevistar, mas eu não doei esses álbuns de fotografias. Eu queria doar esses álbuns de fotografia para uma instituição pública que tivesse um museu. -Eu respondi imediatamente: Alice pode me dar essas fotografias que eu vou criar um museu. E então eu recebi os álbuns. Dois anos depois eu criei o LABRIMP com o museu. No interior do Labrimp havia um armário fechado onde ficavam os álbuns e os brinquedos antigos doados.. Portanto, o primeiro *locus* do museu foi dentro do LABRIMP, por que já se tinha uma ideia de que o brinquedo poderia ficar como objeto museológico, preservado e ao mesmo tempo, ser objeto de cultura lúdica no espaço da brinquedoteca para a criança brincar. . Então as duas coisas andavam juntas. Eu só consegui desmembrar o LABRIMP do museu quando eu consegui sala adequada para o LABRIMP e sala adequada para o museu. Então, tinha o grupo de pesquisa do brinquedo e a brinquedoteca. E consegui também dispor de uma sala para o museu em 1999, em agosto de 1999, próxima do laboratório para atividades integradas. Na ocasião fui buscar recursos financeiros da FAPESP, CNPq e CAPES, para a construção de vitrines, compra de brinquedos para a brinquedoteca, equipamentos para controlar iluminação e humidade, manutenção do acervo fotográfico..] (Relatório parcial, anexos p. 23.)

Em 1998 a coordenadora do LABRIMP escreve um projeto para a FAPESP, com o objetivo de realizar a compra de mobília e estantes que pudessem ser colocados os objetos para exposição no MEB. Nesta época Ruth exercia a tarefa não só de se ocupar dos cuidados com o LABRIMP, mas também com o MEB. Com a compra da mobília e das vitrines começou-se então a organização do acervo para exposição dos objetos que estavam guardados no LABRIMP. E no ano de 1999 o MEB foi inaugurado oficialmente. Neste ano a inauguração contou a organização de uma festa com a presença de vários nomes importantes dos museus da Universidade de São Paulo, inclusive com a presença do ilustríssimo vice-reitor da época. Como podemos constatar no trecho retirado da entrevista concedida por Ruth.

[Da inauguração do museu e foi assim muito interessante. Todos contribuíram de uma forma fantástica. Tivemos a presença do vice- reitor foi algo grande. Nós tivemos o serviço de Buffet. Nós fizemos uma festa assim no quintal do LABRIMP, então as pessoas vinham

conheciam o museu, assinavam o livro de presença na inauguração e depois eles vinham num corredor da brinquedoteca que levava até o quintal. Nós fizemos, chamamos o serviço de Buffet, algumas mesas, foi algo assim fantástico. Foi muito bonito mesmo, tivemos gentes dos museus da USP. Na época, eu não sei quantos museus tem hoje, entre museus grandes e pequenos acervos, acervo como era o nosso tinham³⁸ dentro da USP tudo e qualquer unidade tem sua memória. Mandou algum representante para a inauguração, algo fantástico foi o primeiro museu de brinquedos do Brasil. Três meses depois foi inaugurado o segundo museu do brinquedo do Brasil, foi em Santa Catarina, mas lá é um museu regional. Nosso é aberto, ele é da educação e do brinquedo. Por que da educação e do brinquedo? Por que ele contém a história da educação infantil do Estado de São Paulo ele tem um acervo de fotos, não só as fotos, trazidas pela professora Alice Meirelles, que são da Caetano de Campos, mas de outras instituições: tem a *Liga das Senhoras Católicas*, tem o da *Cruzada da pró- infância*, tem várias entidades que trabalharam com criança no início do século XX]. (Relatório Parcial, anexos p. 26, 27)

Do ano de 1999 até o ano 2003 Ruth, como dito anteriormente, estava à frente tanto do LABRIMP como do MEB, mas no ano 2003 o museu pôde contar com a contratação de uma funcionária que cuidaria do setor educativo. Acontece então a contratação de Jany Elizabeth Pereira que trabalhou no museu de 2003 até 2008, quando foi convidada para lecionar como professora de História na Escola de Aplicação da USP, deixando então o cargo de educadora do museu. Vale salientar que durante os cinco anos que se dedicou ao museu, Jany, realizou várias atividades de formação de bolsistas, monitores – mediadores, e também desenvolveu sua dissertação de mestrado. Ao dar continuidade ao processo de catalogação e organização do acervo do museu que já vinha sendo feito por Ruth, Jany adotou um procedimento que chamou de *tombamento do acervo do museu*. Este tombamento feito por ela acabou por acarretar no não atendimento ao público no ano de 2007. Neste ano não foram feitas exposições ou quais quer outro tipo de atividade no museu que estive ligado ao atendimento às escolas ou professores. Para Jany a necessidade de fazer uma catalogação, tombamento do material que o museu recebia, estava, naquele ano, como prioridade nas atividades do museu. Pois sem esse procedimento muitos objetos poderiam se perder, se não tivessem o devido armazenamento ou o mínimo de controle do acervo.

A saída de Jany do museu aconteceu no final do ano de 2008 e em substituição de sua vaga no museu, o também professor de História da Escola de Aplicação da USP,

Daniel Ferraz Chiozzini foi convidado para trabalhar no museu. Daniel trabalhou no MEB até o ano de 2010, quando ingressou como professor da Universidade de Campinas (UNICAMP).

Com a saída de Daniel quem assumiu os cuidados com o MEB foram as funcionárias Nice e Rosângela Oliveira.

Mesmo com as quatro entrevistas realizadas, não obtive muitas informações sobre Nice e Rosângela e os trabalhos que elas desenvolveram no museu. Ative-me somente a contextualizar numa sequência cronológica o período de 1999 até o ano de 2010. A seguir podemos ver uma tabela que ilustra alguns dos principais eventos ou acontecimentos da história da criação do MEB.

Tabela 1. Ordem Histórica - cronológica do LABRIMP – MEB (1984 – 2010)

Ano	Evento
1984	Criação do CEBRIMP.
1985	CEBRIMP passa a ser chamado de LABRIMP.
1988	Inauguração do LABRIMP com atendimento ao público.
1992	Doação do material da professora Alice Meirelles Reis. (Álbum de fotografias e notas de aulas).
1994	Contratação de uma funcionária para o LABRIMP. (Ruth Elizabeth de Martin).
1997	Primeira exposição feita pelo LABRIMP com brinquedos e jogos antigos.
1998	Compra de mobílias e estantes para estruturar o museu.
1999	Inauguração do Museu da Educação e do Brinquedo.
2003	Contração de uma funcionária para o MEB (Jany Elizabeth Pereira).
2007	O museu cessa o atendimento ao público para a realização do tombamento do acervo.
2008	Saída da funcionária Jany Elizabeth Pereira (MEB).
2009	Contratação do novo funcionário para o MEB (Daniel Ferraz Chiozzini).
2009	O museu volta a atender o público
2009	Cadastro do museu no Iphan (Daniel Ferraz Chiozzini)
2009	Chegada de uma segunda funcionária para o MEB (NICE).

2010	Institucionalização do MEB com o registro nos Sistemas Estadual e Nacional de Museus (Iphan).
2010	Saída de Daniel Ferraz Chiozini. Chegada da Rosângela Oliveira.
2010	Nice e Rosângela Oliveira assumem a reponsabilidade para com o museu.

Parte II. Conhecendo as exposições e as atividades desenvolvidas no MEB

Com a inauguração oficial do MEB em 1999, o museu passou a ter suas exposições organizadas por temporadas. Nos anos iniciais, algumas das exposições ficavam somente alguns meses em cartaz. Com o passar do tempo e depois de algumas experiências vividas, as exposições tiveram seu tempo de permanência aumentado. Muitas delas passaram a permanecer por um ano expostas. Já no ano de 1999, Ruth, passou a preparar oficinas que eram oferecidas aos visitantes. Essas oficinas tinham a intenção de trazer o “brincar” para aqueles que visitavam o museu, a oficina era um complemento á visita.

Como elemento de divulgação do MEB, também foram organizadas exposições de fotos em espaços da Faculdade de Educação. As exposições fotográficas tinham o intuito de proporcionar aos que circulavam pela Faculdade a possibilidade de conhecer um pouco sobre o museu e “convidá-los” a conhecer o espaço do museu.

De acordo com os documentos consultados as exposições que eram organizadas no museu, tanto pela Ruth, como pela Jany e o Daniel, eram pensadas e organizadas por temáticas. As temáticas acabavam por dar respaldo para organizar os objetos a serem expostos por vitrines temáticas. Como podemos ver na relação abaixo, cada exposição ganhava um título conectado com a organização das vitrines.

A partir de 1999 o museu passou a ter em seu quadro cooperativo, estagiários que recebiam bolsas trabalho. As bolsas tinham a duração de um ano podendo ser renovadas por mais um ano. O processo de seleção socioeconômica para ser bolsista do museu, era realizado via antiga (Coseas) e atual Superintendência Assistência Social (SAS) – USP e depois o futuros bolsistas passavam por avaliação de entrevistas com o responsável do museu, no caso o educador ou educadora.

Estes bolsistas monitores participavam constantemente de cursos de formação voltados para o recebimento do público do museu e também de oficinas para o

entendimento de como as monitorias poderiam ser mediadas. Os bolsistas realizavam formação fora do MEB, iam juntamente com o educador do MEB, a visitas a outros museus da USP, como por exemplo, para organizar a exposição sobre brinquedos e brincadeiras indígenas, os estagiários fizeram uma visita ao Museu Arqueologia e Etnologia, (MAE), para poder entender como os objetos indígenas eram utilizados pelas crianças indígenas.

É possível então perceber que desde a criação do museu a preocupação com a questão da formação de monitores e bolsista é real se manteve até o ano de 2010, que possuímos registros. O aprendizado pela reflexão na ação é perceptível em vários dos relatos e registrados dados pelos bolsistas. Estes registros são de momentos e relatórios que os bolsistas tinham que entregam de tempos em tempos para o educador responsável pelo museu.

A seguir poderemos visualizar um controle feito no museu, do número de visitas orientadas do ano 2000 ao ano de 2006. Tal informação conta dos registros salvos pelos funcionários do MEB. Os números mostram um quadro de visitas guiadas que aconteceram no museu sem a contabilização de visitas ao LABRIMP. Isso por que até o ano de 2002 os dados eram registrados conjugados aos dados do LABRIMP, ou seja tanto as visitas recebidas pelo LABRIMP também era somados como visitas ao museu. Pois quando acontecia a visita ao LABRIMP- era conjugada à visita ao MEB. No ano de 2003 as visitas ao museu aconteciam via agendamento por telefone, as escolas ligavam e agendavam as vistas com os grupos de crianças, logo nesta vista já estava incluída também uma visita ao LABRIMP, isto por que os bolsistas monitores faziam a mediação tanto no museu como no laboratório.

A partir do ano de 2004 o trabalho para receber os visitantes foi modificado. Antes que a visita fosse agendada com as escolas, os educadores e professores precisavam fazer uma visita prévia, ou seja, um “pré-campo”, para assim poderem reconhecer o espaço e o que o museu poderia oferecer.

A intenção era criar uma orientar a visita de acordo com as necessidades de cada turma de criança ou professor. O trecho a seguir retirado de um relatório ⁽²⁾ de notas nos mostra o interesse em criar uma relação de aproximação escola- museu.

Em 2004 iniciamos o trabalho com recebimento dos educadores antes de trazerem as crianças, inicialmente um profissional da escola (coordenador, diretor ou, quando era possível, o professor) vinha ao museu para conhecer e conversar com a educadora. A avaliação foi de que essa conversa não era suficiente e então começamos o recebimento de educadores para a visita orientada.

Tabela 2. Recebimento de público do MEB

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Visitas individuais no espaço adulto	3506	3257	4331	751	545	1718	1003
Visitas individuais no espaço crianças	153	186	1424	s/d	140	343	153
Visitas orientadas a grupos (adultos)	s/d	138	1908	968	1515	906	984
Visitas orientadas a grupos (crianças)	888	1189	1199	1055	345	316	122

Ao analisarmos a tabela acima é perceptível que nos anos 2000, 2001, 2002 contam com um número expressivo de adultos visitantes no museu. Estas visitas não eram monitoradas, podemos dizer eram um público geral, espontâneo. Já as visitas individuais de crianças nestes mesmos anos são poucas com relação aos dados de visitantes adultos. Neste período quem estava a frente tomando conta do museu na época era a ex- funcionária do LABRIMP, Ruth de Martins. Quando comparamos os mesmos três anos, só que agora observando as visitas orientadas, percebemos que os números de crianças que eram recebidas no museu se mostra superior ao número de visitantes adultos.

Podemos concluir então que nos anos 2000, 2001 e 2002, quando Ruth orientava as atividades do museu, as atividades orientadas estavam mais voltadas ao público infantil, ou seja, havia um trabalho ou maior empenho em receber a visita de crianças e não de adultos, temos como público alvo principal, o público infantil.

(2) O referido trecho foi extraído de um dos relatórios elaborados para registro de atividades realizadas no museu naquele período.

Lembrando que isso só pode ser verdade quando consideramos o item: visita orientada. Quando tratamos de visita não orientada percebemos que o público adulto é predominante.

Já nos anos seguintes, quando Jany passou a ser a responsável pelo museu os números mudam expressivamente. O público que passou a frequentar o MEB partir de 2003 até 2006 é um público adulto orientado, ou seja, as vistas orientadas para professores, educadores são neste período o foco do atendimento do museu. Podemos constatar essa mudança de perfil de atendimento com os dados:

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Visitas orientadas a grupos (adultos)	s/d	138	1908	968	1515	906	984
Visitas orientadas a grupos (crianças)	888	1189	1199	1055	345	316	122

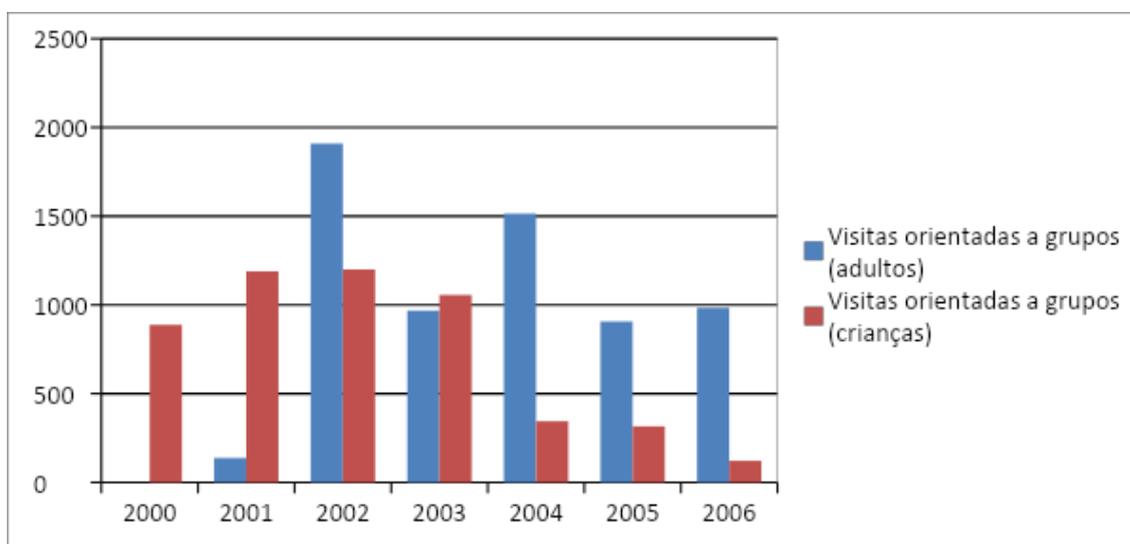


Gráfico 1: comparação entre o número de visitantes do museu (2000- 2006).

Comparando os dois grupos, vemos que o grupo de crianças orientadas conta com um número razoável de visitas no ano 2000, acontece um aumento em 2001, em 2002 o número continua a crescer menos que no ano anterior, mas em 2003, ano da chegada da Jany, o número de visitas orientadas a grupos de criança cai com relação ao ano anterior, em 2004 o número reduz a menos de um terço do ano anterior, e em 2006 este número é perceptivelmente reduzido para apenas 122 grupos. Essa tendência acontece justo no período em que Jany começa atuar no museu como educadora responsável. Vemos aí uma mudança de perfil do atendimento.

Os dados configuram uma indicação de novas atuações, voltadas para o público adulto. Essa nova configuração está ligada á forma com que Jany enxergava as atividades no museu.

(...) o exercício da minha prática como educadora no espaço/ tempo do MEB foi levantando questionamentos, fazendo emergir necessidades, dúvidas, propostas, vontades. Quando já tínhamos caminhado no sentido de uma apropriação e sistematização das atividades, a pergunta que não queria calar era o porquê de os professores, não brincarem e qual seria essa relação entre essa atitude dos professores e sua formação. (PEREIRA, 2005, p. 81)

Essa nova visão sobre as atividades e o papel dos professores dentro do aprendizado pelo lúdico, acabou por influenciar para a nova configuração do MEB como museu – espaço do brincar e de formação de professores.

Nesse período muitas foram as oficinas e atividades desenvolvidas pela equipe do museu, orientada por Jany, no sentido de criar no MEB um espaço formador. Isso não significou que o museu deixou de atender ao público infantil e o público geral, mas o que podemos perceber é a expansão de um trabalho voltado para a questão da formação de educadores, professores e monitores. No trecho a seguir, retirado da dissertação de mestrado, Jany esclarece sua proposta. Mostrando esse que foi pautado no âmbito do MEB como espaço de formação.

(...) passei a desenvolver uma proposta de formação buscando contemplar, por um lado, a dimensão lúdica na formação inicial do professor, e por outro, o potencial formativo do MEB como elemento constitutivo do seu projeto político- pedagógico.

Assim podemos pensar que a prática que a Jany aplicava no museu acabou por modificar, temporariamente, o foco de atendimento do MEB. Alguns outros dados que seguem podem esclarecer melhor como essa mudança aconteceu.

Ao pesquisar sobre os números do museu encontrei um registro feito pela equipe do museu, nomeado como relatório de atividades. O relatório demonstra o museu em

números de agosto de 1999 a julho de 2004. Os dados estão voltados para a contabilização de visitas e atividades em conjuntos com o LABRIMP. A autoria do relatório estava em nome da equipe do museu:

A tabela 3 mostra, com números, como era o perfil de atendimento no MEB antes da chegada da educadora Jany.

Tabela 3. atendimentos no MEB em números.

	1999	2000	2001	TOTAL
Visitantes adultos	3506	3257	4331	11094
Crianças	153	186	1424	1783
Crianças com escolas	60	820	875	1755
Oficinas	01	07	13	21
Adultos em oficinas	30	28	138	196
Crianças em oficinas	20	68	314	402
Exposições em eventos	01	03	04	08
Entrevistas	07	09	10	26
Instituições	157	134	134	425

2002	TOTAL
Visitas individuais no espaço	588
Pesquisadores e professores	1199
Crianças	1908
Instituições	336
Exposições externas*	02
Palestras	59

Pesquisas de fabricantes	01
Oficinas	20

* Exposições realizadas no Anhembi e na FEUSP

Abaixo podemos verificar os dados dos anos entre 2003 e 2004, anos em que Jany já atuava como educadora do museu.

Coordenadora: Profa. Dra. Tizuko Morchida Kishimoto;

Educadora: Jany Elizabeth Pereira;

Monitoras: Luciana Eliza dos Santos e Maria Beatriz de Oliveira e Silva;

Estagiárias: Cristiane Boneto, Ellen Oliva, Luciana Duailibe, Ludmila Jorge, Manuela Nicolosi, Solange Ferreira Ortiz, Soraia Faria.

Na tabela abaixo temos destacado em vermelho o número total de criança e adultos atendido em dezembro de 2002 a dezembro de 2003. Já tínhamos um número maior de atendimento á adulto do que á crianças, isso por que antes de ser educadora do MEB, Jany também atuou como colaboradora da Ruth, no segundo semestre de 2002, no LABRIMP.

Tabelas 4. Atividades em 2002 e 2003 em números

Dezembro de 2002 a Dezembro/2003	total	Total de adultos	total de crianças
Visitas individuais no espaço	802	802	00
Visitas monitoradas a grupos de educadores/estudantes	14	336	00
Grupos de pesquisadores/educadores	10	50	00
Visitas monitoradas de escolas	26	64	1055
Oficinas com brincadeiras tradicionais	26	64	1055
Grupos de estudantes	08	18	00

Palestras MEB/Labrimp	13	500	00
Recebimento de Instituições	157	1783	1055
Entrevistas/ reportagens*	02	-----	-----
Participação em eventos**	05	-----	-----
Estagiários***	08		
TOTAL GERAL DE ADULTOS			1834
TOTAL GERAL DE CRIANÇAS			1055

*Filmagem para a TV USP – Participação em programa sobre brinquedos.

Fotografias para reportagem da Revista da Folha de São de Paulo.

** Com apresentação de trabalho:

- *III COPEDI - Congresso Paulista de Educação Infantil*, Águas de Lindóia/SP, maio de 2003.
- *Semana da Educação 2003*. Título do trabalho: “*Brinquedo e brincadeira livre: história e resgate*”, com publicação de resumo e texto integral, com o mesmo título, nos Anais do evento. FEUSP, maio de 2003.
- *I Congresso de Brinquedotecas da UNINOVE*, São Paulo/SP, outubro de 2003.

Sem apresentação de trabalho:

- *IV Semana dos Museus*, USP, agosto de 2003. Participaram do evento a educadora Jany Elizabeth Pereira e os bolsistas Luciana Eliza dos Santos e Márcio Greick S. Oliveira
- *Encontro Museu - Escola: construindo políticas educacionais*, São Paulo, Museu Lasar Segall / Instituto Itaú Cultural, novembro de 2003. Participou do evento a educadora Jany Elizabeth Pereira.

*** Estagiários do CEFAM Santo André participantes do Projeto “*Lugares da Memória*”, em parceria com o Centro de Memória da Educação da FEUSP – CME.

**Tabela 5. Organização cronológica das Atividades e exposições do MEB
1999 a 2008.**

Ano	Atividades do MEB	Público Alvo, Local.	Respon sáveis
20/08/99	Oficina de Construção de pipas	Estudantes FEUSP e crianças. MEB	Ruth (?)
18 a 31/10/99	Exposição fotográfica: Educação Infantil no início do Século 20	FEUSP	Ruth (?)
21/08/200 a 01/09/200	Exposição: Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial	FEUSP	Ruth (?)
19/09/200 a 28/09/2000	Exposição: Memórias da Infância	FEUSP	Ruth (?)
28/09/2000	Brincadeiras Antigas e Oficinas de Brinquedos	Escola de Aplicação	Ruth (?)
25 a 28 de outubro de 2000	II COPEDI – “Encontros e Desencontros na Educação Infantil” Águas de Lindóia- SP	Águas de Lindóia- SP	Ruth (?)
2003	Participação na Semana da Educação da FEUSP. Tema: Brincadeiras Tradicionais.	Público Geral, Aberta, FEUSP.	Jany
2003- 2004	O brinquedo e o brincar: possibilidades na conscientização de crianças e educadores sobre seu papel no desenvolvimento humano e social	Público Geral.	Jany
2004- 2005	Exposição: O brinquedo e o brincar: possibilidades na conscientização de crianças e educadores sobre seu papel no desenvolvimento humano e social.	Público Geral. MEB	Jany

200?	Exposição: Brinquedos e Brincadeiras Indígenas.	Público Geral. MEB	Jany
2004	1º projeto do MEB em parceria com o Centro de Vivência Infantil da Escola de Aplicação da FEUSP. “Brinquedos e brincadeiras de povos indígenas: alguns aspectos culturais.”	Crianças da Escola de Aplicação USP	Jany
Maior de 2004	Participação na Semana da Educação da FEUSP. Realização de oficinas de brincadeiras com o tema: Brinquedos e brincadeiras de povos indígenas: alguns aspectos culturais.	Aberta, FEUSP.	Jany
2005	Participação na Semana da Educação FEUSP. Apresentação de Pôsteres e realização de oficina: Oficina: A exposição do MEB como vetor de relações sociais e suas possibilidades pedagógicas: ampliando o olhar do visitante.	Aberta, FEUSP	Jany
2005- 2006	Exposição: Brinquedos e brincadeiras como manifestação da cultura e das relações sociais: reflexões possíveis.	Público Geral. MEB	Jany
Abril 2006	Projeto: Oficinas Lúdicas no Museu da Educação e do Brinquedo. Para bolsistas atuarem	_____	_____
2006	Participação com apresentação de pôster na Feira Cultural da Coseas: Bolsa trabalho Ensino e Extensão.	_____	Jany
Novembro de 2007 (?)	Atividade dirigida especial: Vivência aberta de brincadeiras indígenas.	_____	Jany
2007	Ciranda no Bandeirão Central. Atividade Realizada no Restaurante Central da USP.	Público Geral. Aberta.	Jany
2007	Oficina de Brincadeiras Cantadas para professores. Realizada em conjunto com o Projeto Ponto de Cultura da FEUSP.	Professores.	Jany
2007	Ciranda na Comunidade e Oficinas de Brincadeiras na Comunidade Vila Dalva.	Público Geral.	Jany
2007	Oficina de brincadeiras e Ciranda na comunidade São Remo	Público Geral	Jany
2007	Ciranda no CEPEUSP e Ciranda no Capão Redondo	Público Geral	Jany
2007	Ciranda em Bom Sucesso / Guarulhos	Público Geral	Jany
2007	Ciranda na Creche Central	Público Geral	Jany
2007	Brincadeiras na creche central	Público Geral	Jany
2007	Oficinas de teatro na comunidade Vila Dalva	Público Geral	Jany
2007	Ciranda na calourada	Público Geral	Jany
2007- 2008	Brinquedos e Brincadeiras de Meninas e Meninos	Público Geral	Jany

Ao longo dos anos, vários artigos foram veiculados por diferentes tipos de mídias. Estes artigos tanto são de divulgação do trabalho exercido pelo museu, como também funcionaram como um convite às exposições que se encontravam no museu. Podemos constatar algumas publicações das quais foi possível acessar.

Tabela 6. Artigos, notas e matérias de divulgação dos trabalhos do MEB na mídia.

Ano de publicação	Título do artigo ou matéria	Meio de comunicação
08/03/1998	Era uma vez uma bola, um carrinho, uma boneca...	Jornal da USP, 02.
1999	O retorno à infância pelo brinquedo.	Jornal da USP, 6. Pág. 12.
22/09/1999	Do tempo da vovó.	Revista Disney Explora. Págs. 38 e 39
29/09/1999	Museu visita cotidiano dos brinquedos deste século.	Jornal Estado de São Paulo
Sem data	Museu da Educação e do Brinquedo	Jornal o Brinquedista.
Sem data	Uma viagem pelo tempo da diversão	Jornal da USP
10/1999	Museu ensina história através do brinquedo	Jornal Espaço Aberto – USP. Pág. 7
11/1999	Lições de vida na memória dos brinquedos	Revista Galileu, pág. 12
11/02/2001	Pense em um objeto. Há um museu para ele na cidade	O Estado de São Paulo, pág. C4 e 5
03/2001	Do arco da velha	Revista dos Bancários
10/05/2001	Curiosidades – Um museu para brincar	Jornal do Campus- 02
02/2002	USP aprova projeto para criar um museu diferente, sobre a criação do Museu de Ciências.	Bruna Fontes
08/10/2003	Museu da USP resgata história do brinquedo	Site Folha Online Ilustrada
12/2004	Brinquedos no museu da FEUSP	Site Revista dos alunos do Normal Superior
09/12/2004	Brinquedos antigos se escondem na FE	Jornal do Campus
25/01/2005	Pouco conhecido, Museu do Brinquedo da USP expõe peças raras e curiosas.	Jornal “Diário Oficial”, Estado de São Paulo.

26/01/2005	Pouco conhecido, Museu do Brinquedo da USP expõe peças raras e curiosas.	Site Micro Educação
26/01/2005	Museu de brinquedo expõe peças raras	Site Metapress
31/01/2005	Museu do Brinquedo volta à infância	Jornal “A Tribuna”, Santos
02/02/2005	Viagem pelo túnel da infância	Site: Jovem Cracia
09/09/2005	Museu do brinquedo expõe peças raras e curiosas	Site CRE Mário Covas.
27/04/2006	Museu do Brinquedo educa e diverte crianças e adultos	Jornal: Estado de São Paulo.
17/05/2010.	Falta de estrutura afeta acervos da USP	Jornal do Campus
19/06/2010.	Brinquedo no museu?	Jornal: Estadão. Seção: Estadinho
11/10/2010.	Dia da Criança: todo brinquedo pode ser educativo, dizem especialistas.	Site: Uol

Considerações finais

De acordo com os dados obtidos pudemos perceber que a constituição do Museu da Educação e do Brinquedo se deu sob uma perspectiva da pesquisa acadêmica e para inicialmente a formação de professores. Isto por que a ideia da constituição do museu se deu juntamente com a chegada do Laboratório de Brinquedos e Materiais Pedagógicos na Faculdade de Educação, pois até então não havia na Faculdade da Educação – FEUSP espaço especializado para a pesquisa em educação infantil. Para a constituição deste espaço ficou

A concepção europeia de constituição de museus juntamente com os laboratórios serviu como exemplo para a instalação do MEB e do LABRIMP. Visto que foi a partir dos trabalhos de pesquisa da professora Doutora Tizuko Morchida Kishimoto que o museu se estabeleceu da forma como se configura até hoje.

Podemos considerar que o museu se instituiu como espaço de pesquisa e centro de referência no âmbito da educação infantil no Estado de São Paulo e no Brasil.

Os relatos foram contundentes, no que se refere aos dados sobre a criação e institucionalização do MEB e às atividades que foram desenvolvidas. De modo que foi

possível descrever os processos de transformação que o museu sofreu, no que se refere ao atendimento ao público. Vimos na sua criação em 1999 que o museu atendia um público variado e heterogêneo, já a partir de 2003 até 2008 o principal público alvo foram os educadores do Ensino Infantil, professores do Ensino Fundamental I e licenciandos de cursos de Pedagogia. A partir de 2008 até 2010 o museu passou a atender tanto o público infantil como também os educadores e professores. O que nos mostrou que as atividades que foram elaboradas durante esse período pesquisado, teve sempre uma proposta voltada á dois tipos de público: crianças e professores. Logo as metodologias de abordagens eram distintas e muito específicas para cada área a ser atendida.

Referências

DIAS, Elaine. A importância do lúdico no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil. **Revista Educação e Linguagem – Artigos** – ISSN 1984 – 3437. Vol. 7, n ° 1 (2013) Disponível: <http://www.ice.edu.br/TNX/index.php?sid=266>. Acesso em: 12 maio 2015.

PEREIRA, Jany Elizabeth. **A importância do lúdico na formação de educadores. Uma pesquisa na ação do Museu da Educação e do Brinquedo – MEB da Faculdade de Educação da USP**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

PIACENTINI, Telma Anita; FANTIN, Mônica. **Museu do Brinquedo como Centro Cultural Infantil**. In: LEITE, Maria Izabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda (Orgs.). **Museu, educação e Cultura: Encontros de crianças e professores com arte**. Campinas - SP: Papyrus, 2005. p. 56. (Coleção Ágere).

QUEIRÓZ, Glória; KRAPAS, Sonia; VALENTE, Maria Esther; DAVID, Érika; DAMAS, Eduardo; FREIRE, Fernando. Construindo saberes da mediação na educação em museus de ciências: o caso dos mediadores do museu de astronomia e ciências afins/ Brasil. **I Encontro Ibero-americano sobre Investigação em Educação em Ciências, Burgos, Espanha, 16-21 de setembro de 2002**. Disponível em: <http://revistas.if.usp.br/rbpec/article/view/175/160>. Acesso em: 09 maio 2015.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. 112 p.

MARANDINO, Marta (Org.). **Educação em museus: a mediação em foco.** São Paulo, SP: Geenf. FEUSP 2008.

MENDOÇA, M. E. B. M.; FRANÇA, A. P. S. J. M. **História Oral: em busca de uma ferramenta para a investigação em enfermagem. Pensar Enfermagem.** Vol. 17 n° 22 segundo semestre de 2013.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984

Anexos

Para identificação dos participantes indico em cada início de fala a letra inicial do nome do falante. Neste caso temos: Ruth, entrevistada e Daniela, pesquisadora.

Entrevista com Ruth Elisabeth de Martin

D: Iniciando a nossa conversa com Ruth Elisabeth de Martin Funcionária do LABRIMP, ela irá contar um pouco de como surgiu o MEB e o LABRIMP.

R: Bom é assim, eu passei num concurso para trabalhar no LABRIMP, isso foi em 1994 e quando eu aqui cheguei existia o espaço da brinquedoteca, muito procurado muito divulgado, mas também existia um acervo. Um acervo de brinquedos e jogos, materiais pedagógicos antigos, um acervo de fotos e também um volume, 8 volumes de um material chamado: *brincadeiras tradicionais do Brasil*. Esse material estava, todo assim em alguns armários e com isso eu me recordo que a professora Tizuko Kishimoto, que é coordenadora do LABRIMP, ela pediu que assim eu tomasse pé da situação toda, como funcionava o LABRIMP eu começasse a identificar aquele material, aquele acervo, alguns deles tinha uma fichinha, uma fichinha assim trabalhava com fichamentos mesmo. Já tinha um material identificado que era o material Montessori o material Decroly e algumas fotografias principalmente da professora Alice Meirelles Reis e falando também de toda a educação infantil em São Paulo, então assim este material já estava identificado, porém tinham muitos brinquedos jogos, é materiais assim de seriam o chamado brinquedo educativo e eles estavam em caixas todos fora de ordem e assim que comecei a trabalhar no ano de 1994 comecei a identifica-los,

aqueles que tinham o nome do doador, eu comecei a buscar na lista telefônica os dados do doador e tentar recuperar essa memória, no caso de quem doou. Muitos materiais não tinham identificação, eram materiais que estavam no LABRIMP, eram jogos e brinquedos do LABRIMP e que esses jogos começou a acontecer um fato: muitos fabricantes já não existiam mais outros eram brinquedos que saíram de linha, outros foram passados para o museu, pois agente sabia que se passasse e exemplar jamais teria outro. Aí a gente começou a separar para formar esse acervo e foi bem interessante foi um processo, que em 1997 quando nós viemos para esse local esse corredor onde se localiza o LABRIMP e o museu hoje né esse material foi feito um corredor da brinquedoteca só com brinquedos e jogos antigos. E as pessoas no que elas entravam pra, vir os grupos de crianças de escola ver a brinquedoteca, eles passavam por meio desse corredor, com brinquedos dos dois lados e nós íamos contando um pouquinho da história da infância. Vinham também naquele tempo, a gente fazia muitos trabalhos com o pessoal que faziam os CEFANS, era de formação de professores e também agente fazia essa formação essa memória. Trabalhava na recuperação da memória de cada brinquedo e então tudo isso começou a contribuir para que o museu começasse a nascer. Na realidade o museu estava previsto na criação do LABRIMP, isso foi criado em 1984 ele tinha o nome de CEBRIMP e em 1985 ele não podia ser considerado centro de brinquedos e materiais pedagógicos por uma regulamentação da faculdade, da USP. Ele tinha que ser laboratório, por que ele trabalhava com pesquisa da formação.

D: E por isso ele não podia receber o título de CEBRIMP e sim LABRIMP por conta do Instituto em si de ter um trabalho de pesquisa?

R: Exatamente. E foi aí que em 1985, em fevereiro de 85, é foi aprovado aí pela congregação pela Faculdade, é um documento em que previa é que o LABRIMP iria constituir um espaço com brinquedoteca, um acervo bibliográfico sobre brinquedos e jogos com o trabalho de um museu de brinquedos, por que já tinha naquele tempo, a professora Tizuko e outros professores da faculdade para partir da equipe inicial, já tinham essa intenção de se fazer uma memória de infância e o museu ele começa a nascer a partir dali. A brinquedoteca foi mais rápida porque ela começou a funcionar com doação tanto de fabricantes como do usuário. Então ela começou acontecendo mais rápido. Nessa doação que chegava para gente, chegavam muitos brinquedos e jogos de outras épocas eles muitos vinham com a história. Tinham brinquedos de décadas anteriores do começo do século XX. Então, assim, começamos a receber um material

diferenciado que nos começamos classificar que foi que fez com que o museu acabasse sendo organizado que só aí quando eu entrei aqui em 1994 que eu comecei a arrumar a fazer essa organização. Foi uma coisa muito interessante porque, uma coisa começou a acontecer, muita gente começou a agendar visitas ao LABRIMP para conhecer parte de brinquedos antigos que a turma começou a chamar de museu de brinquedos.

D: Era um acervo? Então na verdade a constituição foi nascendo partir de uma procura, forma chegando as doações de brinquedos diferentes que contavam toda uma história e que não poderia ficar de fora, as pessoas passaram procurar pelo LABRIMP, mas para passar mais para conhecer esses brinquedos?

R: Isso sem dúvida. Os pais das crianças, né a história de vida. Tinha gente que queria ver o que a gente tinha nesse espaço chamado museu naquela época né, queria ver se tinha alguns brinquedos que teve na infância, quer dizer foi para se reconhecer e resgatar sua própria memória. Então foi uma coisa assim, maravilhosa, muito bonito o processo do museu. Eu acompanhei todo esse processo e ele teve assim é eu posso dizer assim eu vi ele nascer e crescer é de uma forma muito interessante.

D: Na verdade o museu nasceu da necessidade das pessoas, de terem, de reverem a sua história?

R: Sim, perfeito é isso mesmo. E foi aí que eu já comecei a contratar os bolsistas do LABRIMP, sempre teve uma pessoa da História. Para trabalhar com o acervo do museu, então foi algo que agente já começou a fazer a pessoa fazia assepsia do brinquedo, tentava ver se o brinquedo precisava de uma restauração se era brinquedo que estava em condição de por em exposição. Muito brinquedo chega, até por ser antigo, já num estado meio deteriorado, a gente fazia toda uma avaliação e agente foi percebendo que isso era algo bom e as pessoas começaram a manifestar isso.

Que é o a mais interessante, que é que veio de uma necessidade da comunidade externa que veio aparecendo?

Independente de qual área a pessoa fosse do conhecimento, o museu tem essa memória. Ele acaba falando da vida de todos nós, certo? Então ele acaba trazendo essa busca. Eu recebi várias vezes pais que traziam os seus filhos: olha tá vendo aquele brinquedo eu tinha, é aquele lá, mostrava apontava. E foi aí que em 1998 é abriu uns projetos junto a universidade, junto á FAPESP, pra que a gente conseguisse verba pra mobiliar lugares de acervo, lugares de exposição. Aí nós pegamos tudo o que tinha já escrito sobre museus, sobre suas visitas como eles estavam se constitui e fomos pondo tudo na forma de projeto e mandamos para a FAPESP e escrevemos nossa necessidade. Eu lembro que foi uma correria eu fui até o MAC, aqui na USP medir as prateleiras as cristaleiras [vitrines], como eles dispunham, fui ao MAE. Tanto que as estantes do MEB lembram muito as estantes do MAE, que ela tem uma determinada altura para começar, ela não vai até o chão, ela tem uma determinada altura para começar.

Começos a ver o que estava exposto. Então tem toda uma leitura ótica ali. E nós acabamos entrando em contato com vários tipos de profissionais e acabamos sabendo o que agente precisava para essa sala que é a questão do desumidificador de ambiente, ar condicionado. Que agente precisava de um espaço no museu chamado reserva técnica. Agente não podia expor tudo que agente tinha, como a gente fazia precisava guardar e montar exposições temáticas, então isso também abriu um conhecimento novo pra gente.

D: Aprender como lidar com o material?

R: Exatamente. Aí que a gente acabou fazendo todo um estudo sobre esse olhar educativo que o museu acaba nos dando. Nós percebemos assim, eu acabei fazendo um curso que se chama *Museologia e Educação* lá no MAE, é uma disciplina da graduação e bem interessante, porque a gente não aprende só para o trabalho a gente aprende pra vida pra gente. Você sai desse curso sabendo fazer a leitura sobre qualquer exposição que você vá depois. E ela é uma optativa da USP e eu sei que essa disciplina me ajudou até a categorizar o museu né, para ai o que é que nos estamos falar com esse museu? Eu quero montar exposições falando do que? Qual é a provocação? O que, que tem por traz? Cada exposição traz uma linguagem. E todas elas são educativas. Independente do tema que a exposição tem. Então assim eu descobri que existem

vários tipos de museus e identifica-los né. Aí fui descobrir que o nosso museu ele é muito ligado ao museu didático, então assim foi algo muito interessante também descobrir esta questão do que dava para explorar nesse museu.

D: Você foi aprendendo aos poucos também. Como buscar conhecimento para contribuir para o espaço?

E nós demos muita sorte por que o nosso projeto foi aprovado o pacote inteiro, eu só não tive como pedir bolsa para bolsista porque não estava previsto, porque poderia ter pedido também. E nisso nós tínhamos exatamente um ano para entregar. Isso foi em agosto de 1998, a gente tinha exatamente um ano para inaugurar este museu. E foi uma coisa assim, tivemos que correr mesmo para inaugurar o museu e foi assim, só que a gente já tinha mais ou menos previsto tudo né. Feito já três orçamentos, como todo serviço público pede. E eles mandaram o dinheiro certinho, nós fizemos todas as coisas, foi muito rápido. Nós tínhamos que montar uma exposição, eram mil coisas, além da inauguração. E a inauguração desse museu foi linda.

D: Há registros dessa inauguração?

R: Tem, tem sim. Estava vendo as fotos ainda hoje. Da inauguração do museu e foi assim muito interessante. Todos contribuíram de uma forma fantástica. Tivemos a presença do vice-reitor foi algo grande. Nós tivemos o serviço de buffet. Nós fizemos uma festa assim no quintal do LABRIMP, então as pessoas vinham conheciam o museu, assinavam o livro de presença na inauguração e depois eles vinham num corredor da brinquedoteca que levava até o quintal. Nós fizemos, chamamos o serviço de buffet, algumas mesas, foi algo assim fantástico. Foi muito bonito mesmo, tivemos gentes dos museus da USP. Na época, eu não sei quantos museus tem hoje, entre museus grandes e pequenos acervos, acervo como era o nosso tinham³⁸ dentro da USP tudo e qualquer unidade tem sua memória. Mandou algum representante para a inauguração, algo fantástico foi o primeiro museu de brinquedos do Brasil. Três meses depois foi inaugurado o segundo museu do brinquedo do Brasil, foi em Santa Catarina, mas lá é um museu regional. Nosso é aberto, ele é da educação e do brinquedo. Por que da educação e do brinquedo? Por que ele contém a história da educação infantil do Estado de São Paulo ele tem

um acervo de fotos, não só as fotos, trazidas pela professora Alice Meirelles, que são da Caetano de Campos mas de outras instituições: tem a *Liga das Senhoras Católicas*, tem o da *Cruzada da pró infância*, tem várias entidades que trabalharam com criança no início do século XX e quem tem a memória fotográfica de tudo isso.

Nós fizemos parte de um dos levantamentos que a professora Tizuko fez na sua tese de doutorado, então é a partir daí que ele começou a junta esse material histórico que é da onde vieram essas fotos e tudo mais.

D: Até mesmo as fotos de doação da professora Alice Meirelles, como aconteceram?

R: A professora Tizuko passou a conhecê-la quando foi buscar a história da criança na Caetano de Campos. E ela falou que um dia quando a Tizuko tivesse um espaço montado e voltado a isso assim ela iria fazer uma doação de todo o processo de quando ela trabalhou com a criança em educação infantil aqui em São Paulo. Ela acabou retratando tudo em fotografia, na época em que a fotografia era algo muito raro muito caro também, e ela era uma professora extremamente dedicada. Ela dedicou a vida dela a trabalhar com educação. E agente vê em todas as fotos dela, estava representado muita coisa que se faz hoje e a gente acha que está algo muito moderno e a gente vê que lá traz já tinha muita gente que fazia isso e fazia muito bem. Então foi aí que a professora Alice visitou a professora Tizuko, mas isso já em 92.

D: Foi após então a constituição do LABRIMP, que a professora Alice fez a doação?

R: O LABRIMP já estava constituído, aí então quando ela soube que a Tizuko já estava com o LABRIMP funcionando e que estava fazendo um acervo de materiais antigos tanto da educação como de jogos e brinquedos, foi aí que ela veio aqui com a irmã dela ela já estava bem idosa e ela fez a doação para a professora Tizuko, ela parece que faleceu três meses depois de doar tudo. Então assim, ela veio no último minuto mesmo né. Acho que ela já previa que não iria mais longe, ela veio saber aí ela ficou sabendo que a Tizuko realmente cumpriu o que falou. Que ela ia montar um espaço para contemplar a criança.

D: Ela fez a doação de todos os materiais e de seus registros?

R: Todos os registros, cadernos que contém a forma como ela trabalhava, as músicas, como ela planejava uma aula, era assim algo fantástico de se ver o que ela fazia. Tudo o que ela aplicava tudo o que ela fazia tinha uma intencionalidade. Mas lá no começo do século ela já tinha percebido que se ela trabalhasse com o prazer da criança, que é a questão lúdica. A criança tinha prazer em aprender e era muito mais fácil. Sem ser uma coisa forçada. E esse era o principal recado que ela queria passar.

D: De que forma o MEB trata a questão da interação entre objetos expostos e o público infantil que visita o museu?

R: Aí foi que em 99 o museu foi inaugurado. Aí o que nós fazíamos? A gente fazia uma agenda só os grupos vinham com duas, as escolas marcavam duas salas de aula por período. Vamos supor, o período da manhã marcou duas salas de trinta crianças cada uma. Uma turma passava pelo museu e a outra vinha pro LABRIMP, quando estas turmas terminavam uns dez minutos antes de terminar a atividade elas paravam aí elas geralmente passavam no banheiro, comiam um lanche alguma coisa e em seguida trocavam de atividade. Então como era feito? Tinha um monitor, bolsista que ele era treinado para, ele conhecia todo o acervo ali exposto e ele ia contando para a criança sobre essa história.

É incrível por que, a coisa mais fantástica que a gente descobriu que tem crianças que nunca tinha parado para pensar, perceber que os pais foram crianças, que infelizmente o diálogo dentro de casa é tão pobre que as crianças acham que vem tudo pronto. E de repente agente lembrava: se sabe as pessoas que você mora junto que são adultas, então quando elas eram crianças elas brincavam disso e daquilo. Aquilo é mais antiquinho, já é da época da vovó. E as crianças assim, principalmente as crianças do pré - escolar nem sempre ela tem esse conhecimento então assim acabava sendo uma provocação para que o diálogo dentro de casa acontecesse. Então, assim tinha toda uma intenção de provocar isso. Provocando as professoras também: olha dá pra você trabalhar memória de família nessas crianças e buscar, um pouquinho a memória de família, eles descobrirem que em São Paulo ninguém é paulista- paulista, todo mundo descende de alguma coisa e de algum lugar, né?! Então assim ela é uma cidade que abraçou todo

mundo e de repente fazer essa turma se localizar, localizar suas famílias suas raízes, então no museu tinha essa intenção que não é a mesma coisa no LABRIMP.

O LABRIMP iria por uma outra linha né que ele tem a pesquisa dele, a pesquisa principal dele é o que que a crianças traz, a cultura dela para dentro da brincadeira. E como ela interage com as demais e troca essas informações então tem um outro foco. Diferente do museu. E a gente percebia que isso que quando agente recebia os grupos a gente acabava fazendo esses trabalhos devolutivos e a gente sabia que era uma forma devolutiva que as escolas davam tinham mexido com os professores de uma forma que eles começavam a fazer outra reflexão, até sobre a sua própria prática. E isso acabou, tanto que hoje em dia na parte do LABRIMP o que surgiu de brinquedoteca é uma coisa fantástica de alguma forma essa questão de se resgatar a memória da família, os pais começaram a trabalhar com isso. Isso tudo foi matéria de muita publicação de muita coisa que aconteceu naquela época. Por que eram coisas, novidades mas eram coisas que se eram fundamentais. Principalmente numa época em que o diálogo ele é muito trocado pelos jogos de game pela televisão e tantas e tantas outras coisas que entram na família que entram dentro da escola e que empobrecem o diálogo. Essa transmissão cultural que é passada de gerações. E as características, as falas, os significados das cantigas de tantas coisas.

R: E aí ao que passou a ser acervo do museu? Passou a serem as fotos, essa história da educação infantil na cidade de São Paulo, os materiais, jogos e brinquedos, o acervo de material educativo. Que nem o material Montessori que faz parte do museu ele era usado na década de 70 para se fazer formação de professores aqui da faculdade. Ele foi encostado, por que essas aulas acabaram não acontecendo mais e se optou por outras formas de educar então esse material ficou encostado, mas ele é até um material de formação geralmente o pessoal tem é essa coisa sobre o uso principalmente Montessori, agente vê que ele acabou provocando a criação de vários brinquedos que até a gente chama de brinquedos educativos, brinquedos matemáticos, brinquedos de encaixe que provoca a alfabetização que são provocações que acabam, a gente acaba percebendo que o fabricante... busca lá no Montessori muita contribuição. Então a gente vê até as formas, às vezes pode até usar outros conceitos, mas as formas de construir o objeto está ali.

Então esse material Montessori passou a pertencer ao museu e assim o museu começou a funcionar muito bem. Em 2003 a gente estava com um atendimento muito grande, o LABRIMP tinha duas funcionárias, eu e outra, e aí essa funcionária ficou afastada dois anos, ela foi para os Estados Unidos e ficou afastada dois anos, quando venceu os dois anos ela teve que pedir demissão, pois ela não podia continuar aprender uma vaga mais de dois anos, ela tinha ido para o exterior e foi aí que ela pediu demissão e então foi contratada uma outra pessoa funcionária

da área de História o nome dela é Jane. E ela começou a fazer um trabalho específico mais focado na questão na formação de educadores para essa questão histórica. E ela começou a fazer uma agenda própria, ela começou a trabalhar mais com adultos começou a fazer formação e trabalhar mais com adultos e eles atendiam muito pouco às crianças. Quando atendiam eram classes de vinte crianças, a maioria era particular só para se vir a dinâmica no museu.

D: Então teve um período em que foi a partir de 2003 que o museu ficou focado em outro tipo de público?

R: Mudou também o tipo de exposição, na época a exposição, a primeira foi a *Infância Brasileira*, depois veio essa outra exposição ela era *Brincadeiras de Meninos Brincadeiras de Meninas*, foi a primeira exposição que a Jane colocou e aí em seguida ela colocou brinquedos da cultura indígena ela ficou um tempo trabalhando muito com a questão de resgatar algumas brincadeiras indígenas ela acabou descobrindo algumas coisas que para agente parece brincadeira não é para eles. Então assim, na verdade teve num levantamento grande no museu nesse sentido. Nesse período a Jane fez a dissertação de mestrado dela em cima do museu, do que ele pegou do que ela fez do período que esteve ali dentro. Então era a formação de professores através do museu.

Aí ela acabou trocando com o professor da Escola de Aplicação, ela trocou de vaga ela foi dar aula na Aplicação e esse professor veio para cá, que é o Daniel. E o Daniel ele recuperou a proposta que tinha, que era tudo mais [...]. Ele via a proposta que originou o museu e ele resolveu mudar o foco sem tirar a questão didática do museu, porém ele viu a necessidade do museu ser um museu. Foi aí que ele correu atrás de toda a documentação do museu, registrou o museu no **IPHAN**, que é o órgão que constitui os museus e por fim ele tinha, estava fazendo pós-doutorado e acabou sendo convidado para fazer, para dar aula de História para o pessoal da PUC de São Paulo e dar aulas de História para o pessoal de história mesmo.

D: Ele ficou por quanto tempo?

R: Dois anos mais ou menos. Ele ficou acho que de 2007 a 2009, se não me engano, essas datas. Mas assim a contribuição dele foi fantástica, ele remontou a exposição ele fez tratamento no acervo ele conseguiu verba para restauro, então ele fez assim, ele deu uma arrancada. Primeira vez que os brinquedos tinham sido restaurados foi com a verba da FAPESP, na inauguração que a agente tinha feito. Então passou esse tempo todo, ele que foi fazer novamente então ele assim

ele tinha a preocupação de fazer uma catalogação. E tanto que tem um trabalho de uma aluna que foi, fez um projeto de pesquisa dentro do museu e fez um trabalho muito interessante, que era a catalogação de jogos e dos materiais do museu então esse material existe a professora Tizuko tem a cópia, eu acredito que também tenho uma cópia dele aqui. O nome do trabalho é [...] da Tatiana e a Tatiana. Esse material é assim eu acho que dá para, ele deve ter defendido em 2010 para 2011, então assim dá para ver até ali como o museu estava, por esse material que é um bom registro.

D: Ele conta uma coisa mais recente de como estava o museu?

R: Exatamente. E a professora Tizuko que sempre coordenou o museu, então ela tinha acompanhado tudo, ela sabia que era isso mesmo.

Tem um trabalho que tinha sido iniciado pela Jane, mas quem acabou tocando ele mesmo foi o Daniel, foi classificar os brinquedos e coloca-los em caixas plásticas com aquele material sílica para que os brinquedos não criassem bolor não estragassem, e esse acervo que seria a reserva técnica do museu, eles estão todos em caixas aqui no estoque do LABRIMP guardados, por que o museu não tem espaço para guardar, então eles estão aqui nos fundos na sala de estoque, mas é a reserva técnica. E o interessante que tudo o que tem lá dentro das caixas está catalogado nos computadores do museu.

D: Então tem registro informatizado esse material?

R: Tem, desse material da para você montar uma exposição, só olhado a foto do material que está lá no computador, foi esse o trabalho que o Daniel fez, olhar o material que é e em que caixa está, fazer a busca. Vamos supor, você já busca monta uma exposição virtual ali, depois na hora de refazer a exposição, a intenção dele é essa é pegar aquele material montar e sei lá você vai pegar a caixa cinco: você que da caixa cinco você vai tirar de lá tal carrinho, tal joguinho, então você vai tirar determinados materiais, então da caixa oito você vai tirar os outros. E aí você já retorna os outros materiais que estão lá para as caixas de origem isso é um trabalho muito interessante.

O trabalho do museu ele ficou assim. Ele tem que ser dado uma continuidade porque eu acredito que deve ter alguns materiais que chegaram e não foram dados entrada, não foram classificados. Eu acredito que tá por aqui. Eu nunca mais mexi nesse material, não sei dizer.

D: Até agora você tem uma ideia de quanto material, ou um número aproximado de jogos dos brinquedos que tem no museu?

R: Não sei dizer, eu acho que tem no computador lá se vocês olharem nos computadores lá do museu você vai ter essa ideia, eu não tenho. Eu sei que a classificação que a Tatiana fez, lá tinha né, tudo catalogado, tinha a quantidade, eu acredito que foi a última catalogação mais precisa. Da li para frente acho que é preciso dar uma atualizada. Eu acredito assim, que um primeiro trabalho que vocês tenham que fazer talvez seja verificar se o que está lá catalogado é o que está na caixa certinho. Por que a gente não sabe quem mexeu, passaram muitos bolsistas nesse processo em que ficou sem um funcionário efetivo. Tinha uma funcionária no museu, trabalhava pro museu, mas ela era secretária ela não mexia no acervo ela mexia na verdade em burocracia da universidade, ela contratava bolsista, dispensava bolsista, mas nada em relação com o que estava lá. Ela falava: nós precisamos contratar um museólogo. Por que ela tem razão, realmente. Ou ter um professor que coordenasse, mas que fosse presente, por que a professora Tizuko nos últimos anos ela com essa expectativa da aposentadoria, ela está correndo e encerrando tudo em várias pesquisas, nesse momento ela está na Colômbia encerrando um projeto. Na licença prêmio dela, que foi até o mês passado ela estava no Japão, na Universidade de Tóquio encerrando um projeto com a Universidade de Tóquio. Então ela tem muitos trabalhos com outros países, então ela não tinha como chegar e sentar e ficar fazendo as coisas do Museu e do LABRIMP. O LABRIMP eu continuei tocando porque eu sempre tive aqui. E eu sei assim, que como eu sempre tive presente eu tenho preocupação em fazer esse registro principalmente do Museu. E o Museu ele vai ser citado no dia vinte e sete agora às quatorze horas vai ter aí no auditório da Faculdade um evento que é *Os Trinta Anos do LABRIMP nos Oitenta Anos da USP*. E é um evento onde a professora Tizuko quer homenagear o Diretor que aprovou a existência do LABRIMP e que por consequência o Museu que é professor Campina, é era professor da FEA que na época em que ele foi Diretor aqui não tinha ninguém que tinha titulação na faculdade, disponível, estava todo mundo com algum cargo. Tinha gente apara Reitoria e então não tinha gente disponível foi aí que esse professor por ser um titular da FEA ele foi convidado e fato dele vir para faculdade acabou propiciando a criação desses vários

laboratórios, não só o LABRIMP, várias coisas porque ele tinha uma visão assim, ele queria fazer enquanto ele estivesse aqui. Por não ter compromisso nenhum, com departamento nada ele sabia que estava aqui para construir e com isso nasceu o LABRIMP. O LABRIMP era um projeto e nesse dia agente vai contar um pouco da história do LABRIMP inteira e lógico o Museu, ele foi um dos braços aqui só que esse braço cresceu e tomou um outro rumo mas ele era o LABRIMP. Todo mundo chamava: lá no Museu do LABRIMP, era o museu do LABRIMP, mas aí ele ganhou vida própria a partir do projeto da FAPESP e ele foi inaugurado oficialmente com o Reitor presente e tudo. Teve assim um super - evento.

Na inauguração a gente queria no Museu fosse um lugar lúdico, teve brinquedo tradicional na inauguração: peteca, bola de meia, várias coisas. O brinquedo é o relato da época, e diz as condições da sociedade. E também tinha uma coisa a questão da produção dos fabricantes, era tudo muito mais caro. Era o tempo de ser mais criativo. Hoje em dia eu vejo assim: a criança tem muito brinquedo, brinquedo ele passou a ser uma moeda de troca. Se você for um bom menino e se for bonzinho. Vou te mostrar algumas fotos do dia da inauguração.

D: Essas estantes das fotos estão aqui no MEB?

R: Fui eu quem desenhei, eu desenhei em paint, era com base no que eu fui buscar no museu. A questão da altura do vidro vazado, a coluninha, os vidro tinham que ser bem estreitinhos por que se ele tomasse mais espaço, diminuía o foco de visão. Então assim tentar montar uma vitrine com cada temática, várias coisas que a gente considerou. Você viu que tema algumas vitrines grandes e todos vidros são removíveis, por que tem brinquedos altos, grandes.

D: Então você pode mudar a altura?

R: Pode. Tem uns pininhos nas laterais, por que aqui a parte é vidro, teve também essa preocupação de por vidro que se enxergue e dá também para tirar, vamos supor se for um daqueles bonecos grandões ele vai ultrapassar aí eu tiro os vidros por um período. Também pensamos a questão do madeiramento claro, por que estava falando de infância e de criança, se a gente pusesse um madeiramento muito escuro, ia ficar uma coisa, não ia combinar, é uma questão de combinar mesmo.

D: O espaço tem que ser aconchegante?

R: Exatamente. E o nosso principal alvo sempre tinha sido a criança para visitar o Museu.

Aí a mesa que teve. Nessa época a professora Sônia Peninn, era Diretora.

Essa foto é a Roseli Mônaco ela era funcionária aqui do LABRIMP. E essas três eram bolsistas do LABRIMP, elas tiveram ajudando o tempo todo para montar, organizar o Museu, sem deixar de atender a criançada na brinquedoteca.

Lá na Biblioteca está acontecendo a exposição das fotos da professora Alice Meirelles. A professora Tizuko quando ela estava com a proposta do LABRIMP e ela tinha conhecido esse material da professora Alice, então, assim teve contribuições fortíssimas, então na verdade isso já estava sendo feito lá traz é que não tinha essa denominação, mas formação lúdica já era feita e era dentro de uma sala de aula.

E a gente fala que evoluiu tanto né?

D: Como foi o dia da inauguração?

R: Nossa foi lindo! Nesse dia a gente trabalhou, mas sabe aquele dia que quando ele acaba você descansa por que está morta, mas você descansa feliz porque deu tudo certo, então assim foi muito gostoso, muito bom. Agente teve um ano, a gente teve um prazo curto, mas foi até bom, por que se tivesse talvez um prazo mais dilatado a gente acaba empurrando... brasileiro sabe como é né?! Vai deixando pro final. A gente estava com um ano para prestar contas, mas a gente tinha que inaugurar em um ano, pra fazer um relatório geral do que estava acontecendo, a partir da inauguração, então a gente precisava inaugurar, teve todo um processo junto a FAPESP. Na verdade o processo para ele finalizar ele demora cinco anos, ele assim de 98 na realidade em 2003 que ele finalizou. É assim tudo você tem que justificar fundamentar e comprovar, teve a mídia ajudou muito a gente, a mídia eu digo assim a rede de jornais da USP, tivemos isso publicado nos jornais de fora em jornais de bairro, na Folha de São Paulo, jornal da USP, teve muita divulgação.

D: Então provavelmente tem muitos registros?

R: Tem, tem na internet, tem pastas dentro do Museu que eu passei tudo e deve estar guardado deve ter um arquivo disso. Tem material concreto não só virtual, deve ter todo um trabalho da história, por que eu passei tudo isso pra o Museu quando ele acabou ganhado vida própria, e uma coisa muito legal que aconteceu também outro material. Em 1992 eu nem trabalhava ainda no LABRIMP, a professora Tizuko fez juntamente com uma orientanda dela, fizeram um levantamento sobre brincadeira tradicionais do Brasil. Então assim essa pesquisadora acabou indo para todas as regiões dos Estados do sudeste pegar esse material, ela acabou fazendo, acontecendo uma classificação de jogos do Brasil. Tinha 1380 brincadeiras tradicionais inicialmente, só que como a gente também já tinha um acervo, em livros explicando

brincadeiras ou explicando como determinada região como que eram a brincadeira deles ou cantigas, né. E quando o Museu foi inaugurado tinha em torno de 3000 brincadeiras. Então esse material todo das brincadeiras tradicionais estão dentro do Museu. Nós tínhamos também esse trabalho tentar fazer aquelas brincadeiras funcionarem apresentar, fazer uma dinâmica, saber o que acontecia. Então tinha uma preocupação de primeiro momento era fazer com que os bolsistas tomassem conhecimento disso pra saber trabalhar depois com um grupo de crianças. Isso foi muito rico também.

D: Era o resgate da brincadeira com o público..

R: Sim, é e a gente acabou descobrindo muita coisa. Que nem tem brincadeiras que fala do Boi, que a brincadeira do Boi é um elemento constante na cultura local ou de repente um lugar que fala muito do lugar de determinada árvore, e determinada árvore tem, é regional também, então a gente foi descobrindo. Essa pessoa ela trouxe para a Tizuko as brincadeira da região Sudeste mas que se somou com o que já tinha aqui, então ficou um trabalho muito bonito, esse trabalho tinha sido digitalizado por uma menina que estava no Museu a pouco tempo, acredito até que era do projeto passado digitalizando os trabalhos e as brincadeiras tradicionais. Não sei se esse material está pronto, isso tem publicação na biblioteca da faculdade. E assim existe a intenção de fazer uma coisa mais assim, mais bonita uma publicação desse material, com fotos. Algumas coisas tem o desenho mostrando como que configura uma forma de jogar, como que a brincadeira ocorre. Sei lá, como se faz uma cama de gato passa barbante, algumas brincadeiras assim, né. A gente descobriu coisas maravilhosas: a amarelinha que é conhecida no Brasil inteiro, só que em cada lugar se desenha de uma forma. Existe a de caracol, existem outras formas de jogar amarelinha, existem variáveis. Às vezes outra brincadeira ela é assim não é chamada de amarelinha é o caso do caracol, mas ele se joga na mesma ideia, na sequência e tudo mais, não pisar na casa, tem céu tem inferno, tem tudo, só que é numa outra configuração, às vezes tem até outro nome a brincadeira. Fica mais claro assim, a pipa, ela é chamada pandorga, papagaio, arraia, então assim cada lugar, chegamos a ver pipa só montada de papel, ela era feita só aqui em São Paulo, a capucheta ela é feita só de jornal. Então assim, em que outros lugares têm outro nome, mas os princípios são os mesmos. A bolinha de gude que em alguns lugares se chama só gude, a burquinha, bingüi. E assim, e a gente descobriu a bolinha, quando a gente estava fazendo o trabalho indígena, com os indígenas a gente descobriu que os indígenas eles jogam a bolinha de gude com as mesmas regras que a gente, só que eles jogam com argila, argila de rio, eles jogam, e eles fazem aquele desenho do triângulo, muito parecido. Parece que foi dado uma olhada em lugares primitivos que o homem branco chegou a muito

pouco tempo mas a bolinha já é antiga, então como que é isso? Então na verdade são brinquedos mundiais. É que nem a questão da boneca, que todo mundo tem, que representa a criança e que a gente sabe que isso é milenar, até naquelas tumbas dos faraós antigos tem bonecos feitos de pedra, então assim tem bonecos, e é uma forma de brincar, objetos como as panelinhas de hoje já forma feitas de barro, já foram de outros materiais rudimentares, como a madeira, madeira talhada. Que nem trabalho de pessoas que fazem trabalho. Em diversas feiras de artesanato é cheio disso. Já tivemos exposição no museu sobre isso, os brinquedos artesanais. E são brinquedos populares e que falam um pouco da história de todos nós. Tem algumas crianças que a opção é essa, tem outras crianças que não a opção é que o brinquedo, é que o brinquedo é feito de madeira, que nem o pião, ele é feito de madeira ou o bodoque que tem que ser produzido, hoje em dia já cheguei agora a ver feito de plástico, mas que é igual. E não tem aquela emoção de procurar uma boa forquilha no meio do mato. Essas coisas ficam para sempre. Fazer uma pipa que suba. Por que eu já fiz aqui no LABRIMP oficina de pipa e eu vi bolsista fazendo pipa e a pipa não subia por causa do excesso de cola, ou por que põem muito papel dobrado, ou a vareta está muito grossa e por aí vai. E a pipa fica pensa. Ou prendeu a seda com durex! Aí a pipa pesou, fica penso e não vai subir. Aí você vê que a criançada antiga não tinha muito a noção da matemática, mas eles sabiam que era par por a vareta no centre ele media coma a linha e descobria o meio onde era e marcava e marcava para achar o centro.

Outro, pra bafô eu conheci como figurinha, e a gente vê que não tem forma certa ou errada na verdade depende da cultura local e às vezes essa cultura local elas mudam nem é de Estado para Estado nem de país para país nem de cidade para cidade às vezes ela é de bairro, ela bem menor do que se pensa. E às vezes existem brincadeiras que só olhando mesmo por que a gente não faz ideia. Tem crianças que brincam com coisas de pesca, por causa da sua realidade, olha o tamanho do nosso litoral!

Eu acho que esse museu ele é a coisa mais linda, sabe. Que nem, lógico, eu adoro a parte do LABRIMP, sou pedagoga tem tudo a ver, desenvolvimento infantil, eu convivo diariamente eu recebo crianças eu vejo como ela cresce, muda, vejo ela trazer a coisa do cotidiano. Vou falar para você há vinte anos eu não via menino entrando na casinha e hoje me dia eles entram. Por que não era coisa de homem e hoje dia eu acho que não adianta ter esse discurso, eles veem dentro de casa o pai lavando a louça por que a mãe trabalha também, então quem lava a louça é quem chega primeiro. Então se o outro vem com aquele falso moralismo: isso é coisa de mulher!

Eles dizem: Para alguns não. O que está acontecendo? Qual o problema dele? Na verdade assim, vai derrubando valores e isso é cultura de época.

Eu criei dentro do LABRIMP um caixinha eletrônico, por quê? Por que as crianças chegavam no mercadinho e falavam:

- Ai! Eu preciso sacar dinheiro!!!

E eu olhava e pensava: isso não é brincadeira do meu tempo! O que eles estão falando? E aí eu me toquei que no máximo que tinha era uma coisa que eu ficava maravilhada, era uma caixinha registradora, eu achava lindo aquilo. Então eu precisava fazer alguma coisa que falasse a linguagem do tempo dessa criança. Muita gente fala para mim:

- As crianças de hoje em dia não sabem brincar.

Elas não sabem brincar com o que a gente brincava, o que era da nossa realidade, da nossa condição. Hoje em dia a criança, ela brinca com a informação do tempo dela. Você já viu a habilidade delas e mexer no computador e jogar? Vai lá você jogar! Eu tento e não adianta ele me ganha. E, olha eu já estou com esta pesquisa de jogos e games de computador desde o ano 2000, eu pus os computadores na sala e eu tomo “baile” direto dos pequenininhos de três anos. Então assim é por que é o tempo deles, não existe o certo ou o errado. No tempo em que nós éramos crianças nossos pais também falavam isso: não sabe brincar! Ficam aí só brigando de lutinha! Mas lógico passava na televisão só aqueles programas de super heróis, e nós queríamos reproduzir, lógico. Então assim, na verdade a brincadeira ela é cultural. Isso pra mim é claro. É cultura e do tempo da criança. Quando a criança brinca ela está representando as vivências que ela tem e isso faz com que ela reflita e aprenda o tempo todo. Ela está exercendo um papel de profissão, ela é médica, mecânica não importa. Tem crianças que eu vi no canto do médico, falando os nomes de doenças de infância que eles escutam quando os pais levam eles nos médicos:

- Não, se a febre não baixar a senhora dá um banho nele.

E eu fiquei olhando assim: nossa eles falam o que o médico fala. Eles distribuem senha para passar no médico. Eles veem, e a brincadeira é uma oportunidade que eles têm de colocar em prática e vivenciar isso. E com isso eles estão aprendendo, eles estão compreendo. E como eles aprendem que a família constitui: mãe, avó e a criança. E de repente a família do amigo é o pai, a mãe, e sete irmãos e outra é criado pelos tios. Há famílias de vários tipos. Conviver com as diferenças. O mundo é o mesmo para todo mundo são só as configurações que mudam, e nem

por isso uma criança tem mais direito ou não, é mais ou menos feliz, não importa. Todas elas têm um adulto por traz que passa conhecimento e para ela isso é muito importante.

A versão abaixo transcrita é uma versão atualizada corrigida pela professora doutora Tizuko Morchida Kishimoto, por esse motivo há trechos diferentes da primeira versão que se encontra no relatório parcial.

A entrevista iniciou com a fala da professora Tizuko discorrendo sobre os motivos que a levaram a pensar na elaboração do projeto do museu juntamente com o laboratório. Por este motivo a entrevista se inicia com uma breve introdução sobre o assunto. Acreditamos que tal relato seria rico para o trabalho e por esse motivo acreditamos que seria ideal não interromper a fala da professora.

Para identificação dos participantes indico em cada início de fala a letra inicial do nome do falante. Neste caso temos: professora Tizuko, Ermelinda Pataca e Daniela.

T: Quando a gente vai à França tem lá a Cité des Enfants (Cidade das Crianças) com dois andares só de brincadeiras onde a Ciência e a exploração, a ação e a operação da criança servem para introduzir as crianças nas experiências que dão base para aquisição de noções e conceitos de Ciência. Há crianças de três anos, dois anos, seis anos, é uma maravilha! Você (a criança) mexe nos equipamentos, você vê a produção do som, você vê como a manipulação de uma engrenagem está levando um objeto lá para cima. Então tudo resulta da ação da criança e ela observa o movimento e a partir daí ela vai constatando um princípio, pela experiência, que é isso que a gente chama de emergência no letramento científico. Vou dar alguns exemplos. A Criança jogava, por exemplo, umas pecinhas de plástico colorido em um pequeno riacho, coberto, mas transparente e ia vendo o objeto, acompanhando o fio d água, até chegar a outro lugar. Nos vasos comunicantes, ela vai vendo o objeto que jogou em um deles caindo ou subindo junto com a água, e vai aprendendo pela ação e observação. São ações que você pode fazer com pouca coisa, construindo uma área de brincar com tais princípios.. Eu até instalei uma estrutura desse tipo na parte externa da brinquedoteca que não está funcionando porque o mecanismo da bomba está emperrado, é muito duro, não está adaptado para a ação das crianças pequenas. A bomba deveria transportar a água para outro lugar para as crianças experimentarem a flutuação e transporte dos objetos e assim brincarem e aprenderem. A construção de

equipamentos com princípios científicos, ainda é um desafio para os profissionais que atuam na primeira infância aqui no Brasil, o que demanda estudos interdisciplinares para resolução de problemas desse tipo.

Então tem muito espaço aqui na brinquedoteca para a gente trabalhar na área de Ciências. Eu me lembro de uma vez que tinha uma equipe, da Biologia, Física ou outra área, mas daqui da USP que estavam interessados em pensar num projeto de brincadeira com eixo nas Ciências, mas tinha tanta coisa para fazer, que declinei da parceria. Foi há pelo menos dez a vinte anos, não me lembro da data. . Naquela época a Brinquedoteca e o MEB, sob minha coordenação focalizavam mais as brincadeiras imaginárias das crianças pequenas. Não havia ainda um trabalho interdisciplinar como o proposto agora com a equipe ampliada do MEB. Eu achei interessante, mas não tinha fôlego, porque sempre precisa ter alguém que entenda de ciências, que precisa acompanhar fazer pesquisa no campo. A investigação precisa ter um campo, um corpus teórico, uma fundamentação para fazer este trabalho de observação e investigação do brincar e do aprender. Então eu acho ótimo a Ermelinda, que é da área de ciências e outras pessoas da nova equipe que tem um olhar específico em um determinado campo do conhecimento e que podem providenciar materiais, fazer projetos e incluir os alunos no trabalho.

T: O museu surgiu por conta também de toda uma configuração internacional que criava brinquedoteca nos anos 60 na Europa. A primeira brinquedoteca foi criada em 1935, nos Estados Unidos, em Los Angeles, período da depressão econômica, em episódio envolvendo crianças, que frequentavam escolas particulares, provenientes de famílias que perderam toda fortuna em decorrência da depressão econômica. As crianças estavam acostumadas a ter muitos brinquedos, mas com as dificuldades financeiras dos pais elas deixaram de recebe-los. O que elas começaram a fazer? Elas começaram a ir até a loja da esquina, e começaram a roubar pequenas pecinhas para construir brinquedos. O proprietário da loja começou a observar essa situação e percebeu que se tratavam de crianças de famílias ricas, de escolas particulares com boas notas! Os pais passavam por dificuldades financeiras e não podiam comprar brinquedos. O lojista vai até a prefeitura para sugerir ao prefeito a criação de um tipo de biblioteca onde se empresta brinquedos para as crianças. O prefeito aceita a ideia e surge, então, a primeira brinquedoteca com empréstimos de brinquedos. Assim surge a Toy Library, que é uma biblioteca de brinquedos. Ela foi criada em s 1935, fruto de depressão americana e de problemas financeiros, e ficou como primeira experiência por um bom tempo. Só a partir dos anos 60 a Europa começou a expandir essa proposta criando brinquedotecas na comunidade. E junto com a brinquedoteca veio também o museu. Normalmente o mesmo grupo que criava a

brinquedoteca já criava o museu ao lado e principalmente se era mantida pela prefeitura. Nesse período se via na Europa a criação de um museu por semana. . E esse movimento de criação de brinquedoteca chegou ao Brasil nos anos 80, por conta do impacto dos congressos internacionais, de participação, inicialmente de Nilce Cunha, que era uma professora que trabalhava com crianças com deficiência, ela tinha uma escola com crianças autistas, deficientes mentais, e trabalhava também na APAE. A brinquedoteca na Europa começa a apresentar outras tipologias: existia a brinquedoteca criada na comunidade (toy library) e outra especializada para atender crianças com deficiências mentais (Lekotec) Essa nova modalidade é criada por uma sueca que tinha dois filhos com deficiência. Ao aliar o poder do brinquedo para educar essas crianças deficientes, ela cria uma ludoteca especializada para atendimento a crianças especiais. Então de um lado você tinha o eixo das ludotecas mais voltadas para atendimento à educação especial e de outro lado você tinha as ludotecas para as crianças brincarem. E paralelamente começam também a surgir museus tendo brinquedos como peças museológicas e também como espaços interativos com a organização de estruturas para explorar, experimentar. Então na França aparece a Cidade das Crianças (Cité des Enfants) criada nos anos 1990. Na França tinha também o Jardim Musical do Parque de Bologna, com projeto maravilhoso destinado às crianças, baseado na natureza, na música e na forma da criança brincar e aprender... O projeto foi instalado dentro de um parque, com uma construção contendo espaços representando as quatro estações, dentro do qual ficavam os instrumentos musicais construídos com materiais da natureza, em formato interativo para a criação dos sons. Cada espaço tinha a cor da estação, assim na primavera era a explosão das cores das plantas floridas, no outono, as cores de tons da terra, no inverno, o branco das neves e no verão as cores vibrantes desta estação. Ao percorrer o espaço do jardim, em cada ambiente a criança passava por uma estação e ia tocando, explorando e manipulando os materiais, que reagiam ao toque com a sonoridade musical. Então, por exemplo, em dos espaços tinha alguns toquinhos de madeira enfileirados no chão, como se fossem as teclas do piano e a criança ia pulando em cima deles e cada um emitia o som de uma nota musical. Assim a criação da música não era feita com as mãos, mas pelos pés, no pular os toquinhos de madeira.

Havia também outros “instrumentos musicais” no formato de cogumelos que pareciam crescer no jardim. Se você empurrava um dos cogumelos, com as mãos, ele produzia sons musicais. Tinha outro “instrumento musical” no formato de varetas que você tocava e produzia som de violino. A ação da criança, o toque era o princípio que movia os instrumentos, que foram produzidos para serem tocados..

Toda essa estrutura, que representava um jardim musical, dentro de um parque (Bologna), relacionava-se também com as estações do ano, suas cores e os elementos da natureza. A concepção para a produção da sonoridade era baseada na ideia de criança ativa, que criava a sonoridade. Então existia toda uma infraestrutura por baixo desse jardim que possibilitava às crianças agir sobre os objetos criados para produzir sons e os objetos, que tinham formato de cogumelo, de uma florzinha, ou de uma estrutura sequencial ou cordinhas de bambus produziam música sob o toque da criança. Era uma coisa maravilhosa! E depois em São Paulo o SESC, em um de seus espaços tentou utilizar materiais da natureza para a produção do som, que teve pouco tempo de duração. .

Mas a *Cité des Enfants* continua até hoje em Paris. É um prédio imenso que tem nos andares de baixo brincadeiras para crianças pequenas, cujo foco é a ação da criança, o toque, o movimento, enfim, um espaço interativo que tem como base a teoria piagetiana, de ação, reação e operação mental. A ação da criança sobre o objeto cria uma reação do material que possibilita a compreensão de mecanismos ou de experiências para iniciação no pensamento científico. (operação mental).

Ao participar de eventos internacionais sobre toy library ou ludotecas, nos anos 1980 Nilce Cunha adquiriu o *know how* para criar aqui em São Paulo, uma brinquedoteca para educação especial. Nessa época, havia uma discussão sobre a necessidade de criar brinquedotecas e o governo do Estado de São Paulo tomou a iniciativa de criar seis brinquedotecas no Estado de São Paulo como projetos geradores de outras brinquedotecas. Então a ideia era pelo menos colocar no Estado de São Paulo seis, isso em 1982. Quando eu fui atrás do projeto, eu argumentei sobre a necessidade de dispor de uma brinquedoteca na Faculdade da Educação para formar professores e foi concedida. Foi assim que surgiu a brinquedoteca aqui da Faculdade de Educação, que foi a única que sobrou das seis primeiras. As outras foram desativadas. Por quê? Por falta de recursos humanos e matérias. O brinquedo quebra, é material de consumo da criança. O pacotinho de brinquedos que recebemos na época continha duzentos brinquedos, arrecadados através da indústria dos brinquedos da época, principalmente da Estrela. O que são duzentos brinquedos? Nada! Os brinquedos recebidos foram acondicionados numa estante, no Serviço do Audiovisual e, eu levava meus alunos da graduação para olhar o material, manipular e fazer alguma análise desses materiais. .

Depois eu firmei um convênio com a Fundação Abrinq – Associação brasileira de fabricantes de brinquedos para que eles doassem os brinquedos, pois a brinquedoteca poderia também divulgar tais objetos. E ao mesmo tempo solicitei a reitoria, um funcionário, fiz um projeto para pedir um funcionário de nível superior, especializado na análise de brinquedo. Depois de quatro anos a

vaga foi concedida, e por isso, o LABRIMP tem um funcionário. E consegui também o espaço. Esse espaço variou: de sala de aula aqui na Feusp ou na Escola de Aplicação até conseguir este espaço aqui, que foi cedido na época da gestão da Maria Pessoa de Carvalho. Ela criou as salas de pesquisa aqui no Bloco B, e entre os vários grupos de pesquisa, a equipe do LABRIMP e museu ocupou um dos espaços das salas de pesquisa aqui em baixo.

Antes eu preciso contar também a parte da história que justificava a ligação entre o laboratório e o museu. Como eu estava dizendo para vocês, já havia uma prática desde os anos 60, na Europa, de criar museus próximos às brinquedotecas. Então quando nós fizemos o projeto para criar a brinquedoteca aqui na Faculdade de Educação, nós, pois era uma equipe, um grupo de estudos, que tinha além de eu, Mônica, Ori, Edda Bomtempo, Paulo Vasconcelos, Circe, Cecília, enfim um grupo imenso, participantes da PUC, da Psicologia e aqui da USP, a própria Nilce Cunha nos seminários de discussão.

Entrevistador: A Nilce era professora aqui? Entrevistado: Não, a Nilce era professora da Escola Indianópolis e trabalhava também na APAE - Associação de Pais e Amigos da Escola. A escola Indianópolis, era uma escola particular. A Nilce quase não vinha aqui na Feusp, a gente se encontrava com ela nas reuniões fora da USP. Mas as reuniões aqui, com esse grupo grande era destinado à discussão do brinquedo. E foi com esse grupo que se formatou uma proposta de criar um Centro de Estudos do Brinquedo, com museu. Na época se chamava CEBRIMP (Centro de Estudos de Brinquedos e Materiais Pedagógicos). Só que essa denominação não foi aceita pelos órgãos da USP. Porque na época todo Centro, conforme regimento aqui da universidade, normalmente é um grande projeto, que requer a presença de uma diretoria executiva, uma financeira e uma científica, com autonomia. Nós não tínhamos uma autonomia financeira, autonomia de gestão, nem diretoria executiva. Não tínhamos nem dinheiro, nem espaço, funcionários, nada! Então não poderia ser CEBRIMP, então teria que ser um laboratório especializado no brinquedo e no material pedagógico. E desde então o nome adotado: laboratório. Foi o primeiro laboratório criado aqui na Faculdade da Educação, pois não existia nenhum outro. Na época, nos anos 80, esse laboratório não tinha muita aceitação. As críticas: Uma Faculdade que não tem um laboratório de matemática, física, nem de química vai ter um de brinquedo?! . Qual a razão de estudar brinquedo? Se tem tanta coisa mais importante do que o brinquedo? Enfim, recebi muitas críticas, mas continuei firme, acreditando que o brinquedo é importante para a criança pequena.

D: Você tinha uma parceria com essas pessoas, com o Ori, com a Nilce.

Entrevistado: Isso, na época. Depois cada um seguiu seu curso. O Ori criou o Clube de Matemática e a Nilce foi presidente, por muito tempo da Associação Brasileira de Brinquedotecas. Na verdade era um grupo que se interessava pelo brinquedo e que criou a Associação Brasileira da Brinquedoteca. Quando criamos a Associação Brasileira de Brinquedoteca, tivemos um problema. Inicialmente, a ideia era criar uma associação com outro nome: Associação Brasileira de Ludotecas. Por que o termo ludoteca é conhecido internacionalmente, e brinquedoteca só existe no Brasil. No mundo todo ou é Toy Library ou Lekotec, Ludoteca. Só que quando se tentou registrar o nome de Ludoteca, um membro de equipe de discussão manifestou-se contrário a denominação porque era diretora de uma escola de educação infantil privada que tinha como nome: ludoteca. E aí nos ficamos quebrando a cabeça: que outro nome nós poderíamos dar em substituição à Ludoteca? Pensamos então, brinquedoteca. Então o Brasil diferencia-se de outros lugares do mundo pela denominação diversa que atribui ao espaço. Por conta desse fato que aconteceu aqui, desse problema na hora do registro do nome, um nome internacionalmente conhecido (ludoteca) não pode ser utilizado. E ficou Brinquedoteca. No mundo todo, nos países de língua inglesa, adota-se a denominação Toy Library e em países de língua francesa, espanhola ou mesmo italiana Ludoteca. Bom, e o museu, era criado, em geral próximo da Ludoteca. E as universidades aproveitavam a oportunidade para usar esses espaços para fazer estudos. Quer dizer a universidade não tinha dentro dela nem museu nem ludoteca, mas elas usavam a ludoteca e o museu para fazer investigação. Por exemplo, a Université Paris 13, na França, desde os anos 1980, tinha um grupo de estudos sociológicos sobre o brinquedo, criado por Jacques Henriot que era o professor titular dessa universidade. Ele criou esse laboratório especializado no olhar sociológico sobre o brinquedo. Esse grupo oferecia um curso de especialização em Ciências do Jogo com a duração de um ano e meio. E nesse curso discutiam-se diferentes abordagens: psicológicas, sociológicas, de educação comparada, de literatura, de marketing, com alunos de vários países. Inclusive eu enviei uma aluna nossa de doutorado, a Gisela Washkop, que foi minha doutoranda para fazer esse curso de especialização. Após a aposentadoria de Henriot, o novo diretor do centro, professor Gilles Brougère utilizava a estrutura das ludotecas e museus como campos de investigação.

E depois nos anos 1990 eu iniciei um processo de colaboração com o Gilles Brougère. Em 1990 ele veio para cá e nós fizemos um grande congresso internacional sobre o brinquedo, com apoio da Associação Brasileira de Fabricantes de Brinquedos.. Logo em seguida, eu e Gilles elaboramos um projeto internacional de interação entre a Universidade de Paris 13 e a Faculdade de Educação, com recursos financeiros dos dois países no programa COFECUB, que teve duração de quatro anos (1994 – 1998). A ideia era fazer o mesmo tipo de pesquisa que se

fazia na França aqui em São Paulo, então o objetivo maior, a pergunta de pesquisa era verificar quais eram os usos do brinquedo na França e no Brasil. A pesquisa colaborativa incluía o mesmo quadro teórico, o mesmo questionário usado na França, adaptado por mim para uso no Brasil. Após o pré-teste acrescentei alguns itens relacionados aos brinquedos que tinham aqui no Brasil, eliminei todos os itens (brinquedos) que não tinham no Brasil por que os brinquedos na França são mais sofisticados, e muitos não existiam no mercado brasileiro. O questionário utilizado na investigação até hoje serve para análise dos brinquedos nas escolas. Isso para vocês entenderem um pouquinho dessa história.

Então, voltando ao museu, a história do museu. Outro fator que fez com que o LABRIMP tivesse dentro dele o museu foi um episódio que aconteceu com Alice Meirelles Reis, que era uma professora da Escola Normal Caetano de Campos. Ela foi aluna no jardim de infância daquela instituição, depois foi professora do jardim da infância de 1920 a 1935, e depois professora da Escola Normal. Enquanto aluna do jardim de infância ela participou de todas as atividades do jardim da infância no modelo frebeliano. E quando ela voltou como professora e viu a mesma programação, disse: - Nossa, a mesma programação quando eu era pequena! Nós precisamos mudar isso! Então a partir daí ela começou a mudança da programação, incluindo novas teorizações que vinham do exterior: Dewey, Decroly, Montessori, entre outros, fazendo alterações da metodologia froebeliana.

Ela começou a criar uma prática de documentação em imagens que viu nos Estados Unidos e na Europa, que era registrar o que a criança faz, e fotografava as brincadeiras das crianças, não só uma fotografia no ato, mas ela planejava as atividades com as crianças e depois fotografava ao longo do processo até terminar o projeto. Por exemplo, se o projeto era plantar milho, incluía desde preparar o terreno, o plantio, a rega, o milho crescendo, a coleta do milho, cozinhar o milho e depois comer o milho. Olha quanto tempo leva o projeto e se não tiver um planejamento não se dispõe de imagens sequenciais.

D: Isso em 1920? R: Isso nos anos 1920; de 1920 a 1935. Então, como fazia essas observações junto às crianças e fotografava ela tinha um monte e álbuns de fotografia. Quando eu fazia o doutorado sobre a pré-escola em São Paulo, em 1982, fui entrevista-la. Ela me mostrou esse monte de fotografia que tinha, e disse: - Os livros que eu tinha, eu doei tudo para a biblioteca da PUC quando vieram me entrevistar, mas eu não doei esses álbuns de fotografias. Eu queria doar esses álbuns de fotografia para uma instituição pública que tivesse um museu. -Eu respondi imediatamente: Alice, pode me dar essas fotografias que eu vou criar um museu. E então eu recebi os álbuns. Dois anos depois eu criei o LABRIMP com o museu. No interior do Labrimp havia um armário fechado onde ficavam os álbuns e os brinquedos antigos doados. Portanto, o

primeiro *locus* do museu foi dentro do LABRIMP, por que já se tinha uma ideia de que o brinquedo poderia ficar como objeto museológico, preservado e ao mesmo tempo, ser objeto de cultura lúdica no espaço da brinquedoteca para a criança brincar. . Então as duas coisas andavam juntas. Eu só consegui desmembrar o LABRIMP do museu quando eu consegui sala adequada para o LABRIMP e sala adequada para o museu. Isso foi nos anos 1990, na gestão da Ana Maria Pessoa de Carvalho quando ela fez a reforma de todo esse pedaço do bloco B, na parte de trás e ali ficaram os grupos de pesquisas. Então, tinha o grupo de pesquisa do brinquedo e a brinquedoteca. E consegui também dispor de uma sala para o museu em 1999, em agosto de 1999, próxima do laboratório para atividades integradas. Na ocasião fui buscar recursos financeiros da FAPESP, CNPq e CAPES, para a construção de vitrines, compra de brinquedos para a brinquedoteca, equipamentos para controlar iluminação e humidade, manutenção do acervo fotográfico..

Solicitei recursos financeiros para o Ministério da Cultura para manutenção do Labrimp e do MEB, no programa do Ponto e Pontão de Cultura que chegaram a partir de 2004. Em 2004 inicia-se o Ponto de Cultura, aqui da faculdade, denominado “LABRIMP – MEB espaços de cultura. Brincando e Aprendendo na Universidade”. Esse projeto teve tanto sucesso que foi premiado, e os bons projetos se transformariam em Pontão da Cultura. Qual a diferente entre Ponto de Cultura e Pontão de Cultura? O Ponto de Cultura faz atividades locais, para a população local. . Já o Pontão de Cultura tem que fazer atividades para o Brasil todo e para fora do país, se for o caso. Então, como Pontão de Cultura, eu tinha que ter projetos com alcance nacional. Então o que nós começamos a fazer? Cursos de formação online, para pessoas do Brasil todo, destinado à montagem de brinquedoteca, para entender o brincar. Durante o curso selecionavam-se algumas brinquedotecas para os membros da nossa equipe avaliar in loco. Pedia-se para que eles fizessem portfólios.. Fazíamos Tendas de jogos, por exemplo, com jogos multiculturais e recursos do Ministério da Cultura. Nós compramos inúmeros jogos de diferentes países, e utilizamos esse acervo material para a formação de nossos bolsistas. Encomendamos a produção de um equipamento composto por uma tenda que fica embutida num tipo de carro que condiciona mesas e cadeiras dobráveis, com uma cobertura, a tenda que cria o ambiente para os jogos, que você transporta, leva para qualquer lugar. Os alunos, ao mesmo tempo, que aprendem as histórias dos jogos aprendem as regras, eles ensinam também adultos e crianças, por meio da tenda dos jogos. E toda vez que tem algum evento fora do Estado a Tenda de jogos e os bolsistas seguem para várias localidades para fazer essa divulgação dos jogos. Assim, o Pontão de Cultura com a Tenda dos Jogos, sob nossa responsabilidade passa a ter alcance nacional, circulando por diferentes partes do país.

O livro da Alice Meirelles Reis sobre suas práticas pedagógicas no jardim de infância, no período de 1920 a 1935 foi publicado com recursos do Ministério da Cultura. Agora há possibilidade, de ampliar a publicação desse livro com parte de verba não utilizada do MINC. A ideia é aumentar mais uns setenta exemplares do livro da Alice e fazer mais dois sobre documentação pedagógica com recursos do Ministério da Cultura.

Com a mudança do governo Federal e a entrada do Juca no Ministério da Cultura, pode ser que ele continue o programa do Pontão de Cultura, pois foi na época dele, há dez anos que foi criado o projeto, então eu acho que ele tem interesse em sua continuidade, mas tudo depende da nova política. Se ele reabrir o projeto entramos na concorrência novamente, mesmo eu não sendo mais docente da ativa (estou aposentada) eu posso continuar monitorando e coordenando projetos, por que na verdade esses projetos nem saem no meu nome. Como a Faculdade não pode gerenciar verbas, não tem gente para gerenciar essa verba e eu não posso fazer isso, quem faz é a FAFE, então quem fica como responsável pelo projeto é a FAFE. Eu sempre brinco com essa situação, pois, eu não ganho nada, nem título, nem projeto em meu nome, eu só ganho o trabalho. Não fico preocupada com essas coisas. Se abrir novamente a licitação vou continuar trabalhando gratuitamente, sem título, eu sempre fiz isso e vou continuar fazendo e entra um bom dinheiro, cerca de cem mil ou mais por ano. Então você imagina desde 2004 cem mil por ano, é um dinheirão de quase um milhão para a Faculdade de Educação. Então vale a pena e com tais recursos fui mantendo o LABRIMP e o MEB. Com isto, e mais recursos da FAPESP do CNPq, da CAPES, da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e, dos fabricantes de brinquedos, cujo convênio firmado oferecia como contra partida, catálogos e brinquedos. E, além disso, nós fazíamos testes de uso dos brinquedos com as crianças que frequentavam a brinquedoteca e em contrapartida eles enviavam os brinquedos. . Nós fizemos uns cinco ou seis testes. Depois desistimos, por falta de equipe e condições. Nós fizemos um teste com um brinquedo contendo moldes para preencher com gesso, que vinham em saquinhos. A criança tinha que fazer uma mistura com parte de água e parte de gesso, colocar nos moldes, deixar endurecer para depois retirar. Depois do uso, o que se percebeu? O material ficava solto, sem uma embalagem para acondicionar os moldes e o resto do gesso, pois a embalagem original, de papel já tinha sido jogada fora. Então nós sugerimos para o fabricante: - Faça uma embalagem para guardar esse material. E depois também sugerimos o acréscimo de recipiente para medir a quantidade de água e gesso. Eles adoraram as sugestões. Outro foi de uma boneca que fala. Ao comprar o brinquedo um pai entendeu que a boneca estava falando palavrão e entrou com um processo. E aí foi nos solicitado um teste. Compomos uma equipe, coordenada por uma mestrandia para analisar a fala da boneca. ...Após o teste verificou-se, que não havia nenhum palavrão. O uso de uma voz um pouco cibernética na fala da boneca poderia ter criado certos ruídos e ocasionado a

confusão. A brinquedoteca ganhou um monte de bonecas desse tipo. Na França há uma Ludoteca em Lyon, especializada em testes de brinquedo, com equipe de físicos, químicos, engenheiros para fazer testes mecânicos repetitivos para ver a qualidade e resistência de materiais em seu uso constante, de análise da toxicidade das tintas, além de equipes de psicólogos, sociólogos e pedagogos para averiguar a adequação do objeto à criança e ao contexto. O Labrimp não dispõe desse tipo de estrutura para testes de brinquedos. É preciso priorizar ações para realizar com qualidade. Mas de qualquer forma foi uma experiência importante e, acho que o Labrimp amadureceu. O último teste que nós fizemos foi de uma aluna da Educação Física da USP, que foi fazer a minha disciplina de Brinquedos e brincadeiras. Ela preocupava-se, com o fato de a Educação Física restringir-se à quantificação dos movimentos físicos, da força e, no meu curso, discutia-se a importância do movimento para a criança entrar no imaginário. Era outra perspectiva do papel da Educação Física para crianças pequenas. Então ela criou um jogo que chamou de jogo simbólico. Um jogo que dispõe de uma estrutura, que a criança monta e desmonta e cria um ambiente simbólico, com uso de complementos como tecidos e outros materiais para brincar com outras crianças. O novo princípio que rege esse novo equipamento, é que a criança desenvolve atividade física e ao mesmo tempo atividade simbólica.

Ela pesquisou o processo de montagem da estrutura, fez vários testes de usos, com as crianças da brinquedoteca, e nós fazíamos os comentários. Após várias modificações ela apresentou o projeto para um fabricante, que gostou e fez o protótipo. Pronto o protótipo, ele foi testado aqui na Brinquedoteca, com crianças da Escola de Aplicação da USP e meus alunos do Curso de Pedagogia que estudavam os brinquedos. E notou-se que quando a criança sentava em uma determinada parte da estrutura (uma barra), ela vergava, o que demandou a necessidade de reforçar o material dessa estrutura. Foram feitas várias sugestões, todas aceitas pelo fabricante que sempre reformulava o protótipo. Hoje o brinquedo está nos catálogos, nas feiras de brinquedos e sendo utilizado por crianças em várias localidades. .

Essa experiência evidencia que o LABRIMP também se tornou um espaço de criação e de testes de brinquedos de alunos da própria universidade, efetuando a colaboração Universidade-Empresa. Esse foi o primeiro projeto com a colaboração de uma empresa. Outro teste que se fez, faz muito tempo atrás, foi junto com uma equipe da FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, que criava kits de construção com papelão, no formato de edifícios históricos, igrejas, representando as criações de arquitetos famosos. O papelão era cortado, encaixado e colado criando as estruturas dos edifícios e das igrejas, tornando-se estrutura tridimensional.. Foram convidados a participar da experiência, os alunos da primeira e segunda séries da Escola de Aplicação. Meu filho, que participou da experiência, pois era da primeira

série, se lembra até hoje e criou um gosto especial por construção. Filmamos, fizemos relatório e mandamos para eles. Não sei se fabricaram,, não sei o que aconteceu, pois não recebemos feedback. . Produção de kits de brinquedos para construção é muito comum em outros países. Você monta a partir de pecinhas pré-fabricadas e depois a pessoa em casa monta então a ideia da arquitetura era fazer isso e talvez os alunos de graduação da FAU não tiveram o empenho da Kelly, a criadora do Brinquedo simbólico, de entrar em contato com os empresários, ir atrás, fazer vários testes, tem todo um trabalho para conseguir a produção do projeto. Mas foi um teste interessante.

Outro teste que fizemos, sempre com as crianças da Escola de Aplicação foi com música, contos e dança o que indica que nem sempre a brincadeira é com o objeto, muitas vezes podem ser com o corpo ou com a voz. Eram propostas que envolviam a música e o movimento, de modo livre, a partir da contação de histórias . Foi um projeto muito interessante também

D: Isso está registrado?

T: Está tudo registrado e acabou sendo objeto de doutorado de um aluno da FFLCH. Eu apenas colaborei cedendo o espaço e as crianças. Mas o projeto era da FFLCH. Então muita coisa não está registrada aqui, mas está registrada na Arquitetura ou na FFLCH, no projeto da Literatura Comparada, Literatura Portuguesa Comparada. Na época eu era vice-diretora e fui criando espaços para os projetos entrarem aqui e acontecerem. Enfim, o crédito é só de colaborador, mas nesse projeto foi utilizado o espaço da Escola de Aplicação, com suas crianças e com o suporte da FFLCH.

Tem um grupo de Osasco, ligado à Tecnologia que quer vir aqui para conversar e ver a possibilidade de emprestar um monte de coisa, enfim, tem sempre solicitações dessa natureza que é preciso analisar.. Há, também, solicitações de empréstimos de brinquedos do MEB para exposições em outros municípios.

D: Professora, e pensando nisso tudo tem algum estudo, algum levantamento sobre os impactos que o museu e o LABRIMP geraram na sociedade? **R:** Infelizmente ainda não! Há alguns iniciados, mas que ainda não foram escritos.. Antes vou falar sobre o impacto que precisa ser investigado, que é a presença dos sites do Labrimp e do MEB que veiculam várias informações, desde congressos, bibliografia, pesquisas e montagem de brinquedotecas. Em geral, a grande maioria das universidades que tem uma brinquedoteca passou por aqui, aprendendo, gratuitamente. A Ruth nos últimos tempos não aguentava a demanda e reunia todos os pedidos juntos e uma vez por mês ela dava um curso de como montar e como organizar uma brinquedoteca, em uma sala cheia de interessados inscritos na formação. Com o dinheiro do

Pontão de Cultura nós fizemos curso on-line de como montar e organizar uma brinquedoteca. Então se você indaga a qualquer brinquedoteca instalada no Brasil como eles aprenderam a montar esse equipamento, a grande maioria vai mencionar o papel do LABRIMP, nesse aprendizado, esse é um impacto visível, isso a gente já tem a clareza. Outro impacto refere-se à formação dos bolsistas como recurso para a comunidade. A Ruth tem dados dos bolsistas que passam pelo LABRIMP e o MEB, saem especializados e as escolas e os hospitais estão atrás desses bolsistas para contratar. Se ele coloca no currículo que foi bolsista da brinquedoteca ou do museu, ele é contratado para trabalhar na brinquedoteca do hospital ou similar. A Ruth está fazendo esse levantamento, pois a ideia era de fazer uma publicação e colocar tais dados, mas até hoje ela não me passou esses dados para a produção em conjunto de um artigo. Ela tem o contato de todo mundo. E ela fica investigando: - Como você está? Onde você está? Então por exemplo, ela tem dados de uns cinquenta bolsistas que já passaram pelo Labrimp, que informam- olha: fulano de tal está na brinquedoteca do hospital, outro fulano está na escola particular, ela sempre vai me contando o percurso de nossos ex-bolsistas. Creio que, esse é outro impacto. Agora é preciso terminar a escrita para a divulgação. Então eu já falei de alguns impactos nacionais, outro impacto é o internacional.

O impacto internacional acontece de várias formas. Primeiro pelo congresso internacional de ludotecas quando acontece aqui no Brasil. Toda vez que ocorre aqui no Brasil, em São Paulo, a comissão do congresso solicita uma visita a brinquedoteca aqui da Faculdade durante o período do congresso. Então, os congressistas internacionais e outros que ainda desconhecem o laboratório vem fazer essa visitação.. Quando o Instituto de Psicologia monta, por exemplo, um curso sobre brinquedoteca eles pedem também o uso da nossa brinquedoteca para atividades práticas, uma vez que lá eles não tem brinquedoteca. Da mesma forma, quando a Associação brasileira de brinquedotecas quer dar um curso solicitam visitação a nossa brinquedoteca, portanto ela é referência, isso é um impacto. O segundo impacto internacional são programas digitais gratuitos como, o Ludilib, o Braillevirtual. O Braillevirtual é ofertado em três línguas: espanhol, português e inglês. O Ludilib tem versões para pesquisa em cinco línguas:: português, espanhol, inglês, francês e italiano. Por tais razões ele tem uma penetração muito grande no mundo todo, e o Ludilib é uma biblioteca digital que integra cerca de três mil e quatrocentas bibliotecas digitais abertas do mundo que estão nos oferecendo dados em tempo real com os computadores colocados em rede em várias partes do mundo. Tem pelo menos quatro ou cinco lugares que o Giovane alugou para captar esses dados e trazer aqui para a nossa brinquedoteca. Eu fiz a parte da ontologia que significa preparar um rol de palavras chaves para inserir no programa, com versões em cinco línguas. Na página principal do site, ao colocar no quadradinho de busca uma palavra como ludoteca ou Toy Library ou atividades lúdicas, o

programa vai captar em questão de segundos sete mil, oito mil, dez mil, itens de pesquisa do mundo todo em línguas diversas sobre os itens da busca, e se pode copiar o artigo ou entrar no biblioteca digital da universidade que se está pesquisando para outras informações. Então é uma coisa maravilhosa para quem faz pesquisas e parece que os pesquisadores estão adorando. Graças ao Giovanni, que doou a biblioteca digital na comemoração dos 25 anos do LABRIMP. É a única biblioteca digital especializada no lúdico no mundo todo. E quando a USP descobriu que o Giovane faz esse tipo de biblioteca tematizada digital, o grupo de pesquisa da violência da USP mais o Estadão, chamaram o Giovane para fazer a “Corrupteca”, que é outro tipo de biblioteca digital especializada no tema da corrupção. Ele fez gratuitamente para USP por que ele se considera devedor por ter um diploma da USP. . Ele cursou a Pedagogia, como um aluno com altas habilidades, sem necessidade de frequência a todas as aulas. Antigamente chamava-se de superdotado, hoje com alto nível de habilidades. Seu alto nível intelectual e de interesse faz com que quando o professor dá um texto para leitura, ele lê o livro todo e os outros livros do autor. Ele foi meu aluno e mesmo sendo graduando de Pedagogia assistia à aula de pós- graduação e mencionava textos de Aristóteles, de Platão que ele tinha lido em grego, só para terem uma ideia da sua voracidade de leitura. Depois que ele virou empresário e ficou rico disse: - Eu vou tirar um ano de férias. Aí você imagina: ela vai para Bahamas, para Grécia... Não! Ele se enfurnou na biblioteca da FFLCH para ler todos os livros que tinha interesse, sentado num sofá no interior da biblioteca e quando ficava cansado dormia um pouco no sofá e depois ia almoçar aqui da USP. Creio que para ele foi uma experiência de um ano de viagens nos livros, então você vê a capacidade desse rapaz. E aqui não queriam dar o diploma para ele, alguns professores se ressentiam por que ele não assistia às aulas... Então esse rapaz é que fez o Ludilib, a corrupteca e está fazendo outra biblioteca digital para a Feusp. A Harvard já ofereceu a ele uma vaga para estudar em sua instituição. E ele informou que: - Olha só vou daqui a cinco anos! Ele disse que tem coisa para fazer aqui no Brasil e depois ele vai. E ele vai fazer o curso assim um pouco presencial um pouco on-line. Se a pessoa tem altas habilidades, não tem necessidade de ficar no curso, o tempo todo, ele vai lá conversa com os professores, faz a orientação e volta para o Brasil. Então, essa estrutura que existe em outros países, de você oferecer o conhecimento de acordo com a capacidade do sujeito, isso é que é educação! Não é colocar todo mundo numa forma, todo mundo sentado para assistir aquele “beaba”. Então esse rapaz é que nos ofereceu também o Braillevirtual, que já existia em outro formato. A professora Nely Garcia, que era professora de educação especial, tinha elaborado esse curso e o vendeu para a Secretaria da Educação Especial do Governo Federal e a Secretaria, o que fez? Pegou o projeto, multiplicou todo o material e enviou para sessenta instituições de Educação Especial do Brasil todo. . Parece que o projeto ficou guardado nos armários da educação especial e teve

pouco impacto– Nas conversas com a Nely fiz a proposta de divulgar o material no site do Labrimp. Temos que colocar o projeto, mas na versão digital. Era necessário dispor de conhecimentos de várias áreas como Engenharia, Física, Educação e selecionamos bolsistas desses campos, com recursos da Pró-Reitoria. Eles criaram essa estrutura que aparece hoje como Braillevirtual em que você aprende braile em doze horas usando brincadeiras do tipo forca, adivinhar as palavrinhas, jogo de memória.. Rapidamente o programa obtém um sucesso mundial, com milhares de acesso. Em síntese, os dois programas digitais que tem impacto internacional são o Braille Virtual e o LUDILIB.

Há uma visibilidade grande do LABRIMP, em função de tais programas. Quando eu fui, por exemplo, participar do último congresso do ITRA-International Toy Research Association, eu fui falar da nova versão do LUDLIB. Quando eu voltei já tinha um pedido de uma universidade estrangeira para a publicação de um artigo sobre o Ludlib. Quer dizer eles viram pela programação do congresso e me mandaram e-mail dizendo: - Professora manda um artigo sobre a essa temática do congresso? Ai eu chamei o Giovane e disse: - Giovane vamos escrever sentar e escrever sobre o elaboração e os impactos do Ludilib...

D: Voltando na sua formação como você fez Pedagogia? Entrevistado: Então, eu fiz Pedagogia e depois a pós-graduação. No mestrado estudei o currículo em espiral na teoria curricular de Bruner e no doutorado, debrucei-me sobre a história da pré-escola em São Paulo. Quando eu fiz o mestrado sobre a proposta curricular de Jerome Bruner sobre o currículo em espiral eu li as obras de Bruner e descobri que ele estudou etologia e percebia a importância do jogo para o mundo dos chimpanzés. - Na ocasião pensei, se o Bruner considera o brincar tão importantes no mundo dos animais, pode-se perguntar qual é a importância de usar o lúdico para educar as crianças pequenas? Essa pergunta ficou para investigações posteriores.

No doutorado retomei a questão dos brinquedos e brincadeiras para crianças pequenas. Contextualizei a pesquisa no estado de São Paulo, mas em vão, não localizava estudos sobre o brincar na educação infantil. Diante da falta de dados minha pergunta original foi se modificando para buscar informações sobre as primeiras instituições de educação infantil, seus mantenedores e as práticas pedagógicas. Nessa busca de informações consegui delinear segmentos religiosos como católicos, evangélicos, grupos vinculados a saúde que faziam as Cruzadas pro-infância para combater a alta mortalidade infantil, além dos militares.

Constatei que o governo estadual mantinha a Escola Normal Caetano de Campos, com um jardim de infância, militares mantinham a Cruz Azul com pré-escola para filhos de militares. Fui descobrindo não só mantenedores diversos de instituições de educação infantil, mas também

profissionais que atuaram naquele período. Assim embarquei na área da história e historiografia por meio da investigação de instituições de educação infantil no período de 1877 até 1940.

E: Você já era professora aqui da Faculdade? **T:** Sim, já era desde 73, comecei meu mestrado em 71 e em 73 fui convidada para ser professora daqui. Eu era professora já de ensino superior em escola particular.

E: De educação Infantil? **T:** Não, logo depois que terminei a graduação em Pedagogia trabalhei no Ginásio Pluricurricular Experimental III, na Lapa, como coordenadora pedagógica, de 1968 a 1970. Trabalhei em faculdades privadas, a partir de 1971, como na Escola Campo Salles, Senador Flaquer de Santo André, na Fundação Municipal de Santo André, como colaboradora da Dra. Amélia Americano Domingues de Castro, professora da Feusp, e que era a titular da disciplina de Didática. Ela oferecia a alguns alunos que cursavam sua disciplina de pós-graduação, a oportunidade de monitoria de ensino superior. Ela dava as aulas magnas e nós complementávamos. E assim fui aprendendo.

E: E dava aulas de que? **T:** Dava aula de Didática e em sua disciplina tive a oportunidade de conhecer Jerome Bruner, que me encantou e virou meu tema de mestrado. Então aprendi Didática com a dona Amélia como a chamávamos. Aprendi a entrar no âmbito da História e da Historiografia estudando o contexto histórico do aparecimento das primeiras instituições de educação infantil. É por isso que hoje eu estou em duas áreas: eu estou na área da investigação da história e historiografia e estou também na área de Psicologia e Educação. Para entender meu percurso formativo, da Didática, fui buscar informações sobre o “currículo em espiral”, que teve impacto no ensino de Ciências. Com o autor desse currículo Jerome Bruner, cheguei ao jogo e ao investigar as pré-escolas em São Paulo descobri um pouco deste território tão pouco pesquisado e com ausência do jogo.

E: Por que Educação Infantil? **T:** Então, eu cheguei à Educação Infantil por conta de leituras e perguntas que me inquietavam: se o brincar é importante como dizia o Bruner, se o macaco aprende com os outros parceiros dele, em sua infância, a se enfrentar e ficar brincando de luta, em processos imitativos, vendo os macacos maiores para aprender a conduta dos adultos, como seria com as crianças pequenas? Então comecei a estudar Piaget e a questão dos jogos. O primeiro curso de pós-graduação que fiz foi no Instituto de Psicologia, eu queria entender Piaget e os

jogos e na época eu nem era aluna daqui da USP. Eu ainda estava lá na PUC, tinha acabado o curso de Pedagogia.

E: Isso você ainda estava fazendo o doutorado? **T:** Não, isso antes do mestrado. Eu fiz a minha graduação na PUC. Eu vim do interior, me transferei para a PUC e o primeiro curso em pós graduação foi em Economia, na PUC, tinha um curso de Economia lá com o José Pastore, ele era economista. Eu não estava entendendo nada e pensava: esse curso não está me dando base para nada. Larguei o curso e fui para o Instituto de Psicologia. - Quero estudar Piaget, criança pequena e jogos. Fui lá com a professora piagetiana Zélia Ramozzi Chiarotino. . Aí fiz o curso dela e junto até com Lino de Bueno marido da Professora Belmira Bueno, atual diretora. E na época era engraçado, eu tinha um amigo engenheiro que era do ITA, ele era assim de altas habilidades também, ele era meu vizinho. Tudo o que eu não entendia de matemática, lógica eu perguntava a ele. Nas classificações epistemológicas de Piaget havia umas fórmulas de matemática e lógica que eu tinha muita dificuldade para compreender.. Aí eu pedi ajuda para esse amigo:: - Vem cá me explica essas fórmulas! Ele me explicou de modo tão claro que no dia seguinte fui dar o seminário lá na Psicologia, expliquei a lógica piagetiana e o pessoal ficou encantando com a clareza, e diante dessa explicação a professora me faz um convite: - Tizuko vem fazer mestrado comigo. Mas depois de um tempo eu percebi que não era bem a Psicologia que eu queria, eu queria mesmo era a Educação, mas não tinha mestrado aqui na Educação. Só um ano depois pude me inscrever. Prestei concurso para ingresso na primeira turma , com poucas vagas e muitos candidatos, mas graça a Deus eu passei, pois meu foco era a Educação, eu queria vir para a Educação.

E: E quem foi seu orientador? **T:** Aqui comecei com a Amélia Americano, o mestrado eu fiz com ela, no doutorado é que eu mudei várias vezes. Só existia um doutorado com uma única linha de investigação, Filosofia. E aí eu fui orientada por um filósofo, professor João Vila Lobos, e ele queria que eu estudasse a Filosofia do Ivan Illich, comparando seus valores sobre desescolarização com propostas de outros filósofos. Comprei todos os livros de Illich, comecei a ler os livros da Filosofia e lia e lia e não achava meu objeto de investigação. Eu não estava achando o foco de meu trabalho, pois queria investigar outro tema: o jogo em crianças pequenas. Esse desconforto me leva a desistir dessa linha de investigação. Mudei de orientador e fui transferida para o professor de Educação Comparada que pouco suporte pode oferecer porque era de outra área e faleceu logo em seguida. Mudei novamente de orientador, passando para o professor de Recursos Audiovisuais, Nélio Parra, para o qual expliquei minha proposta de doutorado: a Educação Infantil em São Paulo..

. E: Ele trabalhava com a História? T: Ele trabalhava com a Metodologia, ele trabalhava com áudio visual, não tinha gente especializada nessa época sobre a história da educação das crianças pequenas. E aí ele me deu carta branca e disse: - Tizuko vai fazer sua investigação! Aí eu fiz sozinha minha tese de doutorado..Naquela época não havia grupos de pesquisa. Me enfiava nos arquivos do Estado, nas bibliotecas das universidades, ia atrás dos evangélicos, ia procurar os artigos lá da igreja católica, enfim levei quantos anos? Seis anos para fazer o doutorado, com prorrogação de um ano, e aí nesse período de seis anos eu tive três filhos. Era tão complicado com filho pequeno, tinha um filho que vivia doente, o segundo vivia no médico, ele hoje é médico. Só que ele vivia doente e eu vivia mais doente ainda e ter que dar aula, participar de reuniões, assumir as funções docentes e administrativas e fazer doutorado parecia uma carga pesada demais. Naquela época o professor de universidade ainda não tinha direito a tirar licença para fazer doutorado. Tinha que dar aula, fazer pesquisa, fazer tudo sem direito a afastamento, por falta de docentes. Então eu vivia mais doente do que qualquer coisa. Chegou um dia, que eu estava estressada, gripada, com filhos doentes e disse para o Nélcio Parra que era chefe do departamento: - Nélcio eu não aguento mais, não aguento levar meu doutorado, a casa, meus filhos, eu vou deixar a USP. Quero descansar... Ele olhou para mim: - Tizuko fica uma semana em casa, vai descansar e depois você volta. Depois de uma semana em casa eu sarei da gripe, daquele mal estar imenso, meus filhos estavam bem e parece que as coisas voltaram no lugar e eu estava de volta e fiquei até hoje. Bastou uma semana para eu me recompor. Então o interesse pela Educação Infantil foi por conta do jogo, foi por conta do Bruner, que dizia que o brincar era importante para os macaquinhos pequenos. Ora, se o jogo é importante para os macaquinhos pequenos, por que o jogo também não é importante para as crianças pequenas? Eu fui estudar o jogo e a criança pequena. E aí comecei a procurar jogo e criança pequena e não achava nas escolas que existiam em São Paulo desde o início do século. Comecei a achar um pouco do Froebel, então fui estudar o Froebel e o que existia na Caetano de Campos, Montessori, Decroly, um pouco da Escola Nova. Então foi por aí que eu fui trabalhando o contexto histórico, a Pedagogia que existia na época e fui ao longo desses seis anos criando um pouco mais de experiência nessa parte da Historiografia, na Metodologia da Investigação. Historiografia porque eu ia atrás dos documentos primários, das fontes primárias, fazendo entrevistas com as pessoas que trabalhavam em determinado período. Foi quando eu encontrei a Alice, foi quando eu entrevistei as pessoas da Liga das Senhoras Católicas, o pessoal das Cruzadas Pró-Infância. Uma das senhoras que eu entrevistei conhecia todo mundo, era uma “rede”, na qual uma conhecia a outra. Então ela dizia: - Tizuko, você tem que falar com fulano. E a outra dizia: - Você vai ter uma pessoa te procurando. E ela me colocou em contato com todo pessoal dos tempos do início do século XX. E aí claro nessas conversas a gente ouvia desde como fazer um

bolinho de chuva, tomava um chazinho aqui, comendo um biscoitinho. E aí, visitas e conversas em várias ocasiões até conseguir alguma informação consistente das senhoras. Uma resolveu me doar um material do Decroly, originário da Europa Ela usava o material na Caetano de Campos. E disse: - Olha Tizuko esse era usado na Caetano de Campos e não tive coragem de dar para ninguém, mas agora tive coragem de dar para você que está na universidade, que está pesquisando isso. Sei que você vai guardar no museu. Então o único material do Decroly que nós temos é esse que está no acervo do Meb que era usado pelas crianças da Caetano de Campos e doado por uma professora que usava Decroly. Tentei ir atrás do material froebeliano, mas a Associação dos Pais da Caetano de Campos era rigorosa e dizia: - Esse material que está aqui na Caetano de Campos não sai! Então mesmo quando o Celso Baisieguel foi membro da Secretaria de Educação do Estado, ele trabalhou para o Governo, ele tentou e não conseguiu. E mas uma vez nós tivemos uma docente a Sônia Penin que foi também trabalhar na Secretaria do Estado de São Paulo e eu solicitei: - Sônia veja se você consegue abrir as portas na Caetano de Campos para a gente trazer esse material para o nosso museu. Não consegui. Com a ajuda da professora Terezinha Colichio, que era da área da História da Historiografia, da Feusp, nós fazíamos visitas lá na Caetano e tentávamos sensibilizar as pessoas para doação do acervo. Mas nada funcionou...

Na época nos anos 1980 o material da Caetano estava jogado por toda instituição. Tinha blocos do Froebel que servia como suporte para a porta não bater. Até que organizaram o Centro Mário Covas, isso foi praticamente nos anos 2000, até então o material ficava jogado. Perdeu-se muita coisa, e eu sabia que o material estava indo embora e eu queria trazer para cá, mas não consegui.

Enfim, mas então eu expliquei para vocês o porquê do meu interesse pela infância e pelo brincar pela História e pela investigação histórica e pela parte pedagógica e psicológica. Por que eu queria entender de um lado como o brincar é importante para a criança em qualquer lugar, na casa, na rua, mas também na escola, como um processo vivido pela criança. Na escola você usa pedagogias e precisa entender quais pedagogias existiam e eram utilizadas nas escolas e nos currículos. Portanto, eu estudava as Pedagogias, a Psicologia, a História e a Historiografia, então foi por esse eixo que segui.

E: E a cultura, como é que você investigava? **T:** A cultura eu usava como quadro teórico adotado pelo grupo do Gilles Brougère, de referências culturais para estudar o jogo em contextos culturais como Sutton-Smith, Corsaro, Geertz, entre outros. O grupo do Gilles era composto por pesquisadores de campos interdisciplinares. Eles tinham em sua equipe

antropólogos sociólogos, historiadores, psicólogos... Com essa equipe do Gilles comecei os contatos lá nos anos 1990. .

E: No doutorado isso?

T: Não, o doutorado não. O Doutorado foi na linha histórica, eu usei mais fontes documentais. A abordagem cultural veio depois, ela veio depois do mergulho em diferentes contextos para observar o brincar, nas brinquedotecas, nas escolas, nas ruas, na casa, em diferentes culturas como: Japão, França, Portugal, Inglaterra e também no Brasil. Mergulhando em diversos contextos por meio do jogo pude perceber as diferenças culturais e as formas de uso do brincar. Penetrei na cultura por meio do jogo. E eu fiz também um estágio em Lion, onde tinha o Museu da Educação e do Brinquedo da França, fiquei uma semana lá com o Michel Manson. Michel era o diretor do museu da Educação e do Brinquedo da França. Hoje ele é professor da Universidade Paris 13. Nesse lugar eu aprendi como fazer classificação de peças museológicas, os registros, enfim, fotografar, disponibilizar para o público. Ele me cedeu uma metodologia que eu tentei usar aqui no LABRIMP, uma classificação de jogos que eles usavam na França e o engraçado é que essa classificação me deu um problemão aqui. Por que a classificação dos jogos tinha um item que se referia a brincadeiras com animais ou insetos. Então eu colhia as diversas modalidades de brincadeiras, por meio de pesquisa bibliográfica e quando localizava alguma relacionada aos animais ou insetos eu inseria nesse item. A sociedade protetora dos animais me bombardeou, ela citação desse item. Eu tive que eliminar esse item informando que foi retirado em decorrência da solicitação da referida sociedade.. Bombardearam de tal forma que o nosso site não funcionava de tantos e-mails que eles mandavam. Bastou retirar o item e resolveu-se o problema.

D: Qual a importância do acervo da professora Alice Meirelles para o museu? **T:** O acervo é importantíssimo. Ele mostra a importância das políticas públicas e da formação docente de qualidade, de um período histórico em que os escolanovistas que estavam em postos da administração estadual como Fernando de Azevedo, outros como Lourenço Filho e Noemy Silveira, na composição do quadro docente da Escola Normal Caetano de Campos, adotaram a educação infantil como instituição importante para formar crianças e professores. Por estar inserida neste contexto favorável à implantação de inovações, de criação de novas experiências, Alice pode avançar e produzir suas inovações. Mesmo sendo a única docente do jardim de infância, Alice reunia-se com outras professoras como a de Artes, para solicitar auxílio na parte de produção de materiais com senso estético, com Lourenço Filho ela discutia os jogos que recriava a partir de suas leituras na revista *Enfance*, que assinava ou de experiências vistas no exterior, ou ainda, de leitura de livros de Decroly, Montessori, Freinet, Dewey entre outros.

Alice conta durante entrevista que Noemy Silveira era professora de Psicologia e a auxiliava a rever seus escritos, em dois livros não publicados que se encontram no MEB. Em um dos livros, Alice detalha suas reflexões em torno do brincar utilizando diversas pedagogias e no outro descreve metodologias que utilizava com as crianças no jardim de infância da capital.

Alice sabia tocar piano, cantava, dominava línguas estrangeiras, pois viajava para o exterior para conhecer novas experiências.

O acervo de Alice Meirelles é composto por seus dois livros não publicados, um artigo divulgado em revista, exemplares da Revista “Enfance”, que assinava e, o mais importante, seus álbuns de fotografias, que registravam suas práticas no jardim de infância.

E: E você usou bastante no doutorado? **T:** Não. Não usei quase nada no doutorado porque o meu doutorado tinha outro eixo de investigação. . No doutorado eu tentei identificar: quais eram os mantenedores que criavam instituição no Brasil, em São Paulo. Então tinha o governo de Estado, com ao jardim de infância da Caetano de Campos; a igreja católica com vários jardins da infância, os militares, com o jardim de infância da Cruz Azul, a igreja protestante, com o jardim de infância do Mackenzie; os médicos e sanitaristas com o jardim de infância da cruzada pró-infância, a liga das senhoras católicas, tinha o padre católico Gastão Vidigal, que criou uma Associação beneficente, e Instrutiva composta por damas da sociedade; espírita Anália Franco que criou inúmeras creches, escolas maternais. Enfim, vários grupos com valores diferentes, mas que apoiavam a infância criando educação para crianças pequenas. E o que eu queria entender eram os valores e as práticas utilizadas por cada um desses grupos. Esse foi meu doutorado. Mas a pesquisa historiográfica, na busca de documentos primários me encantou e eu começava e não queria parar. Eu me enfiava no arquivo do Estado, eu me lembro de ter ficado lá com militares, investigadores, poetas sentadas lado a lado, cada qual com sua investigação. Tirava as férias aqui da faculdade e me enfiava nesses arquivos e ficava o dia inteiro. Adorava fazer isso. Ficava dias, semanas consultando jornais, pois não tinha nada digitalizado. Ficava envolvida na busca de informações nos jornais do início da República para localizar as réplicas e trélicas de personagens da política na discussão da importância ou não do jardim de infância. Fui para o Rio de Janeiro para ver o acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e quando eu chego lá, está fechado, em reforma. E eu não consegui esperar o término da reforma porque o tempo já se esgotava. . Fui para Campinas, para investigar obras de católicos, para Sorocaba para investigar as creches e escolas maternais criadas nas vilas operárias pelos empresários, fui investigar as escolas da Anália. Descobrir novos dados me instigava a buscar mais. Essa

experiência na historiografia fez com que adotasse a linha de pesquisa da história e historiografia orientando alunos.

E: E eles têm trabalhado com a história da infância?

T: Isso, eles tem trabalhado com a história da infância. E: E que trabalhos você já teve sobre isso?

T: Olha, um dos estudos focalizou a história da infância, e os brinquedos no período do Padre Anchieta, a outra investigou um brinquedo chamado Jogo da Vida, produzido por freiras católicas, uma peça museológica do MEB. . Eu sempre levava meus alunos de pós - graduação para o museu e fazia a pergunta para eles: - Se vocês olhassem essas peças que tipo de investigação vocês gostariam de fazer? E a Lila ela não tinha tema de doutorado ainda, ela olhou o jogo da vida e disse: - Nossa a minha filha brinca com um jogo igual a esse só que não é igual! O jogo que tenho é um jogo da vida fabricado pela Estrela, que é um jogo capitalista, você jogava ganhava terras, e esse daqui você vai ganhar o céu! Eu vou fazer um doutorado sobre essa questão. . Ela entrou pelo mundo da história e foi descobrir também que os católicos também inventaram um jogo da vida, que ganhar a vida era ir para o céu. E tem a Daniela Portela que está investigando as instituições criadas pela Anália Franco para filhos dos negros.. Ela fez mestrado também na linha historiográfica buscando as preocupações dos legisladores sobre a infância negra no período da Lei do Ventre Livre e agora está fazendo o doutorado, sobre a criação das escolas da Anália Franco. Tive outra mestrand, que era professora do jardim de infância do Mackenzie, que fez um estudo sobre o primeiro jardim da infância do Mackenzie criado em 1877. Sabe-se que há uma sala com documentos antigos da organização que é proibida para pesquisa. Certamente há dados importantes para esclarecer os primeiros tempos da organização da educação no Brasil. E eu pensava que, como professora da casa ela tivesse acesso a essa sala, que me proibiram o acesso na época do meu doutorado. Mas não foi possível.. A sala dos segredos era vetada até para os da casa. Então pesquisa tem muito disso. Tem muito lugar que você não tem acesso. E as informações vão se perdendo em função disso. Mas hoje em dia com o processo de digitalização você tem a possibilidade maior de entrar nos acervos, de fazer um download e ter artigos e materiais diversos. A acessibilidade está aumentando. Eu me lembro de que na época que nós recebemos como doação a Biblioteca Paulo Bourroul e da Macedo Soares, da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, os livros ficavam jogados no chão da biblioteca, antiga da Feusp, cheios de bolor, de fungos. . Nos anos 80 para fazer meu doutorado eu tive que consultar esse material ainda não tombado, sem higienização, mas que eram fundamentais para a construção do cenário educativo da época no início da República, mas que estava em condições precárias para qualquer pesquisador.. Eu

ficava meses ali dentro. Eu peguei uma infecção respiratória que não pude entrar na biblioteca durante meses. Mas foi ali que encontrei os relatórios antigos dos ministros que criaram a Caetano de Campos, estava tudo lá até os materiais antigos dos grandes pedagogos da Europa. E hoje está tudo disponível para o pessoal, está tudo mais fácil, naquela época não. Então eu e a Marta de Carvalho que éramos da primeira leva aqui dos doutorandos da linha da historiografia, tínhamos que conviver com a bicharada, para dar conta da pesquisa. Os tempos mudam, mas é bom contar essa história.

D: E pensando um pouco na questão da formação dos monitores e estagiário dentro do MEB. Como é que o MEB trabalha a questão da formação do monitor e também dos licenciandos, tanto aqui da Pedagogia quando de outros cursos?

T: Então, vamos falar dos bolsistas. Havia no MEB, exposições temporárias e permanentes. Os bolsistas tinham que ser preparados para os dois tipos de exposições. As permanentes incluíam as fotografias do jardim da infância da Caetano de Campos e de outras unidades educativas antigas e a exposição dos materiais pedagógicos. Os bolsistas eram preparados em seminários, com a leitura de livros, teses que tratavam do jardim de infância e do movimento escolanovista. Eu fazia seminários com os bolsistas para prepara-los para dar explicações sobre as fotografias da Alice Meirelles Reis. O que eu fazia? Eu pedia para eles lerem minha tese de doutorado que contava um pouquinho essa história do jardim de infância da Caetano de Campos, o livro que trata da pedagogia do Froebel, para compreender a prática dos primeiros tempos dos jardins de infância, algum livro sobre o movimento escolanovista e depois se fazia seminários para eu poder explicar para eles como é que eles deveriam ou poderiam trabalhar cada imagem para falar com o público, para explicar para um adulto ou uma criança. É um processo em que os monitores têm que conhecer um pouquinho a história das imagens.

Com relação aos outros materiais pedagógicos que também faziam parte do acervo permanente era importante verificar o catálogo de registros de cada peça. No catálogo do brinquedo há uma classificação com dados sobre o doador, os dados da embalagem, a descrição do brinquedo, a época em que foi doada, quem brincou, brincava com quem, onde, que tipo de brincadeira. A ficha catalográfica resume a história de cada brinquedo.

E: De onde que veio essa sistemática? **T:** Essa sistemática veio da França, durante meu estágio no Museu de Rouen. A visita aos museus da Espanha possibilitou, por exemplo, conhecer práticas de monitoria em que se contava a história do uso do brinquedo pelo pessoal da comunidade que doou os brinquedos. Então na exposição, junto ao brinquedo havia a identidade da pessoa da comunidade, que doou o brinquedo. Muitas vezes era a fotografia dele, ainda

pequeno, brincando com o objeto doado e a descrição feita pelo brincante incluindo a história da sua infância. Então eu tentei aproveitar essa ideia, em uma exposição mostrando a infância dos filhos de professores e funcionários da USP, que se chamou *Brinquedos da Infância*, em 2012. E: Essas exposições eram permanentes ou temporárias? T: Algumas eram temporárias outras eram permanentes. Por exemplo, a da Alice ficava exposto nas paredes e a dos materiais pedagógicos também ficaram expostos na grande vitrina encostada na parede. Entre as temporárias tivemos algumas relacionadas ao gênero e o brinquedo, aos materiais pedagógicos e a última, Cenas Infantis e Brinquedos da infância. No início nós tínhamos mais exposições fixas porque nós estávamos tentando organizar essa parte digital. A gente não conseguia por que na verdade eu coordenava os dois espaços. Não tinha condição, não tinha gente para fazer tudo isso. E tinham bolsistas que eram ótimos no museu, eles se encantavam tanto com a história da Alice que e faziam narrativas maravilhas e encantavam os visitantes.

E: Eles contavam essa história para as crianças?

T: Para os adultos e para as crianças. D: Teve alguma exposição que chamou mais a atenção, que teve maior repercussão? T: Olha, as primeiras exposições eram apreciadas por adultos, por exemplo, o pessoal da Psicologia adorava. Eram os alunos da Psicologia que vinham aqui. Depois que entrou a funcionária Jane ela fez mudanças. Ela fazia oficinas de cantar e de dançar. Depois veio o Daniel. O Daniel era uma pessoa que fez o doutorado, uma pessoa ótima, excelente, gostava de museologia. Começou a organizar o museu com os dados que trouxemos da Europa. Eu e a Mônica fizemos um tour pela Europa para entendermos um pouquinho mais dos museus com recursos do projeto CAPES CRICES, envolvendo Brasil e Portugal. E o Daniel muito aberto, com domínio da historiografia, pois era historiador, foi fazendo a formação dos bolsistas, uma etapa muito rica, chegando a obter o registro do MEB junto ao IBRAM - Instituto Brasileiro dos Museus Pena que o Daniel recebeu uma proposta mais interessante do ponto de vista salarial. Foi convidado para ser professor da PUC. E ficou por lá e a partir daí nós ficamos sem ninguém. Foi quando uma funcionária, Rosângela que estava na Revista veio para cá e depois foi para o IEB.

Em 2010 recebi a proposta de Sandra Guinle de doação das esculturas lúdicas para o MEB. Fui imediatamente conversar com a diretora da época, Liste Arelaro, que consulta em seguida o reitor, Professor João Grandino sobre um novo espaço para acondicionar as peças. Houve inúmeras tentativas de definição do local para as esculturas lúdicas: MAC, anexo do MAC, antessala da Reitoria, junto ao CEPEUSP, entre outras. Mas diante das dificuldades o reitor informa que vai oferecer recursos financeiros para a construção de novo edifício junto à nova Biblioteca da Feusp para o MEB. Diante dessa possibilidade foram efetivados os trâmites de

doação em 2012. Mas a partir de 2014, com a mudança da Reitoria e a crise financeira da USP, houve alterações dos projetos. O sonho do novo edifício ficou postergado. Assim decidimos alocar as esculturas de grande porte e as pequenas no 2ª andar da biblioteca realizando a abertura da exposição *Cenas Infantis: Memórias de uma Infância* no dia 11 de março de 2015, com a presença de representantes da Reitoria, da Feusp, envolvendo alunos, funcionários, professores e convidados. Foi feito o lançamento do livro da exposição e oferecido um coquetel para os convidados.

Nessa ocasião eu já estava próxima da aposentadoria compulsória, o que ocorreu logo em seguida, em abril de 2015. Muitas questões permanecem ainda sem solução, uma vez que o MEB não dispõe no momento de funcionário. Há questões que precisam ser coordenadas como a integração da visita da exposição na biblioteca pelas crianças e a condução das crianças para brincar na Brinquedoteca, pois as crianças gostam de ver as esculturas, mas querem brincar. Portanto, é essencial uma agenda integrada entre o MEB e a Brinquedoteca.

D: Aqui dentro do museu como está relacionado o brincar e o aprender dentro daquilo que se tem de acervo exposto?

T: Quando você tem uma monitoria tanto de adultos como de crianças, no espaço da Biblioteca é preciso o respeito a certas normas, embora a nova concepção e biblioteca seja também, um centro de cultura, o ambiente é diferente de uma brinquedoteca, onde o brincar produz risos, movimentos e ruídos, que acompanham normalmente as crianças durante suas brincadeiras. A observação das esculturas lúdicas já oferece momentos de experiências ricas, de reflexões, de lembranças, de imersão nas subjetividades onde o brincar e o aprender se mesclam. Mas para brincar é preciso sair do museu (biblioteca) e dirigir-se a brinquedoteca. Mesmo o espaço do MEB no Bloco B é exíguo e não comporta um volume grande de crianças. Portanto, não se pode também brincar. É preciso fazer uma agenda em que após a visita da exposição do MEB, as crianças possam brincar, explorar, expressar a cultura lúdica entre os pares, momentos em que recriam, aprendem na interação com objetos e com outras crianças no interior da brinquedoteca. Não basta observar as representações do lúdico, nas esculturas, nem mesmo observar os brinquedos nas vitrines, é preciso momentos para expressão da cultura lúdica. Em outros países há espaços no museu para diferentes atividades expressivas para as crianças, envolvendo inclusive cópias de obras do acervo para o brincar, materiais neutros com tecidos, máscaras ou

fantasias para que representem situações imaginárias geradas pelos temas das exposições. Essa prática ainda é pouco presente por aqui.

E: Os monitores faziam uma monitoria com as fotografias e com os objetos e depois iam para a brinquedoteca?

T: Isso. E depois levavam para a brinquedoteca e para os espaços do quintal para as crianças brincarem.

D: E dentro do espaço da brinquedoteca a brincadeira é livre ou orientada? **T:** Depende, por exemplo, se tem alguma oficina, a oficina tem orientação, mas as crianças tem liberdade de participar ou ficar em outras áreas temáticas.. Agora, você pode ter opções de oficina e de brincadeira livre. Por que as crianças quando chegam à brinquedoteca querem brincar. Mas você pode oferecer pequenas oficinas e as crianças depois de brincarem podem fazer uma oficina de pipa, por exemplo.

E: Os bolsistas criavam a monitoria no MEB e depois eles criavam no LABRIMP?

T: Nas reuniões os monitores tinham primeiro a formação do conteúdo da exposição e depois eles se reuniam para ver como eles iam fazer a monitoria com as crianças, o planejamento do cronograma, relacionando sempre a idade de crianças, tempo de recepção, quantidade de crianças. Muitas vezes vinha um grupo inteirinho e não cabia no museu, então como se fazia? Dividia-se o grupo metade ficava no LABRIMP e metade fazendo a visita no MEB.. Porque o grupo de crianças de uma EMEI tem 35 crianças, muito grande, não cabe no MEB e também no Labrimp. Mesmo dividindo é muito. O espaço é pequeno para o volume das crianças. As nossas escolas nossas tem crianças demais em cada agrupamento. No mundo todo crianças dessa idade (4, 5 anos) tem no máximo vinte a vinte e quatro crianças por agrupamento, com pelo menos dois adultos. Nós temos dez crianças a mais. E apenas com um adulto! Lá fora é vinte crianças e dois adultos, dependendo da escola tem três. Aqui no Brasil não há uma valorização da educação em geral e especialmente da educação infantil. Então toda essa parte mais de logística era discutida com o bolsista comigo e às vezes com o próprio funcionário que ficava lá. O Daniel era ótimo para fazer isso. É fundamental quem está no projeto saber qual é a forma de trabalho e o tipo de formação que tem que ser feita.

D: Professora, o material que está no acervo do museu, que agora não está aberto, ele trás a memória da nossa infância, e quando um adulto visita a exposição e relembra, no momento em que está ali com alguma criança ou até o seu próprio filho, acredita-se que ele retoma aquela infância e consiga respeitar e entender o espaço e o tempo do brincar da criança. Esse tipo de

impacto que o museu acaba gerando tem alguma resposta das escolas, de professores com relação a isso?

T: Tem professores ou visitantes que falam durante a visita e os bolsistas registraram isso. Uma professora que acompanhava um grupo disse: - Olha aquele brinquedo da minha infância, eu brinquei com isso aqui quando eu era pequena, eu fazia isso e aquilo. Eu gostava muito. Que alegria poder rever esses brinquedos de minha infância! Os monitores registravam. Então é fundamental que o bolsista saiba fazer esse tipo de registro, para dar vida à reflexão do adulto, de sua infância, do momento de sua subjetividade que leva a buscar na memória, as sensações e as alegrias do brincar.

D: Esses registros estão disponíveis? **T:** Deveriam estar lá, mas pode não estar, pode ter se perdido, com a rotatividade de bolsistas e ausência de funcionário. Eu me lembro de vários depoimentos de bolsistas nessa linha. Eu não consegui acompanhar sozinha todo esse processo. . Mas agora com a chegada da nova coordenação, com uma equipe acho que vai ser possível o acompanhamento mais próximo dos bolsistas. . **D:** Professora, agradecemos pela atenção e colaboração. **T:** Precisando de mais alguma coisa [...]

E: Sim, se tivermos mais alguma dúvida eu recorro à senhora, e acho que vai ser um pouco sobre o contexto.

T: Acho que seria bom pensar num regimento do LABRIMP e do MEB. Para dizer qual a equipe que faz projeto, a coordenação, enfim onde entra a parte da extensão, onde entra a parte da pesquisa. Agora fica com vocês continuarem essa história.

D: Agradeço pelos esclarecimentos.

T: Foi um prazer. Precisando de alguma coisa agente puxa aqui da memória.

Para identificação dos participantes indico em cada início de fala a letra inicial do nome do falante. Neste caso temos: Daniel Chiozzini, Ermelinda Pataca e Daniela. Como no caso há dois nomes que iniciam com a mesma letra indicarei o entrevistado pelo seu sobrenome.

[A entrevista iniciou-se a partir de uma conversa com o Daniel, na qual as perguntas foram sendo introduzidas conforme o andamento do processo da entrevista.]

C: Então, mas vamos aqui para o roteiro.

E: O roteiro é mais para você ter uma ideia, pensar um pouco. A gente tem feito isso como procedimento, por que acho que é legal. Mas aí a conversa é um pouco livre.

D: É mais para a gente não fugir do assunto em si. Nós fizemos assim com a professora Tizuko e com a Ruth.

D: Então pra começar, vamos falar um pouco sobre sua formação inicial e qual a sua atuação no momento.

C: Então, eu fiz História na Unicamp. Na verdade, eu tive uma breve passagem pela Química, foi onde eu conheci a Ermelinda. Fiquei alguns meses na Química só, aí eu larguei e fui fazer cursinho. Fui para História, fiz graduação em História na Unicamp, fiz mestrado e doutorado lá e meu mestrado e doutorado foram na área de História da Educação. Eu estudei uma proposta educacional e curricular de um projeto experimental, chamado Ginásios Vocacionais no Estado de São Paulo. Foi um projeto piloto criado pela Secretaria da Educação de São Paulo que durou de 1961 a 1970. E eu também sou filho de ex-professores do Vocacional e queria entender um pouco melhor como era especificamente como era meu objetivo inicial era entender o ensino de História no Vocacional, na verdade você não tinha História, tinha Estudos Sociais, mas a minha pergunta, o meu problema de pesquisa era, como compreender o problema de pesquisa era entender a proposta de ensino de História nos estudos Vocacionais. Aí eu acabei ampliando e acabei falando mais da origem do projeto em si, e da proposta curricular como um todo. Eu saí um pouco do foco específico em História e Estudos Sociais. Aí quando eu estava no doutorado, eu fiz isso no mestrado, e no doutorado eu comecei esse percurso no mestrado e continuei no doutorado e durante o doutorado eu vim trabalhar aqui na Aplicação em 2006, eu vim para um concurso como educador aí na Escola de Aplicação, em 2006 eu comecei a trabalhar na Aplicação com turmas de sétimo e oitavo ano do Fundamental. No finalzinho de 2009 eu consegui uma licença sem remuneração, temporária, estava na reta final do doutorado e aí quem me cobriu foram os professores de lá mesmo o Fábio, um dos professores de lá, e aí eu contatei a Jany também ela estava querendo sair do museu.

Eu conheci ela daqui e ela queria sair, achava que o trabalho no museu já não estava mais rendendo e tudo mais. Ela me substituiu durante um ano na Aplicação, aproximadamente um ano enquanto eu estava nessa licença sem remuneração pro doutorado, para finalizar o doutorado. Aí quando eu fui voltar da licença eu fui perguntar para ela, pra saber se ela também queria continuar. Pois ela também é educadora formada com formação em História. E ela

manifestou interesse em continuar e ficou mais um ano e foi um ano que eu permaneci na íntegra no museu né. Fiquei num todo no museu que foi em 2009.

Aí em 2010 a então diretora da Escola de Aplicação, a Daniela Escarpa e o professor Júlio Aquino, que era o professor que estava junto, estava no grupo de trabalho, não sei se era grupo de trabalho o nome, mas enfim era outro nome[...] era conselho gestor, era o professor Júlio Aquino o representante da Faculdade nesse conselho gestor na Escola de Aplicação e a Daniela era a diretora.

E aí eles avaliaram que não tinha sido o trabalho da Jany lá, tinha tido alguns problemas e tudo mais e eu teria que voltar para a escola, não poderia ficar no museu.

E foi um ano muito frutífero esse de 2009, por que a gente conseguiu realmente reabrir o museu.

Quanto do meu envolvimento com a infância, que é a pergunta três, foi uma coisa assim, de conjuntura, eu nunca tive um olhar na minha trajetória acadêmica para essa questão da infância, quer dizer, tenho uns cursos que eu fiz da História da Família, que você acaba tangenciando o tema da infância, mas eu nunca tinha tido uma preocupação assim, enquanto pesquisador, enquanto historiador, enfim para esta questão. Sempre trabalhei com Fundamental II, nunca trabalhei com alunos menores. Já tinha trabalhado com jogos no Ensino de História, mas era uma coisa muito esporádica. Aí quando teve essa questão de voltar da minha licença, da Jany, eu percebi que ela estava meio descontente com o museu, eu também na Escola de Aplicação, eu também estava com uma sensação de que já tinha aprendido tudo o que tinha que aprender lá. Já tinha conhecido a instituição, já tinha contribuído o máximo com eles lá e eles mais ou menos comigo também, aí eu falei:

- Acho que vai ser bom eu mudar de ares.

Foi aí que eu fiquei esse ano no museu. Foi isso que possibilitou eu ficar esse um ano no museu né, e ela ficou um ano lá.

Aí a gente conseguiu nesse ano reabrir o museu e dar uma equacionada lá, dar uma continuidade, dar uma aperfeiçoada nesse processo de tombamento, que ela chamava de tombamento, desse inventário, esse acervo e reabri o museu e depois eu explico melhor como foi esse processo.

Então depois que eu defendi o doutorado e tive que voltar para... Melhor dizendo, eu defendi o doutorado e fiquei no museu esse período. Na verdade, em 2009 eu ainda estava finalizando o doutorado com licença e foi nesses oito meses de licença que a Jany me substituiu e o Fábio me

substituíram. Aí eu voltei, voltei pro museu e nesse ano que eu fiquei no museu eu estava paralelamente finalizando o meu doutorado também. Então, recordando as coisas aqui né, já faz algum tempo e a gente começa a confundir as datas, né. Mas aí nesse uma não eu estava finalizando o doutorado e estava também lá nesse processo com o museu, de reabrir o museu e depois que eu defendi o doutorado, como eu tive que voltar para a Aplicação em 2010, eu voltei para lá muito descontente também, né por que foi uma coisa da direção da escola:

- Olha você vai ter que voltar! Você até pode ficar no museu, mas usa as suas horas de aperfeiçoamento lá.

Por que os professores da Escola de Aplicação eles tem umas horas de aperfeiçoamento. E aí o que a direção liberou:

- Se você quiser fazer suas horas de aperfeiçoamento lá, vai continuar lá, tudo bem, mas a gente não vai liberar você de reunião, das atividades de professor, você não vai ser liberado.

Então em 2010 eu fui levando aos trancos e barrancos, por que tinha que dar conta da Aplicação e do museu e aí que acabava não fazendo uma coisa nem outra direito, né. Então já foi um ano meio[...] E foi aí que eu decidi também procurar outras coisas né, por que ficar com um pé em cada fora da canoa não dava muito certo. E eu acabei conseguindo um pós-doc da PUC uma bolsa do PNPd da Capes, de Pós Doutorado na área de História da Educação também, aí eu fui pra PUC fazer o pós-doc e decidi sair do museu e falei :

- Não dá para continuar assim e tal.

E: E o que você investigava no pós-doc?

C: No pós-doc, não era um projeto meu né, era um projeto PNPd da Capes é um projeto institucional. Então o programa fez lá um projeto e mandou para a Capes, ele foi aprovado e aí eu tive que fazer um subprojeto, que estivesse em consonância com esse projeto institucional maior no programa. Que era bem genérico, com a escola como objeto de estudo, era a compreensão da forma escolar no século XX e suas especificidades, enfim, era uma coisa bem aberta. Aí eu peguei, eu ampliei um pouco o meu foco, eu estudei especificamente os Ginásios Vocacionais no mestrado e no doutorado. Aí eu estudei o universo das escolas experimentais nos anos setenta, cotejando um pouco do que foi o experimental da Lapa, o colégio de Aplicação daqui e depois a Escola de Aplicação , enfim, o que esses projetos tinham de comum de aproximação e de distinções também, e passei a estudar um pouco do fim do período, do término dos colégios vocacionais. A crise final e o término oficial mesmo da experiência desse período, não tinha analisado tanto, como é que tinha acabado. Então eu tratei disso daí, mas eu

não fique só fazendo pesquisa. Por que o PNPd prevê que você dê aula, que você participe de reunião também, todas as atividades, ele é um Pós-Doutorado que prevê a formação do professor e do pesquisador profissional como um todo né. Então tinha outras atribuições também agora além da pesquisa em si, eu também tinha que dar aula junto com outros professores, eu participava de todas as reuniões, eu organizava lá um evento que foi feito na PUC, um seminário internacional. Eu ficava meio também como pau para toda obra durante esse período que eu fiquei por dois anos lá.

E aí teve um concurso aí eu prestei e aí abri mão da bolsa no terceiro ano da bolsa e ingressei como professor regular da PUC e hoje trabalho na área de História. E continuo com esse tema: História da Educação anos 50 – 70, Educação e Ditadura Militar, História o secundário. Esses são os temas das escolas experimentais, esses são os temas que eu pesquiso e onde eu atuo atualmente né.

D: Nesse um ano que você ficou no museu, estavam fazendo o inventário, e aí ele foi reaberto. O inventário foi totalmente concluído nesse período? Vocês conseguiram fazer todo o material, toda a classificação?

C: Não. Na verdade, a gente conseguiu esvaziar a sala principal do museu. A gente deu uma reorganizada, por que aquelas estantes que tinham lá no LABRIMP estavam caindo e então tivemos que tirar tudo e pedir para a manutenção refazer aquelas prateleiras. Aí assim, paramos de receber doação. Que era muito comum as pessoas chegarem lá:

- Ah, eu tenho um brinquedo que eu não quero jogar fora, por que foi da minha irmã.

E nós temos isso de monte, uns bonequinhos e tal.

Coisas que para você explorar aquilo como objeto museológico é muito difícil e muitas vezes o objeto ele não estava fichado, você não tinha informação sobre, não tinha informação nenhuma e como eles estavam fazendo a coisa meio no piloto automático, a Jany já estava meio descontente, eles iam tombando tudo né. Tombando e inventariando tudo, então tem muita coisa que está embalada e encaixotada, mas tem muita pouca informação. Então o que a gente fez foi parar de receber doações, essas doações aleatórias, a não que ser que fosse uma doação assim de uma coisa que tivesse um valor museológico mesmo que pudesse explorar dentro da nova proposta, assim que eu fui meio idealizando e conversando com a Tizuko. E que ela foi aceitando, e depois eu vou falar um pouco mais. Mas não foi terminado totalmente o processo. Ele foi sendo feito inclusive com os bolsistas. Os bolsistas que estavam trabalhando lá eram daquele projeto Ensinar com Pesquisa e Aprender com Cultura e Extensão. E eles já vinham

trabalhando com a Jany, já estavam habituados com aquilo, então tinham alguns até que gostavam de ficar naquela coisa de ficar cadastrando objetos e tudo mais. E continuou mais devagar, mas continuou, não deu para terminar tudo, mas assim a prioridade foi esvaziar um pouco o espaço ali. O que não deu para tombar a gente pôs naquela salina logo do lado esquerdo, menorzinha ali. E aí a gente pensou e falei assim:

- Vamos priorizar o que tem aqui, vamos tentar organizar o museu em função do acervo que já existe.

Então esse foi um primeiro critério, tinha muito carrinho, muito brinquedo associado a meios de transporte. E então eu pensei em fazer vitrines temáticas e um dos critérios que orientou essas vitrines temáticas foi contemplar esse acervo que já existia. Então a gente tinha lá uma que era de meios de transporte né, tinha muito brinquedo que não era brinquedo, era objeto infantil indígena. Na época ele era categorizado como brinquedo indígena ou brinquedo tradicional. Mas depois eu vi que essa nomenclatura era uma nomenclatura que não tem muita sustentação. A gente fez até um curso. O MAE oferece umas atividades de formação para professores e para interessados em torno de alguns temas e alguns dos temas lá são de objetos infantis indígenas. E aí eu fui fazer e levei os bolsistas para fazer essa atividade lá e aí a gente passou a adotar essa categoria que o MAE utiliza de: objeto infantil indígena e não brinquedo indígena. Por que o objeto, aquele objeto para o indiozinho não tem o mesmo sentido que pra criança, ele não é um brinquedo propriamente dito. Não é um objeto que tem função meramente lúdica, tal como brinquedo para criança não indígena.

E: Eles também não têm esse sentido de infância.

C: Exatamente. Daí a nomenclatura de objeto indígena, né. Eles utilizam, vamos passar a utilizá-la agora. A gente fez uma vitrine temática de objetos infantis indígenas, que tinha muito isso no museu também.

E: E você sabe como isso chegou no acervo?

C: Alguns têm informação, tem lá na ficha assim: professor que viajou e que foi fazer um curso lá no Mato Grosso e trouxe.

E: Professores da Faculdade?

C: Professores da Faculdade. A própria Tizuko de todo lugar que ela ia ela trazia. Foi para a Indonésia, trouxe uma pipa da Indonésia, vai para não sei onde, ela sempre interessou por isso né. Pela questão dos brinquedos e tal. E todo lugar que ela ia ela trazia uma coisa.

C: Então a gente fez. Tinha uma vitrine que eram de brinquedos de outros países também assim que eram os estrangeiros. Eu lembro que isso está no computador do museu, eu lembro que eu fotografei toda exposição. Tinha toda lá, cada uma das vitrines cada um dos temas. Tinha meios de transporte, tinha objetos infantis indígenas, tinha brinquedos japoneses que a Tizuko tinha muita coisa ligada ao universo cultural japonês. Tinha o hinamatisuri, que é um altar assim super legal de bonequinhos que reproduzem a família imperial que ele tem todo um sentido assim de... ele não é um brinquedo para ser manipulado ele é algo que é dado para a criança numa idade x.

Aí a gente fez uma pesquisa também. Eu coloquei os bolsistas para pesquisarem.

- Então vamos fazer uma vitrine de japoneses, temos esse tanto de brinquedos japoneses e vamos pesquisar. E os bolsistas começaram a pesquisar. Os brinquedos a história do Hinamatsuri. Tinha essa vitrine dos japoneses, tinha uma de bonecas tradicionais. Que eram bonecas tradicionais dentro dessa perspectiva de doarem um pouco de coisas de professores viajarem, tinham bonecas que eram de vários países. Eram bonecas de palha de milho de Equador. Então tinha uma vitrine de bonecas, tinha uma de brinquedos educativos que eram brinquedos que traziam na própria caixa da embalagem trazia e se nomeavam como educativos. Teve um desde os Montessorianos lá até o Kits com microscópios [...] que eles chamam de alfabetização científica.

E: Isso tem?

C: Tem ainda, tá lá era parte do acervo do museu. Não sei como é que está agora, faz muito tempo que não entro lá. Aí a gente fez uma vitrine de educativos, uma vitrine de brinquedos eletrônicos. Por que os eletrônicos também tinham um apelo, o Atari, é muito impressionante. As pessoas entravam e diziam:

- Nossa o Atari! O Odyssey, eu tinha o Odyssey.

[risos]

Era muito legal, por que apesar de ser um museu que não possibilitava a manipulação, ele tem uma estrutura mínima né. É uma sala com vitrines pequeniníssimo e pensar em dinâmicas assim né, que favorecessem a interação, a discussão daquilo ali, mas eles não podiam manipular. Mas só de olhar, especialmente os eletrônicos, vários videogames. O primeiro que teve no Brasil o Tele alguma coisa, eu não lembro. Tem um daquele. Então era muito legal a gente fez uma vitrine de eletrônicos, de brinquedos eletrônicos.

Depois tinha as fotos, tem um painel. Tinha a doação da Alice Meirelles, são fotos do Caetano de Campos. A Alice Meirelles trabalhou no Caetano de Campos. E tinha um conjunto de réplicas no acervo, estava lá assim meio perdido, bem mal acondicionado na época. A gente levou pro LABRIMP deixou numa sala fechada para ele não se degradar e aí tinham algumas reproduções já prontas, aí a gente montou um painel com algumas fotos. Tinha o acervo da Alice, mas também tinha fotos de instituições que se dedicaram à Educação Infantil no Brasil ao longo do tempo. Então, tinha uma foto não necessariamente de escolas, mas das instituições e grupos de movimentos. Tinha lá umas fotos da Liga das Senhoras Católicas e o material dos trabalhos que elas faziam de assistência às crianças. E algumas escolas como o Liceu, alguns Liceus aqui de São Paulo, enfim, tinha material de outras instituições também não só da Caetano de Campos e da Alice Meirelles.

Então para aproveitar esse acervo e as produções que tinha lá, a gente aproveitou aquele painel lateral e fez uma exposição de fotos. E aí também fomos pensando também nas visitas monitoradas em cima dessa exposição e falando desses módulos. Tinha uma de jogos de tabuleiro também, tinha muito jogo de tabuleiro no acervo. E os jogos de tabuleiro, tem uns muito antigos e assim, tem um jogo de tabuleiro lá que a gente não conseguiu saber se é uma reprodução ou se é o original mesmo, mas é um jogo francês que simula a conquista da França, do exército francês de uma colônia africana. Era muito legal.

E: Isso era do século XX?

C: Do início do século XX. Período do neocolonialismo né, a revolução industrial e aquela coisa, tem o jogo da vida. Aí sim, era legal por que isso discutia os valores né. Que embora a gente tivesse um módulo de educativos, quer dizer, brinquedos que se propõem a ser educativos todo brinquedo de alguma maneira ele “educa” ou não para o bem ou para o mal.

E: Tem uma intencionalidade.

[risos]

C: Sim, tem uma intencionalidade por trás daqueles jogos, e aí nos jogos de tabuleiro isso é muito, enfim isso é mais explícito né. Então tem lá, tinha o jogo da vida que tem uma série de valores que estão sendo transmitidos no jogo da vida. E o jogo da vida ele tem várias versões. Tem o jogo da vida do Harry Potter, o jogo da vida, o tradicionalzão e mais antigo que foi sendo reeditado, reelaborado e tal. O banco imobiliário, enfim tinha um conjunto de jogos de tabuleiro e agente discutia na visita monitorada que a gente fazia, a gente discutia exatamente esses valores que o jogo transmite. Tinha o jogo de baralho bem interessante, um baralhinho simples

que era dos anos trinta, mas que era de animais era casazinho. Era de animais, exemplo era o patinho e uma patinha, um elefante e uma elefoa, enfim, um cachorrinho e uma cachorrinha. E naquele baralhinho você tem toda uma representação do que é o macho e a fêmea. E os animais estão paramentados e humanizados. Os homens eles estão, assim, de boné fumando muitos deles fumando. A mulher, digamos assim, elas estão sempre fazendo coisa da casa. Então sempre estão tricotando, cuidando das crianças, lavando uma louça e os homens sempre fumando ou lendo jornal. Então você tem em todo aquele brinquedo uma representação do que é o universo masculino e o universo feminino.

Deixe-me ver se eu me lembro de mais algum módulo aqui.

Eu tentei fuçar no meu computador, mas eu não achei as fotos. Por que essa ficou um formato interessante.

E: Vocês não chegaram a imprimir nada dessas fotos?

C: Não. Sei que tinha a documentação do museu. Paralelamente a isso, além da reabertura do museu teve a institucionalização do museu. Por que o museu não era formalizado, ele sempre foi um museu de Unidade. Embora a USP tenha toda uma regulamentação para museus, mas ele não era reconhecido pela Universidade. O museu era mantido aqui pela Faculdade de Educação.

E: Ele entrava na categoria de acervo só, né?

C: Exatamente. E parte do LABRIMP. Para o museu participar de edital e participar de projetos ele precisava estar no Sistema Nacional de Museus. Quer dizer existe uma legislação Federal a respeito, tem um cadastro. Tem um cadastro Nacional de Museus, o Sistema Nacional de Museus e o Estadual também. E para participar dos editais do IPHAM a gente precisava estar nesse sistema, precisava de um CNPJ, a gente precisava de um responsável ele precisava de toda uma documentação. Então todo o processo foi feito todo no ano de 2010. Foi muito trabalhoso, muito burocrático, você tem que dar uma série de dados com relação ao museu. Por exemplo: quantos funcionários têm, está no prédio fechado ou não está, tem ar condicionado ou não tem é tudo. Dados da reserva técnica. A gente não tinha uma reserva técnica, tinha um depósito, em que a gente colocava o que tinha, mas sem ambiente climatizado, enfim, sem aquilo que uma reserva técnica pede né.

Mas aí conseguimos preencher tudo, no cartório aqui. Então o museu foi legalizado, ele passou a constar no cadastro nacional de museus e isso possibilitaria a ele no ano de 2010 a participar de edital. Pedir verba, participar de projeto. Porque o museu, além disso, ele não tem uma dotação orçamentária. Fica meio assim. Tinha eu que era o funcionário, lá durante um ano de

dedicação integral, e depois tive que sair de lá, mas não tinha verba. A verba que a gente utilizava era verba de projetos da Tizuko ou verba do Pontão. Então se precisava de alguma coisa a gente pedia. Por exemplo: precisou de um desumidificador, a gente precisava de um desumidificador lá, né. Comprou com verba do Pontão. Computador, os computadores eram muito antigos os monitores eram muito velhos e tal e quando tinha uma verba aqui da Faculdade e que eles iam trocar os monitores a gente corria atrás. Eu ia lá, falava com o Moisés:

- Moisés, não dá! vai lá dar uma olhadinha.

Aí vinham então dois monitores e tal, a gente ia conseguindo as coisas assim nessa base. O fato de o museu ter sido cadastrado em 2009 possibilitaria a gente pensar em voos maiores. Mas só que aí teve essa história de eu ter que voltar para a Aplicação, enfim. Aí acabou a coisa não indo.

E: Aí você prestou o concurso para a PUC em 2011?

C: Exatamente no final de 2012. Comecei em 2013 e 2014, que fiquei como professor lá. E efetivo agora em 2015. Estou no meu terceiro ano lá.

Aí, então acho que um dado importante assim da questão das mudanças é a reabertura do museu, a realização dessas exposições, da organização do museu em vitrines temáticas, além disso, a gente começou a fazer atividades de formação.

Por quê? O que acontece com os bolsistas?

Os bolsistas às vezes têm uma relação muito fragmentada com a atividade que ele desenvolve durante a bolsa. Por que ele fica durante um ano, fica um tempo e depois sai. Muitos vêm e ali, acham que é legal, são pessoas de diferentes áreas. Tinha um cara da Matemática, pessoas que não veem naquela atividade ali como uma possibilidade efetivamente formativa. Tem uma relação assim, vou lá pra ter uma bolsa, pra ter uma ajuda e bom. Foi muito difícil esse processo. E o museu dependia dessas pessoas para as atividades cotidianas dele. Eles que faziam o cadastro, o registro ou inventário do acervo. Eles já estavam habituados e como a gente não tinha um software específico para isso, então a coisa era feita ali né, nas fichas no Word, aquela coisa bem artesanal na unha mesmo. Então eles não tinham formação, não eram nem da área de Educação nem da área de Humanas, muitos deles, muitos tinham essa relação meio distante. Aí eu comecei a fazer atividades de formação com eles. Para que eles pudessem se envolver, se entregar, se apropriar mais daquilo e nesse sentido a gente foi fazer algumas atividades lá no

MAE de formação incentivei que eles fossem lá fazer as atividades. Por que lá é um museu. E fomos visitar os museus também, né. Eu ia com eles e falava;

- Vamos ver como é que o MAE trabalha.

A gente foi visitar também o MAC. Quando eu estava aqui ainda. É teve uma visita que eu fiz fora só, que foi. A gente foi aqui no museu do Crime, na Academia de Polícia.

[risos]

A gente procurava ir aos museus. Que teve inclusive naquela semana de segurança no trabalho. Que o pessoal aqui organizou uma. E na Estação Ciências.

A gente foi na Estação Ciência, alguns né, por que nem sempre todo mundo queria ir. Diziam:

- Não, não dá!

Então alguns topavam ir e a gente ia.

E: e você tinha em torno de quantos bolsistas?

C: Cinco bolsistas. Começamos com cinco e depois ficaram quatro. Desses dois projetos: Aprender com Cultura e Extensão Ensinar com Pesquisa.

Além dessas atividades de formação fora eu fiz também dois Workshops de Educação em Museus, Atividades de Educação em Museus mesmo. Então aí no primeiro eu chamei a Tizuko, chamei a Mônica para falarem um pouco sobre a origem do museu e aí eu abri, né para inscritos de fornecer certificado. Então era para o pessoal que estava aqui e pro pessoal do LABRIMP. Por que tinha uma coisa assim, era LABRIMP e Museu na época quando eu cheguei.

E: Totalmente separados?

C: Sim, totalmente separados. [Não havia...]

E: Mas eles foram criados juntos.

C: Não havia interação nenhuma, aí eu procurei nessas atividades agregar com os bolsistas do LABRIMP. Por que os bolsistas do LABRIMP, a maior parte deles eram da área de Pedagogia tinha envolvimento, percebi que eles tinham um envolvimento maior e então esses Workshops atendiam aos bolsistas do LABRIMP, os bolsistas do museu, o pessoal aqui, alunos da Graduação que queriam fazer e tal. E sempre chamando alguém de fora para dar uma palestra e fazia a divulgação por e-mail e vinha às vezes gente de fora, né. Um educador lá da Estação

Ciências, alguém da Aplicação, um pai de aluno, sempre vinha gente de fora fazer. O primeiro foi um mais específico do museu, a gente falou da história do museu e tal, aí foi a Tizuko. Eu chamei um cara que estava fazendo Pós também que apareceu lá museu chamado Ari, eu não lembrar o sobrenome dele.

E: Ele fazia pós de que?

C: Sobre museus também, não lembro, eu teria que recuperar esses dados. Mas eu lembro que ele visitou vários museus de brinquedo fora. Ele foi a dois museus da Alemanha. Ele preparou, ele tinha uma palestra pronta sobre museus que ele visitou na Alemanha, e ele veio no museu e disse:

- Ah, eu queria fazer alguma coisa que colaborasse aqui, eu estou fazendo meu mestrado e tal.

Aí eu pensei no primeiro Workshop, ele fez uma exposição. Ele foi lá falar sobre esse material que ele coletou visitando os museus fora do país e tal. Então teve uma participação da Tizuko e depois da Mônica. A Ruth, né eu a chamei para falar do LABRIMP também. E aí esse Ari veio para falar dessa experiência dele, desse material que ele coletou e tal.

Depois eu posso tentar recuperar esse material, mas foi uma contribuição interessante, né. E esse primeiro Workshop foi mais de formação, foi mais para o pessoal se conhecer, interagir, e tal. Aí depois teve um segundo Workshop que eu chamei a Martha Marandino. E aí a gente já estava pensando num projeto museológico, a gente já estava se institucionalizando no Sistema Nacional de Museus e tal. E eu já conhecia a Martha lá da Unicamp. Que entre o mestrado e o doutorado eu fiz o curso do LabJor, curso de Jornalismo Científico um curso que é uma Pós Lato Sensu, que a Unicamp oferece pra jornalistas e pesquisadores interessados na divulgação da produção na Unicamp, da Universidade da Produção Acadêmica. E na época o pessoal do LabJor, um dos professores ligados ao LabJor, o Marcelo Nobel, estava pensando num museu de Ciência na Unicamp, que depois o projeto vingou lá e tudo mais, mas eles estavam começando e eles também estavam organizando um Workshop lá para discutir o projeto do museu lá da Unicamp. E aí eu assisti a uma palestra da Martha lá na Unicamp, entrevistei-a lá na Unicamp, na ocasião. E depois quando eu vim para cá eu pensei e a gente se encontrou e eu pensei:

- Você não gostaria de fazer alguma coisa lá com o pessoal?

Ela topou, e trouxe uma orientanda dela, como é nome dela? A Luciana Mônaco, que tem uma experiência grande em formação de equipes e monitores e tal. Então foi a Martha, ela e, eu preciso pegar programação disso, do Workshop, mas eu lembro que a gente abriu o evento e veio mais gente de fora. Aí é que veio um pessoal da Estação Ciências, alunos da Graduação em

Pedagogia. Foi legal, então eu fiz essas atividades, esses Workshops de formação mesmo com o pessoal. E também busquei nesse processo de buscar uma articulação com o LABRIMP, pensar essas visitas casadas, trazer as crianças que vão para o LABRIMP para o museu, ou depois do museu o LABRIMP, ou vice-versa. Começamos a fazer experiências. Por que o público regular do museu eram adultos, jovens e adultos, pessoas que estavam passando e iam lá. A Maurilane levou muito tempo os alunos dela lá, então para adulto era muito legal. A gente chegou a conseguir conceber um formato de visita monitorada que funcionava muito bem, que era uma visita monitorada rápida, que levava uns vinte minutos, mas que abria pra muita discussão. Cada uma das vitrines que a gente parava para conversar, o pessoal perguntava, sustava muita discussão e tal.

Porque o tema possibilita muita discussão. Quando você para desnaturalizar o brinquedo, pra você ver o que está lá né, em torno de algo que a maioria das pessoas estão acostumadas a olhar para aquilo como mero objeto, como mero entretenimento, e quando você vê a quantidade de coisas que você pode discutir daqueles objetos: de um jogo de tabuleiro das bonecas, da diversidade das bonecas, por exemplo, a vitrine das bonecas tinha uma diversidade muito grande né. As fotos também possibilitavam muita discussão, muito debate, que você tinha uma série. As fotos da Liga das Senhoras Católicas eram mulheres negras, mulheres negras muitas amamentando crianças brancas, então era uma coisa. Tinha uma foto lá sobre Educação Infantil de Educação Física e também tinham alguns trechos de catálogos que falavam da Educação Física em si, e tem todo um discurso higienista do começo do século. Mostrar aquilo ali possibilitava muita discussão na visita monitorada com adultos, mas com crianças eram outros quinhentos né. E o público do LABRIMP é sobretudo de criança de Educação Infantil e aí a gente começou a pensar essas visitas casadas e aí era muito inusitado [risos] , por que as crianças iam lá e eles nunca tinham entrado num museu e elas ficavam olhando. A gente colocava uma musiquinha e começava um bate-papo a gente sentava no chão aí eu abria para perguntas e eles falavam:

- O que é aquilo ali no teto?

E eu olhava e era o alarme. Tinha um alarme na sala. Eles observavam tudo [risos]

É muito legal você ver que a criança não tem essa relação de exterioridade.

E: É aquela coisa de que quando você leva um objeto para dentro do museu ele perde seu significado, ali é tudo né [risos]

C: Exatamente, a criança não tem esse olhar. Como no texto do Benjamim , do Infância de Mão Única que de Infância em Berlim por volta de mil e novecentos e tal, que ele falava a mesma coisa, que quando ele ia no teatro dele olhando as pernas, o divertimento dele de olhar os pés das pessoas, as meias, os sapatos e tinha a peça acontecendo lá e o som. Então aquela estrutura do palco italiano, o ator lá e o expectador aqui, na cabeça dele não tinha essa divisão, era toda uma experiência que quebrava com essa divisão. E quando as crianças iam ao museu era isso. Você estava lá falando dos objetos infantis indígenas, por exemplo, do arquinho e do e da flecha e tal. A criança ia lá e dizia:

- O que é isso aqui?

E eu dizia:

- É tranca da vitrine é o trinco. [risos]

E eles:

- Como faz para abrir? Pode abrir pra eu ver?

[risos]

A tranca da vitrine chamava mais atenção do que o próprio objeto. Então eram situações desse tipo. Aí depois a gente fazia um lance de eles desenharem o que mais chamou a atenção. Então tinha o momento lúdico. Seria legal se eles pudessem experimentar essa coisa de manusear, se o museu tivesse condições de pensar atividades, mas a gente não tinha, a gente tinha ali, aquilo ali. A gente procurava fazer os momentos finais com desenho e tal.

E primeiro levar as crianças primeiro pro LABRIMP e depois pro museu era um problema, por que eles chegava suados, ligados no duzentos e vinte. Que lá no LABRIMP é isso, né, é brinquedo de subir, de correr, é gramado é casinha, eles ficavam super a vontade, super soltos e pôr esse pessoal para sentar e bater um papinho ali, mesmo que fosse uma coisa completamente sem roteiro fixo, era difícil. Eles queriam correr ali dentro e não dava. Então a gente começou a pensar primeiro o museu e depois o LABRIMP, mas foi uma coisa que não teve continuidade. Então começamos a atender um público infantil mas não foi possível fazer isso continuamente porque foi já mais no final e eu já tive que voltar para a Aplicação e enfim. Mas isso foi outra iniciativa que foi interessante, apesar de sido incipiente, foi uma coisa interessante de desenvolver essas visitas casadas.

Atender o público da Faculdade também, a professora Maurilane foi uma professora que levava com muita frequência os alunos dela lá.

D: Eu fui uma delas.

C: Ah, você foi?!

D: Sim, eu fui, no noturno eu fiz uma disciplina de História que é Introdução a Educação.

C: Será que foi na época que eu estava lá ainda?

D: Eu ingressei na Faculdade me 2010 e essa disciplina foi nesse ano de ingresso.

C: Eu estava lá então! Você lembra de mim? Fui quem falei?

D: Não. Quem nos atendeu foi a Ruth.

C: A Ruth?

E: E vocês trabalhavam a noite também?

C: É às vezes quando dava e precisava, a gente ficava, até de sábado eu já fiquei também. Quando tinha curso de formação de professores ou tinha algum evento. Algum congresso que precisasse abrir, receber, a gente veio de sábado ou a noite e a gente negociava, trocava um horário. Por que era uma coisa informal né.

D: Foi muito legal. Foi meu primeiro contato com o espaço do Museu. Nem sabia que existia o museu do brinquedo.

E: E como é que foi Dani? Conta pra gente. [risos]

D: [risos].

E: Agora você é quem vai ser a entrevistada [risos]

D: Olha, eu adorei na época. Por que primeiro a professora nos levou pro museu. Então a gente viu os brinquedos e objetos mais antigos. Que para mim era o que mais encantava, fiquei encantada ao ver algumas coisas com que eu já brinquei que já passaram por mim. E na hora que chegou no LABRIMP e eu vi os espaços da casinhas[...] Foi o primeiro lugar que eu visitei, tudo em miniatura, o sofá, as representações de algumas cenas do dia a dia, da enfermaria, e poder brincar. [...]

C: Você falando. Eu me lembrei de um outro módulo que era de brinquedos femininos, que era um módulo que dava muita discussão. Por que eram brinquedos também que eram concebidos e vendidos para mulher: o ferrinho miniatura, a casinha, estatuazinha de lavar roupas pra menina. Então brinquedos que eram concebidos para mulheres e a gente levantava um gancho para discutir aquela questão de gênero.

D: E teve um momento que a gente começou a pensar nessa questão de gênero durante a visita, por que a casinha que é montada lá: tem o sofá, tem a tv, então tem o espaço para a mulher também passar a roupa enquanto assiste à tv. E foi bem legal, eu me lembro.

C: Foi no museu ou no LABRIMP isso?

D: A gente passou no museu, passamos na sala ao lado, onde tem aquelas peças antigas que deve ser recuperação de peças, e depois no LABRIMP que foi o último momento que aí a Ruth explicou um pouco o que era o espaço do LABRIMP. E aí eu fiquei conhecendo o empréstimo dos jogos. Porque na visita, eles também falaram da possibilidade de empréstimos de jogos que tem na sala ao lado do LABRIMP. Que eu fiz a minha carteirinha na época pra empréstimo de jogos [risos].

C: É muito legal. Ah, e teve também nessa coisa de formação, veio uma professora da Unesp. Como é o nome dela? Ela veio dar um curso pro pessoal do LABRIMP, pro pessoal da Faculdade sobre como organizar jogos, como as brinquedotecas poderiam organizar jogos. Ela foi para a França, conheceu um modelo de organização de brinquedotecas lá, francês e um modelo de classificação de brinquedos. Que é com base na teoria Piagetiana. Ela deu esse curso e aí o pessoal do museu participou também, aí a gente até pensou em usar algumas categorias dessas que estão lá para organizar os jogos mais uma tabela. Tem um sistema de classificação: COLL. Eu não lembro o nome agora, mas a gente pensou em utilizar, mas aí a gente viu que não, que era outra coisa, que museu tem a sua distinção né. E aí a gente fez, você falando agora dos jogos eu lembrei dessa tabela de classificação, desse curso que a gente fez lá com a professora da Unesp. Eu não vou lembrar o nome agora, mas ela era uma colaboradora da Tizuko, a Tizuko talvez lembre o nome dela.

D: Essa classificação é importante para saber por que não se encaixou nas necessidades do museu. Por que é uma classificação francesa e por isso não se encaixou aqui?

E: A Tizuko falou um pouco sobre isso.

D: Ela falou que na época quando ela foi fazer a pesquisa, que ela foi para a França, foi conhecer. Parece que a classificação deles não se encaixa por conta das diferenças culturais. Isso

conta bastante. E aí a gente precisa ver também se há algum outro elemento que conta para a não utilização ou a pouca utilização dessa classificação francesa aqui dentro das brinquedotecas.

C: E no nosso caso a gente era museu ainda por cima né. A gente chegou a pensar a classificação, as categorias para organização do acervo do museu. Por que o LABEIMP a princípio adotou. Não sei se depois isso foi dado prosseguimento. Eles estavam classificando todos os jogos de acordo com a tabela do COLL.

Como era o nome dela? Era uma professora ninsei, ela tinha o cabelo curtinho. Bom eu vou tentar localizar o nome dela e assim que eu localizar eu te passo.

E aí teve portanto, teve essa articulação com o LABRIMP que já havia, que estava na origem do museu mas que quando eu cheguei ela não estava, não existia.

Bom, continuando o roteiro: a maneira como o museu se estruturou foi essa descrição que eu fiz né, a gente organizando o acervo, organizando os móveis, demos continuidade à classificação, a gente buscou consolidar, institucionalizar o museu, por meio do sistema nacional dos museus, do Ipham e tudo mais.

C: Qual a minha relação e importância com o LABRIMP e MEB? Bom, eu acho que foi um... aí seria mais ou menos como eu vejo essa experiência na minha formação. Acho que foi uma experiência muito rica, foi meio frustrante em certo sentido por que em 2010 teve essa situação de eu ter que voltar para a escola. Acho que foram resultados muito interessantes.

.Aí apareceu o Pós- Doc. Aí apareceu a possibilidade de eu fui fazer o Pós-Doc na PUC. Aí eu falei:

- Eu vou, vai saber né. É muito legal e tudo mais né.

Fui ser bolsista né, aqui eu tinha estabilidade, eu estava concursado, eu estava ganhando inclusive em termos de renda era mais vantajoso eu ficar, mas eu queria também ter outras experiências, investir na carreira acadêmica, enfim, aí eu disse:

- Eu vou dar dois passos para trás para dar um para frente. Vou virar bolsista de novo, mas pelo menos vou me inserir no meio acadêmico, vou ter oportunidade de me dedicar à pesquisa propriamente dita. Por que eu fiz o mestrado e doutorado trabalhando, né. Foi aquele sofrimento, ficar me virando. Ficar só com o Pós-Doc. Não dá para participar de evento, não dá você sair, fica difícil. Tanto que eu terminei o doutorado, eu não tinha currículo e só o doutorado não adianta. Tem que participar de eventos, que estar inserido no meio acadêmico. Pedir projetos, participar de bancas, enfim, a aí eu decidi ir para o pós-doc. Foi aí que eu decidi sair.

Foi até uma coisa meio que nas pressas porque eu passei e aí eu não poderia assinar nada com a Capes sem estar com a carteira de trabalho dado baixa. Aí eu corri para que a coisa acontecesse no fim do ano. Eu lembro que a minha demissão saiu no dia dois de janeiro, na primeira semana de janeiro estava aqui para pegar a carteira para tirar uma xerox e pra mandar para Capes, pra conseguir a bolsa. E lá na PUC teve um edital de seleção de Pós-doutorado também, lá tinha uma bolsa e três candidatos. Eles fizeram o processo seletivo lá também. Você tinha que fazer o projeto, entrevista. Então isso foi tudo no fim do ano, dezembro e eu tive que correr para pedir demissão e eu abri mão do aviso prévio. E aí eu fui pra PUC, aí o tema da Infância eu dei uma afastada, porque eu fui trabalhar e voltar mais a me dedicar aos temas que estavam associados ao meu doutorado, essa história da Educação, o universo das Escolas Experimentais.

Foi uma experiência, sem dúvida, muito válida para mim sim, eu tinha tido uma experiência lá no LabJor, eu tinha acompanhado a etapa inicial de concepção do museu deles, o museu exploratório de Ciências. Porque na época quando eu fiz essa Pós – Lato Senso eu tive uma bolsa, uma bolsa chamada Mídia e Ciências, que é uma bolsa concedida aos alunos do curso de Jornalismo Científico. Esses alunos pegam alguma coisa para divulgar, assim, algum projeto de pesquisa para acompanhar, tinha gente que pegava o genoma, o Laboratório de Síncrotron, e o meu projeto de Mídia e Ciências foi voltado para a área de extensão universitária. Então, eu fui acompanhar projetos que estavam no âmbito da Pró Reitoria da Universidade da Unicamp. Aí eu peguei o Museu do Laboratório de Ciências, que era uma atividade de extensão que eu acompanhei de perto todo esse trâmite, fui escrevendo sobre, né, notícias lá para a Consciência que é uma revista lá do Labjor, para consciência e Cultura. Então eu acompanhei o projeto de concepção e a implementação inicial do museu e acompanhei um outro projeto que se chama: Arte e Exclusão Social, que era com moradores de rua. Bem diferente, bem interessante também. Então em...

E: Você ficou quanto tempo lá?

C: Eu fiquei três anos, de 2003 a 2006 no LabJor.

E: Nossa! Bastante.

C: Fiquei três anos lá. O curso foi de um ano e meio e tive essa bolsa durante dois anos, não, o curso foi de dois anos também. Foi no último ano do mestrado e no primeiro do doutorado aí eu fui fazendo paralelos. Por que até então eu dava aula no Anglo de Campinas. Durante o mestrado eu era professor do Anglo de Campinas, eu dava aula pra cursinho e Ensino Médio. E não só no anglo de Campinas, eu dava aula no Anglo de Itatiba, de Amparo e Indaiatuba. Por que o dono do Anglo de Campinas era dono dos outros Anglos ali da região também. Então eu

tinha essa rotina de ficar viajando, dando aula em vários lugares, uma loucura, fiquei até 2003, não, até o comecinho de 2002. Aí em 2002 eu falei:

- Não, isso não muito [...]

E: O seu trabalho era em Campinas mesmo, você não tinha que viajar durante a sua pesquisa?

C: Não. Era tudo lá. Eu vinha muito aqui para São Paulo, mas o meu mestrado eu pesquisei muito os Anais da Assembleia Legislativa Estado de São Paulo, então eu vinha muito para pesquisar. Especialmente o primeiro capítulo do meu mestrado é a concepção dos Ginásios Vocacionais, então eu fui pesquisar os debates legislativos em torno da lei que permitiu a implantação do Ginásios Vocacionais. E foi bem interessante. Eu peguei os debates dos deputados, era muito interessante, porque eles imaginavam que estavam criando uma outra coisa. O que o Ginásio Vocacional foi de fato, foi completamente diferente do que os deputados estavam lá, discutindo e do que o Governo almejava na época. Por que eles criam os Ginásios Vocacionais, só que dão uma autonomia muito grande para as escolas. A coordenadora dos Vocacionais, ela respondia direto para o gabinete do Secretário, então os Ginásios Vocacionais estavam totalmente fora da Secretaria da Educação. Então a escola de uma forma ela foi subvertendo aquela inspiração inicial, que era uma escolinha que para ser uma transição do Primário para o Ensino Industrial. Já era uma coisa muito mais voltada pra Ensino Técnico e tudo mais. E eles foram alterando e mudando completamente a proposta curricular da Escola. Isso foi interessante. Mas no mestrado eu vim muito para São Paulo, para pesquisar nos Anais da Assembleia Legislativa e vim um pouco aqui no Centro de Memória que tem alguma documentação. Agora mais, o Centro de Memória aqui da Faculdade. Na época tinha alguma coisa sobre o Vocacional, hoje tem muito mais, mas na época tinha pouca coisa. E foi no CeDUC da PUC também, que é o Centro de Documentação da PUC, que também tem um acervo remanescente dos Ginásios Vocacionais. Então o Mestrado e o Doutorado eu fiquei mais aqui e em Campinas.

E: E a sua relação aqui com o Centro de Memória? Você já tinha essa relação antes. Mas quando você estava no museu, no MEB você chegou a fazer algum tipo de ligação, de articulação?

C: Tinha as visitas. Quando tinhas as visitas monitoradas de alunos da Faculdade, a gente pensava coisas junto, de visitar o museu, de visitar o centro de memória e de visitar o LABRIMP. Não sei se você visitou o Centro de Memória, na ocasião também.

D: Passei sim, visitei.

C: Aí, só que tinha uma coisa assim, o Centro de Memória tinha uma dinâmica própria assim de trabalho. A gente chegou a começar a trabalhar com fotos, com higienização das fotos da Alice Meirelles. Então pra isso alguns bolsistas do museu fizeram a capacitação lá no Centro de Memória. O Centro de Memória tem uma oficina que eles dão para quando chega bolsista pra eles. Eles fazem essa oficina para eles, para familiarizar e ensinar o indivíduo como é que higieniza foto, como higieniza documentos. E como a gente tinha um acervo de fotos eu pedi, eu fiz, não só eu, mas duas bolsistas fizeram a capacitação lá também. E a gente começou a fazer o tratamento das fotos do museu. Aí, o que aconteceu? Quando eu saí, a Tamires que foi a bolsista que mais se dedicou a isso, ela fez Pedagogia também, eu perdi o contato com ela, ela foi quem mais se dedicou às fotos. A gente comprou todo o material, por que a gente tinha uma verba do Pontão, que ela ia ser devolvida para o Ministério, que precisava ser usada. Aí eu comprei todo o material que precisava para condicionar as fotos. Aqueles papéis, neutros que são super caros. Ele é tipo uma cartolina. As caixas, as luvas, as máscaras, tudo. Eu comprei tudo que precisava e deixei tudo pronto, assim para a Rosângela e falei:

- Ó, tá tudo aqui, você tem todo o material pra condicionar as fotos, está aqui!

E: As fotos estão nas caixas, estão acondicionadas.

C: Enfim, isso tudo foi feito assim no finalzinho [...]

E: As fotos eles tiraram dos álbuns, então perderam a identificação. Por que nos álbuns é que estavam identificados, né?

C: Por um lado tinha isso, o Centro de Memória tinha isso, você não pode tirar, você tem que manter o álbum junto, tinha que ter deixado.

E: Não. Tiraram. A Tizuko identificou algumas por que ela fez uma exposição na biblioteca, então ela conseguiu lembrar alguma coisa e colocar a data. Mas aí agora vai ter que pegar o álbum e comparar o tamanho pra ver a sombra da foto e tentar achar alguma coisa, e pra tentar fazer alguma identificação.

E: Agora elas estão lá numa salinha do lado. Uma salinha que a Belmira ocupava. Não sei se você sabe onde é?

C: Não. Não sei.

E: É uma salinha do lado do MEB, uma salinha pequena que não tem janela, não tem nada.

C: Acho que eu sei qual que é. É uma que ficava como é que essa funcionária que ocupava a primeira sala aqui? A Nair? Ela tem um cabelinho curto, uma senhoria que cuidava daquele projeto de formação de professores.

E: Da Belmira.

C: Então, era ela. Não era o Teia do Saber era outro. Tinha um projeto ali numa sala bem ao lado do MEB.

E: Agora a Belmira está ocupando uma sala aqui em cima no primeiro andar. Por que o terceiro andar agora está sendo ocupado e aí a Tizuko pediu aquela salinha. E agora o material está lá.

C: A sala é aquela que tinha umas estantes inclusive, não é? Tem umas estantes de correr?

E: Não. Tiraram as estantes. Eram dela, a Belmira levou o material, a única coisa que ela deixou foi uma mesa. Mas aí as fotos estão lá. Só que algumas eu já deixei aqui na biblioteca. Por que a Tizuko usou para a exposição, me devolveu e eu levei direto lá na biblioteca. Por enquanto está sem ninguém agora na salinha, está mais complicado e eu tenho um pouco de receio de deixar lá.

C: Ali se a sala fosse preparada seria legal né, com estantes, com desumidificador.

E: Lá tem umas estantes, mas desumidificador não tem.

C: É. Inclusive tinha um problema estrutural também. Isso era coisa que a gente tentou resolver, por que tem uma rachadura grande no canto. Não sei se você reparou?

E: Eu lembro que na época fechou o museu por isso.

C: Era um buraco. Então, mas ali enquanto estava lá eu falei:

- Bom, esse negócio vai ficar aí não adianta!

C: O Centro de Memória sofre com o mesmo problema, que a rachadura começa ali no Centro de Memória e ela vai aumentando e dava, na época, para você ver o céu. Era um buraco mesmo! Acho que no LABRIMP ele aumentava, não sei com está agora. Eu sei que a gente chamou a manutenção e eles vieram e olharam e disseram:

- Olha, isso tem que derrubar a parede e fazer de novo. Por que é um problema estrutural. Não adianta.

D: Isso é problema, porque esse é um material que se a gente perder não tem outro registro. É único.

C: Exatamente. E o Centro de Memória sofre com esse mesmo problema. Tem documentos ali que são raríssimos e tal.

E: Não, quem está lá é a Carmem.

C: A Carmem como coordenadora. Mas a Iomar era quem tocava. Ela não era funcionária da Universidade, mas ela era responsável pelos projetos, ela escrevia os projetos, ela mandava, ela era arquivista e na época que eu estava, eu até tentei um contato mais via Iomar, né. Tinha ela, tinha a Cláudia que era voluntária, que está até hoje lá, a Maria Claudia, uma professora aposentada que é voluntária e na época, a Rosana, que parece que está lá também, né?

E: Eu não sei quem é.

C: A Rosana é uma cadeirante.

E: A sim ela está lá.

D: Sim, eu a vejo por aqui.

D: E aí nesse período que você ficou no MEB, trabalhando, você chegou a escrever alguma coisa?

C: Então, eu deveria ter feito isso! Mas a coisa foi tão [...] a demanda é tão grande de trabalho de trabalho lá e depois meu estava em 2009 terminando o doutorado, eu estava terminado o doutorado e eu me dediquei aqui, aí depois em 2010 que eu acho que poderia escrever mais, foi essa coisa da transição de eu estar com aula na Aplicação e lá eu escrevi até, fiz um esboço de um artigo em cima da exposição. O artigo seria um relato de como foi concebida a exposição, em função da história, de contar um pouco da história do museu e como foi a concepção da exposição. Tem um banner que é uma síntese disso, que não sei se ainda tem no museu, é um banner que explica o projeto do museu o título dela.

E: Esse material sobre a história do museu mesmo, você nunca pensou em organizar?

C: Em função do Sistema Nacional de Museus eu tive que organizar isso, então toda a documentação e os formulários eles pedem isso: quando o museu foi criado. Eu tive que coletar toda a documentação que existia. **E:** Mas fotos, essas coisas não?

E: Tinha fotos dessas coisas?

C: Tinha alguns boletins, tinham algumas fotos, alguns boletins da Faculdade de notícias de jornal. Então isso eu acho que deve ter sido guardado. Se pedir para a Tizuko a documentação relativa ao cadastro do museu [...].

E: É, não sei se ela sabe não. Mas isso eu vou perguntar.

C: É o cadastro do museu no Sistema Nacional de Museus.

E: Eu acho que quem sabe isso é a Ruth, por que num dia desses, a Martha Marandino perguntou do CNPJ, e ela falou e falou que tinha esse material.

C: Tem, e tem no [...] Em função desse processo todo eu tive que correr atrás. Aí:

- A não tem um papel de quando foi criado, né.

Eu me lembro de que ele tinha sido criado, ele tem um registro da criação do LABRIMP. O Nélio era ainda o chefe do EDM e tal. O museu ele nasceu informalmente, ele era uma sala do LABRIMP, uma sala onde guardavam os brinquedos e que as crianças começaram a chamar de museu até, a Ruth contou assim, que eles tinham umas estantes que eles tinham uns brinquedos mais antigos que ela não punha, era num espaço reservado na própria sala de jogos ali. Naquela sala eles punham um carro de boi antigo, algumas coisas que não ficavam disponíveis para as crianças e eles punham lá e diziam:

- É só para olhar. Aquele lá não pode pegar.

E aí ficou meio que... a coisa foi sendo chamada de museu informalmente.

[risos]

E aquela sala lá ficou como sendo chamada de museu, e museu.

D: Então foi uma criação das crianças.

[risos]

C: Essa é a história que eu fiquei sabendo. E realmente quando eu fui atrás da documentação não tinha um ato de criação. Tinha um documento lá, mas era um documento do EDM dizendo que o museu foi criado, não era um documento dizendo nem da Faculdade. E foi em função da doação das fotos da Alice Meirelles, aí o EDM decidiu criar um museu para abrigar essas fotos.

E: A história que a Tizuko conta é essa.

C: E em função disso, com o passar do tempo ele passou a receber também esses brinquedos que eram brinquedos antigos que estavam lá no LABRIMP, mas eram brinquedos que não ficavam disponíveis para as crianças manusearem, para brincarem e tal.

E: E aí as doações aumentaram nesse período?

C: E aí as doações foram aumentando. Um funcionário da Faculdade chegava lá e dizia:

- Olha, eu tenho aqui o meu Falcon.

Tanto que a Fernanda, que organizou a exposição depois de mim, ela era uma bolsista do Centro de Memória. Depois que eu saí, parece que a Tizuko fez o contato com a Iomar, com a Fernanda para organizar uma outra exposição, para trocar a exposição. E aí ela fez uma exposição que também tem alguns módulos que são brinquedos doados, que eram doados pelos funcionários. Então tem lá o trem que o Ricardo Sacco doou, um trenzinho que era o ferrorama. Então foi uma exposição que veio depois que eu saí que foi a Fernanda que tocou. Que era uma bolsista do Centro de Memória. A Fernanda era orientanda da Carmem.

E a relação com o Centro de Memória se tornou um pouco difícil porque eu estudo um tema que são os Ginásios Vocacionais, que tem muito documento lá no Centro de Memória sobre esse tema. Então eu primeiro consultei esses documentos e depois a Carmem me convidou para fazer parte do projeto temático sobre a renovação educacional no Brasil. O projeto era muito grande e tinha muita gente, tinha mais de vinte pessoas e aí no começo eu participei das reuniões. Mas depois eu fui me afastando.

E: Uma ideia que a Belmira deu uma vez era assim, que eu acho que seria interessante: de criar um NAP aqui, pensando no Centro de Memória, no MEB, no LABRIMP, esses espaços de cultura. Eu acho que daria para envolver um Núcleo, um Núcleo de apoio à pesquisa, mas que poderia também ser um NACE, né, que é um Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão. Porque isso tem ligação também com a própria Reitoria de Cultura e Extensão. Então eu acho que de pesquisa teria mais legitimidade. Que seria uma forma de criar uma legitimidade destes espaços e de articular mais. De a gente pedir projetos, financiamentos, etc. É uma forma de dar visibilidade. Eu acho que seria uma boa.

C: A Tizuko era muito aberta ao intercâmbio com a Martha. Por que no dia que eu fui falar algumas coisas pra ela, ela ficava meio assim e falava[...]

C: E articular com o Centro de Memória, ela falava sim, mas também tinha algumas ressalvas. E como eu vi ela tinha uma empatia assim com a figura da Martha Marandino e eu conhecia já a Martha também eu falei:

- Bom, vamos botar a Martha também na jogada, mas depois que eu saí eu não sei, aparece que a coisa se afastou.

C: Quando eu saí quem entrou foi a Rosângela.

E: Essa coisa da Maurilane eu nunca tinha ouvido falar, né.

C: A Maurilane sempre deu a maior força, sempre levou os alunos dela tanto pro Centro de Memória. Acho que pelo histórico dela ser professora, ela adora esses cursos das Licenciaturas. Que geralmente ninguém quer dar, ela adorava, ela dava. E toda animada, ela levava para conhecer o Centro de Memória, o Museu. Ela levava os alunos fora e ela tem uma coisa assim de pensar, que é superinteressante. De pensar a formação dos licenciandos. E de envolver os licenciados nestes espaços de extensão universitária que tem aqui na USP, que são espaços de pesquisa e extensão também. Então eu conheci a Maurilane lá, por que ela disse um dia:

- Posso trazer meus alunos?

E como eu já conhecia eu disse:

- Traz e tal.

Ela se envolveu. Gostou pra caramba, levou os alunos. Sempre levava, levava os alunos todos os semestres lá. A Martha gostou muito e se envolveu. Então foi legal, foi muito bom em certo sentido, mas em outros foi frustrante, por algumas questões: do museu não ter estrutura, de você não ter reconhecimento, mas reconhecimento mais dos funcionários assim, né. Até tem outra coisa que a gente fez, que eu não mencionei que foi a relação com a biblioteca. A gente chegou a por algumas vitrines lá na biblioteca, pra atrair o pessoal para o museu. Aí depois quando eu saí e ficou só a Nice e a Tatiane que era a outra bolsista. As vitrines foram ficando meio largadas lá biblioteca aí eles tiraram.

D: Isso foi em 2011? Eu me lembro de ter visto umas vitrines por lá.

C: É. Por que tinham umas etiquetas muito ruins. E eu falei:

- Não dá para ficar desse jeito.

E começou a ficar meio largado e foi ficando muito mal apresentado. Aí eu acho que a própria Lina decidiu tirar e deve ter pedido para tirar de lá. Ficava na biblioteca antiga, logo na entrada do segundo andar.

D: Na parte da administração lá em cima?

C: É. Tinha a administração e as salas de estudo logo lá umas mesas. A gente pôs uma vitrine lá. Por que tinha uma coisa, não cabiam as vitrines, não cabia todas as vitrines lá naquele espaço. Eles fizeram as vitrines, mas se pusessem todas elas, acho que eram sete ou oito vitrines, ficava uma coisa meio claustrofóbica, assim não tinha espaço. A gente mudou a distribuição e a gente viu que tinha uma vitrine a mais e falei:

- É melhor tirar essa vitrine aqui, por que vai ficar essa coisa espremida. Bom, o que a gente faz com ela?

Aí pensamos em por na biblioteca por que aí é um chamariz, né. As pessoas vão lá veem uma mostrinha. E aí a gente pôs esses brinquedos que tinham mais apelo assim o Falcon, fez umas montagens com os brinquedos, umas coisas mais livres, de propaganda do museu mesmo.

D: Mas aí não teve nenhuma monitoria lá, não aconteceu nenhum momento de levar um visitante do museu para conhecer?

C: Não. Tinha muita gente que vinha aqui na biblioteca e acabava sabendo que tinha um museu e ia lá. Pela biblioteca ficava sabendo que tinha o museu. E quando tinha esses Workshops a gente punha cartaz na Faculdade inteira, às vezes tinha bolsista que era da FFLCH e aí eles pregavam lá. A gente começou a fazer propaganda do museu também. Para ter fluxo, ter gente. Então essa vitrine da biblioteca teve muita gente que foi lá estudar na biblioteca viu lá a vitrine e tinha lá: visite o museu, sala tal e dia tal.

Então as pessoas iam lá e aí, quando dava para fazer uma monitoria ali, a gente fazia. Com aquelas pessoas que vinham aleatoriamente. Agora tinham as visitas marcadas, agendadas. Então ligava a fulano da Unip:

- A gente precisa visitar “xis” museus em São Paulo para ter lá um [...] era uma disciplina que eles tinham que tinham que visitar lugares. Aí vinha um grupinho lá da Unip, umas quatro, cinco meninas do curso de Pedagogia. A gente que fazia a visita monitorada específicas, agendadas para um grupo xis ou tinha essas visitas monitoradas, meio de improviso, de alguém ir lá. Ou eu explicava e quando eu não estava, era um bolsista. Mas também dependia da boa vontade do bolsista, tinha bolsista que falava:

- Olha aí !!!

[risos]

Tinham uns bolsistas lá que era isso. Não dava pra contar muito.

D: Mesmo fazendo as formações?

C: Mesmo fazendo, tinha bolsista que não estava envolvido. Por que depois que você seleciona, depois que você assinou e aceitou o bolsista também era muito difícil.

D: Só quando vence o prazo da bolsa ou quando ele desiste mesmo.

C: Ou se você fizer lá um negócio de pedido, que é muito burocrático. E aí eles tiram o cara, mas para vir o outro tem que esperar chegar novo edital. E aí você tem que pensar aquela coisa: ruim com ele pior sem ele.

D: E aí pensando nessas questões dos bolsistas, você acha que para vir bolsista pro MEB ou pro LABRIMP no caso, você acha que seria melhor ser bolsistas de graduação na Pedagogia, da História ou que faça Museologia? Ou isso não interfere.

C: O ideal seria mesmo que fosse de outra área, né, acho que o ideal fosse dessas áreas. Por aí o sujeito ele poderia ver naquilo ali uma possibilidade de aprendizado, de envolvimento acadêmico, de fazer uma iniciação a partir daquilo. E aí tinha que ter uma participação maior dos docentes da Faculdade, né. Que dão as disciplinas para oferecer naquele espaço ou no acervo, uma possibilidade de iniciação científica. Que aí o bolsista de iniciação, ele visualiza algo a mais e aí acaba tendo um envolvimento maior. O outro do Aprender com Cultura e Extensão não, ele quer uma graninha aqui dentro. Por que a bolsa é muito pouco. É tanto que o Centro de Memória ele tinha mais um trabalho de ponta por que eles começaram a [...]. Fez trabalhos excepcionais, fez essa coisa de educação patrimonial, os jogos de arquivo. Eles fizeram o jogo que chamava: o arquivo perdido, que é um jogo voltado pra Educação patrimonial mesmo, um kit de como que faz para você criar centros de memória nas escolas, o arquivo, enfim. Eles têm umas publicações, um material muito interessante nessa linha de Educação Patrimonial. Mas quem tocou tudo isso aí foi a Iomar. Agora eu não sei quem está lá, mas eram três lá. Mais aí na época era a Maria Cecília Cortez, a Cecília Hanna Mate e a Carmem. Aí depois elas saíram e entrou o Bruno e o Nelson junto com a Carmem.

E: Eu também não sei como é que está.

E: É pena porque eu acho que seria interessante fazer as ligações entre o MEB e Centro por que tem muita coisa parecida. E aí fortaleceria.

C: Tem. Sem dúvida.

E: Agora com a biblioteca está legal, a gente tem feito a exposição da Sandra.

D: A gente acabou conversando bastante sobre a primeira parte do roteiro das perguntas e segunda parte é sobre os monitores, dos estagiários que vieram aqui e tal. Mas aí tem uma pergunta, que voltando, que eu acho que muito importante, que você é historiador, que é: como você enxerga essa relação entre as peças do acervo e as exposições que estavam acontecendo, ou como a gente pode pensar nessas exposições? Qual o seu olhar da História para esses objetos?

C: Sobre esses objetos, a gente não tinha muita informação sobre o objeto em si, sua biografia a gente não tinha muito. Tem um documento que fala sobre a biografia do documento que faz uma discussão mais geral é a Rosa Fátima que é uma historiadora que ela fala que a cultura material escolar, ela também discute que todo objeto que passa pela cultura material ele passa pelo processo de singularização de acordo com o uso que esse objeto tem. Por exemplo, um diário de classe ele tem um formato, mas o uso que um professor e que determinada instituição faz do diário de classe é uma coisa muito particular. Então para você entender o sentido do uso de um diário de classe de uma determinada instituição você tem que pegar a fonte primária e ver como que se dá esse processo de singularização.

Como é que aquele objeto tem uma trajetória e uma biografia de como ele é utilizado. Lá, quando eu cheguei lá a gente não tinha muita informação sobre os objetos em si, como que chegou aquele brinquedo, quem doou. Alguns tinham. Tanto que a gente chegou a pensar em fazer módulos com objetos de um único indivíduo. A gente chegou a ter um módulo de um doador que tinha doado várias coisas e ele falava e tinha um relato, tinha um relato em torno de cada um dos objetos ali. Aí a gente pensou em montamos esse módulo. Mas aí é preciso fazer uma pesquisa mais a fundo e voltar a captar, por que as informações que ele deu eram muito superficiais. A gente chegou a pensar nisso, explorar um pouco, não só história do objeto em si, mas também o uso que esse objeto teve no decorrer da sua existência até chegar ali no museu. Quem que doou, por que doou, quem que brincou, de quem ganhou. Por que ele falava isso né. Quando a gente começou esse módulo voltado para um indivíduo para um doador, centrado na figura do doador, a gente foi pesquisar. As informações eram muito superficiais, mas nós chegamos a montá-los, como os brinquedos do senhor Francisco alguma coisa lá, tinha uma

plaquinha. A gente identificou os módulos eram: brinquedos educativos, brinquedos eletrônicos e tal e tinha aquele que era: brinquedos do senhor Francisco.

E aí tinha lá uma descrição de cada, acho que a gente chegou a colocar na prateleira. Foi isso, a gente pegou uma prateleira só de uma das vitrines e pôs lá os brinquedos dele e falava na monitoria. Na monitoria mesmo a gente explicava um pouco da história de cada um daqueles brinquedos. Por que cada um que brincava, que ele brincava com a irmã, quando que ele ganhou aquele brinquedo. O que a gente fez foi pesquisar mais os brinquedos em si, a história. Então o jogo lá da França, aquele que eu falei, que contava a conquista do exército francês numa região africana, né, inclusive o desenho era do exército francês contra os negros, sendo mortos. Esse era o cenário do tabuleiro. E já era uma adaptação de outros jogos. Ele era uma variação de outros jogos de batalha e então a gente ia pesquisar a história do jogo. Tinha um bolsista lá que gostava muito de fazer isso, de pegar o jogo, saber o nome dele, a referência ele ia atrás e tudo mais. Então a gente fez toda uma pesquisa sobre o brinquedo e essa pesquisa era que fazia do brinquedo efetivamente um objeto museológico né. Então trabalhávamos com aquilo que tínhamos, a gente não conseguia fazer muito, a gente fazia a biografia do objeto, mas ele ali enquanto brinquedo. A gente tinha algumas condições e aí era google mesmo ou eram algumas informações da ficha. Algumas fichas de tombamento, que a Jany chamava de ficha de tombamento tinham essas informações, outras não.

E é isso, foi mais ou menos isso e eu pensei em fazer uma reflexão mais a fundo sobre isso quando comecei a escrever. Eu li eu comecei a me envolver mais com a temática no LabJor, mas eram discussões muito específicas do museu de Ciências. Era uma interação muito mais a cara dos museus de ciência. O museu histórico eu conheci mais por ter feito história e que eu fiz uma disciplina que tratava da questão dos museus históricos. Mas não tinha nenhuma preocupação maior, assim. Daí quando eu entrei no MEB foi que eu fui atrás mais da bibliografia do Ulpiano, que tem muita coisa publicada. Eu participei daquele encontro de museus, do Encontro Nacional de Museus que foi na USP. E aí eu comecei a me envolver mais com o tema, mas como depois parou, eu acabei não me aprofundando.

E: Do que você aproximou dessa experiência do LabJor pra cá, com essa coisa dos museus de Ciências, essa coisa do Hands-on?

C: Do Hands-on, tem essa coisa [...] do museu eu não sei por que isso é uma coisa que se discute muito, do museu de Ciência dele não ser um museu que apresenta os resultados da Ciência, uma visão idealizada das Ciências, mas dos processos pelos quais a Ciência também é construída. A história das Ciências, a não neutralidade das Ciências e eu trouxe um pouco essa

preocupação para os brinquedos: vamos desnaturalizar o brinquedo. O brinquedo é algo associado unicamente ao universo do entretenimento ou não. Então o que tem a mais? O que tem atrás de um brinquedo? A história dele como um objeto, produto de uma cultura xis. Lembrei: aquela de bonecas a gente pegou, era uma categoria de brinquedos genéricos regionais. E a maior parte dela era de bonecas típicas, tinha a boneca do Equador, boneca do Japão, boneca da Indonésia. Tinha uma pipa que a gente usou. Era pipa que a Tizuko trouxe e a gente pôs de fundo assim, então tinha uma vitrine que era de brinquedos regionais. E a partir daquele brinquedo a gente falava um pouco daquela cultura. Então a boneca de palha de milho tinha toda uma simbologia por de trás dela. Os objetos infantis indígenas também têm “bonecas”, “bonequinhos”, são manipulados por crianças, mas não são necessariamente bonecos, são símbolos com um sentido completamente diferente do boneco para nós. É toda uma iniciação da criança, especificamente da mulher, a estrutura familiar que existe no grupo indígena. E eu não me lembro agora qual grupo que é muito, que usa muito essa coisa das bonecas para as meninas. Não é só a mulher você tem toda a família representada. Não é só a mulher a ser representada, tem a mulher, tem o marido, tem os filhos, os cachorros. Tudo aquilo é uma família e ela vai manipulando lá todos os bonequinhos da família, e como eu disse, ela vai manipulando lá até decidir introduzir e fazer a menina [...] e essa manipulação ela não é aleatória também, ela é supervisionada assim pelos adultos, a brincadeira ela é “tutelada” e é uma maneira de fazer a menina se ambientar com a estrutura familiar que vigora no grupo. E outra coisa que a gente discutia a partir daquilo eram os usos que o braço fazia daquilo ali e que os índios passaram a fazer daquilo ali, também para ganhar dinheiro. Então o arco e flecha também não era um negocinho para deixar pendurado, era para o menino aprender, era um arco e uma flecha em miniatura para ele aprender a atirar. Esse arco e flecha com peninha colorida artificialmente vendido lá em Corumbá, então é algo que o índio faz para ganhar dinheiro, na tribo, no grupo, originalmente no grupo aquilo não tem função nenhuma, aquele arquinho assim, com peninhas coloridas, né.

Então é a recriação de um objeto infantil indígena, esse arquinho. Então a gente também fazia essa discussão nessa vitrine sobre os objetos infantis indígenas. Uma coisa eram os objetos infantis indígenas na originalidade outra coisa eram os usos que os índios passaram a fazer de objetos semelhantes àqueles com o passar do tempo.

Então a minha preocupação com aquilo que eu trouxe com essa preocupação de certa maneira com essa coisa da Ciência. Pois como o museu de Ciência ele também, essa é uma discussão de fundo, também não são todos que fazem, de desnaturalizar a Ciência de trazer os processos pelos quais ele se fez.

E: Isso era uma discussão do Labjor, né?

C: Então, que nem todo mundo lá cobre. Nem o Marcelo Nobel e outros matemáticos que não estavam interessados nisso.

E: Isso tem mais uma influência da Margarete Lopes, da Silvia Figueiroa, do pessoal do DCPT, não passa muito nos museus de Ciências não. É uma discussão que vem da história, dos estudos sociais da ciências e tal.

C: Exatamente. E aí era uma coisa que eu tive contato no Labjor porque eu tive aula com a Silvia Figueiroa, lá do curso de Labjor que ela dá aula, e a Margarete Lopes ela foi participar algumas vezes e depois eu entrevistei a Margarete Lopes, inclusive ela não estava nesse projeto do museu. Por que ela também foi convidada e ela já deu uma resposta meio atravessada. [risos]

E: Ela é assim.

C: Ela recebeu uma cartinha chamando interessados. Aí ela disse:

- Eu queria saber o que vocês entendem por interessados? Por que eu pesquiso isso aqui durante vinte anos. Só vinte anos.

[risos]

Então ela já deu uma resposta nesse nível lá para o pessoal e o Nobel e o Marcelo eles tem essa visão cor de rosa da Ciência. Da alfabetização científica. E no fundo é pensar o museu de Ciência que é para legitimar o que eles fazem no fundo. É pensar um processo de questão de alfabetização científica, de divulgação científica, mas que legitime essa ciência que está hegemônica que ... tecnológica, essa ciência que é redentora. Vender essa imagem redentora da Ciência. E os cursos que eu fiz e até pela minha trajetória na História, eu tinha uma visão muito mais problematizadora da Ciência e eu acho que eu trouxe isso pro museu do brinquedo. Bom, vamos desnaturalizar esses brinquedos, vamos entende-los como objetos culturais. E essa desnaturalização ela vai um pouco pela biografia, que a gente não tinha muito essa história, mas também para entender mais essa história do objeto em si de acordo com uma pesquisa mais geral. Então foi mais ou menos isso.

E: Foi muito bom, obrigada.

D: Sim foi muito obrigada, a professora Tizuko falou muito bem do seu trabalho na época, ela comentou que o museu ficou assim, que ela gostou bastante, ela comentou na entrevista com ela, sobre os seus trabalhos. Foi muito bem.

C: Legal, jóia. Tem, veja se tem ainda esse banner da exposição antiga. Faz o backup, eu vou deixar com vocês e eu vou pedir para que vocês copiem em depois me devolve que até eu vou pesquisar mais a fundo esse matéria e se eu encontrar alguma coisa aqui que eu acho que tema mais a ver com a entrevista e as coisas que eu falei aqui aí eu posso selecionar e mando pra vocês. Por que tem muita coisa aqui.

E: Ok. Está bom.

Para identificação dos participantes indico em cada início de fala a letra inicial do nome do falante. Jany Elizabeth Pereira entrevistada, Professora Ermelinda Moutinho Pataca e Daniela Batista da Silva, pesquisadora.

A entrevista iniciou-se com uma conversa livre baseada no roteiro elaborado para orientar o trabalho.

Para identificação dos participantes indico em cada início de fala a letra inicial do nome do falante. Neste caso temos: Jany pereira, Ermelinda Pataca e Daniela Batista.

J: Em 2008 eu fui para a Escola de Aplicação já substituindo o Daniel. E aí no final do ano ele acertou com a Tizuko pra continuar no museu e aí eu ainda fiquei um período na Escola e um período no museu.

E: Quando isso?

J: Em 2008.

J: Então, desde essa época que eu já não sei, já estava me desvinculando do museu, isso em 2008. E eu entrei aqui na Faculdade em 2003. Então eu fiquei lá de 2003 até 2008. Já faz algum tempo. E quando eu entrei, eu fiquei um pouco tempo no LABRIMP, mas só no LABRIMP, foi

pouco tempo, uns seis meses. E aí já no segundo semestre de 2003 a Tizuko definiu que eu ficaria responsável pelo museu e aí eu já fui para o museu no segundo semestre de 2003.

D: Então assim, você ficou lá durante cinco anos, é bastante coisa, então acho que será bem rico. Eu vi que o seu mestrado foi com relação ao MEB. Na verdade foi no museu. E eu queria então saber um pouquinho sobre a sua formação inicial e como você chegou no tema da infância, no seu mestrado.

J: Sim.

E: Isso, como você fez sua graduação na Faculdade, seu início.

J: Então, eu fiz História. Minha formação inicial é em História e aí quando eu vim pra fazer a Licenciatura eu já fiquei por aqui, me identifiquei com a área da Educação e já trabalhei em alguns projetos e fiz a iniciação científica. Mas tudo relacionado com formação de professores, nada relacionado com infância.

E: Você fez História aqui mesmo na USP?

J: Eu fiz História na USP.

J: E aí nesses trabalhos que eu fiz na formação de professores, eu participei de um projeto com a professora Selma Garrido Pimenta, que trabalhava com licenciatura e tal, e aí eu falei:

- Nossa! É aqui mesmo. É aqui que eu quero ficar.

J: E aí eu já tinha me formado e eu participei de um projeto grande com ela. Um projeto que tinha apoio da Fapesp, enfim, aí em decorrência desse projeto eu fiz um trabalho e prestei o mestrado. Entrei no mestrado com o professor Fusari, que foi o meu orientador. E aí eu já tinha entrado no mestrado e estava tateando o projeto, que era na área de formação de professores, que já tinha a ver com a minha trajetória, tal. E nisso eu fui chamada por esse concurso que eu já tinha feito há bastante tempo e já estava quase expirando tal. Aí abriu uma vaga e eu fui chamada e aí eu comecei a trabalhar em 2003 lá no LABRIMP.

No museu era um pouco esse conflito de você estar fazendo um mestrado num projeto que você tinha escrito ali e tinha uma limitação e o seu cotidiano, que eu acabei me envolvendo muito né. Porque o museu já tinha um trabalho que já vinha sendo feito lá, de exposição, tinha acervo, tinha recebimento de escolas que acontecia. A gente articulava com o LABRIMP, mas não tinha um cotidiano de alguém que tivesse trabalhando ali, full time. Por que a Ruth se dividia, na verdade ela era educadora do LABRIMP né. Então quando eu comecei a trabalhar no museu

como pra ficar lá o tempo todo. Então eu comecei a pensar num trabalho mesmo de pensar no museu. Então a gente escreveu projetos para: COSEAS, para bolsa trabalho, para a Cultura e Extensão abrimos pros estágios aqui na Faculdade de Educação. A gente recebeu vários alunos que faziam Pedagogia e foram fazer estágio lá. E aí a gente começou a pensar o trabalho do museu, a gente começou a pensar essas escolas que iam lá pra levar as crianças, né, pra fazer a visita à exposição e o que naquele momento era chamado de resgate de brincadeiras, que eram brincadeiras lá fora que aconteciam com as crianças com brinquedos tradicionais, eu na minha trajetória de pensar então a formação de professores, eu comecei a discutir com essa equipe que estava comigo, o que era que estava acontecendo lá. Por que a gente recebia os professores, e aí essa aproximação que vocês estão do tema da infância, a gente via que no discurso das escolas o brincar ele estava muito presente, mas quando eles chegavam isso não acontecia efetivamente, né. Tinha uma situação de controle muito grande daquelas crianças. Os professores não brincavam, as pessoas não interagiam com as crianças, enfim, tudo isso é o tema do meu mestrado. E aí só que eu cheguei nisso exatamente por conta desse pensar ali o nosso fazer no museu diariamente com essa equipe que a gente foi compondo. Por que quando eu cheguei no museu, tinha um projeto que na época era ainda chamado de bolsa trabalho da COSEAS que tinha duas bolsistas. Que atuam junto também com brinquedoteca, a gente trabalhava em conjunto, mas aí a gente começou então com essa abertura pros estágios e os projetos que aconteceram a gente ficou também com uma equipe grande de pessoas e aí a gente começou a movimentar e pensar a nossa própria prática. Por que meu trabalho, se você der uma olhada no capítulo que fala especificamente sobre o desenvolvimento teórico e de quais foram as questões que a gente trabalhou, você vai ver que era isso que inquietava a gente. A gente mesmo se via nesse lugar de professores, eram meninas que faziam pedagogia aqui, e foi assim que eu me aproximei Daniela.

E: As meninas eram monitoras?

J: É. A gente não chamava de monitoras, a gente chamava de bolsista por que esse termo para a graduação a gente não usava. Lá no museu elas eram chamadas de bolsistas. Eu chamava de estagiárias. Eu falava: meus estagiários, meus bolsistas. Era o pessoal que ficava comigo, todo mundo aluno de graduação.

D: Quando você chegou quem a responsável pelo museu? Você entrou substituindo alguém?

J: A Ruth era a pessoa que trabalhava no LABRIMP e que fazia os dois espaços. É que na verdade, embora ela fosse responsável pelos dois espaços, ela fazia era mais uma orientação. Isso na minha visão, mais uma orientação do trabalho do museu. Por que o museu já tinha

bolsistas, esses dois bolsistas que eram responsáveis pelo museu. Então ela fazia a orientação da exposição, ela fazia e a Tizuko e tal. Então lá não tinha um educador no museu o tempo todo.

E: E aí a sua dinâmica era essa com as alunas da Pedagogia de refletir essa prática, recebendo as escolas e você começou a trabalhar também com a sistematização do acervo. Como foi?

J: É. A gente começou a sistematização do acervo que me parecia que sempre foi uma coisa, uma constante no museu, né. Quando eu entrei já tinha, tinha um catálogo. Um catálogo que, como chama? Um livro que estava lá de catalogação do acervo. Que tinha sido começado, já acontecia lá.

E: Eles já recebiam as doações?

J: Já tinha muita coisa doada lá e tal, e enquanto eu estava lá a gente tentou organizar esse acervo e aí a gente se deparava com muitas questões. Por que a gente fez um trabalho grande de tentativa de organização do acervo, de verificar o que tinha e o que não tinha, conferir essa catalogação inicial que já tinha sido feita desse livro, encontrar as coisas perdidas lá no meio, organizar. A gente fez um pedido de compra lá na época de caixas para acondicionar, por que estava tudo muito [...] O museu tinha um problema muito sério assim de espaço e isso sempre dificultou demais. Por que aí cada vez que a gente ia montar uma exposição, às vezes a gente começou um trabalho de tentar fazer essa organização de uma maneira que fosse mais definitiva. De limpeza, catalogação e acondicionamento. Mas eu saí do museu e isso era uma coisa que não estava resolvida e eu não sei como ficou. Por que precisaria de um mínimo de espaço de organização que garantisse que as coisas fossem feitas de uma maneira mais definitiva, então o que eu percebia é que era isso, já tinha tido uma primeira catalogação inicial que foi feita pelo Márcio que foi o primeiro bolsista que fez História e que trabalhou no museu. Quando eu entrei ele já não estava, ele estava saindo quando eu entrei. E a gente se conheceu mais por que a gente ficou amigo lá da História. Mas aí o que aconteceu? Quando tinha as exposições o jeito que as vezes era tirado, por falta desse espaço, as coisas acabavam se perdendo e aí depois não tinha lugar para voltar. Eu não sei como está isso hoje. Eu saí do museu e isso não estava resolvido.

E: A gente também não sabe direito, por isso das entrevistas das conversas para a gente entender e tentar criar uma nova lógica, uma nova sistematização e tal. E quando vocês faziam essas exposições como era Jany? Vocês pensavam em temáticas, como era a criação das exposições? Elas eram temporárias?

J: Era assim, tem também isso né Ermelinda, porque na verdade o museu ele não era um museu. Ele não tinha um filtro pra receber as coisas, pra receber doação, pra se focar em alguma coisa, sei lá! Era um acervo. Um museu em minha opinião ele é um acervo de brinquedos antigos e que se fosse talvez necessário, um pouco verificar se todas aqueles brinquedos são interessantes pro museu, o que é interessante. Para assim poder fazer um trabalho mais de filtro mesmo daquilo que, como um recorte. Até por conta do espaço. Quando eu entrei não tinha uma orientação específica para a exposição, sei lá, uma temática específica, então a gente fez uma primeira exposição. Quando eu entrei tinha uma exposição que já estava lá, e a gente trabalhou durante um tempo com aquela exposição. Aí tinha uma orientação, acho que a Ruth quem disse ou a Tizuko, não lembro mais, de que as exposições elas aconteciam anualmente, havia uma mudança entre janeiro e final do ano e daí em março mudava a exposição, então tinha. Não tenho muita clareza se era uma orientação determinada ou se era um jeito já que as coisas aconteciam. Eu sei tinha uma, já uma exposição e a gente trabalhava. Eu entrei em 2003 então a gente trabalhou durante 2003 nessa exposição fazendo um trabalho nesse recebimento de escolas que já aconteciam. Então a gente começou a ser um pouco, sei lá, a pensar um pouco na exposição em função das visitas que vinham, o que a gente poderia sistematizar daquilo. Um trabalho um pouco daquilo em cima de uma coisa que já estava sendo feita. E aí em 2004 quando a gente foi fazer a exposição de 2004, que a exposição que está na minha dissertação. Por que aí foi as coisas do que a gente fez um trabalho em cima. Aí a gente pensou vitrines temáticas. Por que tentar, eu entendo que tinha um pouco esse jeito de fazer as exposições. As exposições elas tinham vitrines, elas eram temáticas, mas os temas eram um pouco diluídos, eu acho. Aí em 2004 quando a gente fez essa exposição a gente tentou fazer com que essas temáticas aparecessem mais. Por que a gente estava num processo mais intenso de discussão, como uma equipe, com as vistas acontecendo, eu estava escrevendo a dissertação, então a gente estava num movimento muito grande de pensar o trabalho. E aí a gente tentou então que essas temáticas aparecessem mais. Então acho que era um pouco tentar aproveitar o material, um equilíbrio sabe. Aproveitar o material que tinha, o acervo, os brinquedos. Tentar naquele momento então pensar um pouco como que essas temáticas poderiam ser aproveitadas para a formação de professores. A gente estava num movimento grande de pensar essa formação dos professores. Quando eu entrei para o museu, as visitas aconteciam voltadas para as crianças, isso no museu. Tinha sim grupos que visitavam o LABRIMP e que faziam um trabalho de conhecer a brinquedoteca, mas o museu era mais só visitar a exposição. E a gente começou a pensar como que a própria temática do brincar e isso que estava emergindo, que era o pensar. O professor que vem com seus alunos, quais são as discussões do brincar que ele suscita. A gente está vivendo todas essas dificuldades do professor, de se envolver, de se envolver efetivamente

com a brincadeira. Então a gente começou a pensar as visitas no museu também para os professores. Então o meu trabalho ele fala bastante isso, por que isso ficou bastante forte. Foi um momento muito intenso de recebimento de grupos.

E: Grupos de professores?

J: Grupos de professores. Professores principalmente de creches, CEIS, os professores dos CEIS que tem parada pedagógica, mas também de outras faixas da educação, de Ensino Fundamental, vinham para o museu para fazer a visita á exposição e esse trabalho que a gente discutia então o brincar. Então a gente discutia a exposição, discutia a brincadeira, discutia o brincar, discutia a nossa formação e brincava e pensava sobre esse brincar. Qual é o adulto que brinca?

E: Todos brincavam?

J: Sim. Que foi a grande pergunta do meu trabalho foi: por que os professores não brincam?

J: Então, foi em cima dessa pergunta que eu desenvolvo esse pensar na formação do professor.

D: E como você trouxe esse público, esses professores para dentro dessas atividades? Por que antes o museu atendia um grupo mais infantil e depois mudou um pouco. Como foi para vocês trazerem esses profissionais para dentro do museu?

J: Eu acho que a gente foi abrindo, Daniela, eu não me lembro exatamente como que foi isso, mas eu acho que a gente foi abrindo. A medida que agente foi[...] a gente começou a oferecer.

D: Começaram a fazer divulgação?

J: A gente começou a fazer divulgação que o museu estava oferecendo esse trabalho. Então a gente recebia os professores com as suas crianças, eu não sei em algum momento do texto da dissertação se eu falo de como foi essa chegada, eu não tenho certeza disso assim. Pelo que eu me lembre foi um pouco isso, a gente recebia os professores com as crianças, aí nós começamos a pensar nosso, por que a gente também não brincava. A gente brincava, mas a gente brincava quando a gente estava brincando com a criança. Então era uma coisa assim, o que eu chamo de caráter professoral da brincadeira, então você vai lá e pega o pião e ensina a criança como brinca. Você não está efetivamente brincando com a criança. E quando isso não envolvia brincar era mais complexo ainda. Por que aí como é que você vai lá brincar, você adulto! A gente enfrentou sérias questões aqui na Faculdade de Educação. Porque o que aconteceu?

J: Quando a gente começou a pensar nisso, a gente viu. Vamos fazer então brincadeiras entre nós. Então a gente começou a pensar o que acontecia com os professores, a gente que começou primeiro a fazer as brincadeiras. Então a gente ia ali onde tem o afresco, agente começou ali:

- Vamos fazer hoje uma oficina de brinquedos! Brincadeira entre a gente.

J: Então cada um levou uma proposta de uma brincadeira de infância, a gente começou desse jeito. Brincadeira do passado:

- O que você gosta de brincar?

Aí respondiam:

- Ah, eu gostava de brincar de pega-pega.

- Gostava de brincar de barra manteiga.

Eram brincadeiras, não brinquedos. E aí foi muito interessante, por que a gente sentia que isso dava uma travada. Por que eles falavam:

- Nossa! A gente aqui assim na frente de mundo, brincando na Faculdade, alunos e tal.

J: E aí a gente começou apensar sobre isso. Por que a gente no lugar do adulto você não pode brincar?

J: Então foi este o movimento. E foi neste movimento que a gente começou a chamar os professores. A gente recebeu muitos professores do CEFAM que vinham. Por que daí a gente só abria para isso. Era uma, que a gente chamava de formação no museu, eu não lembro como era o nome assim específico teria que pegar e dar uma olhada lá para ver como é que a gente chamava esse momento. Mas era o momento de formação. Que a gente abria, aí os grupos eles se inscreviam e a gente recebia uma vez por semana.

A gente recebia um grupo de escola que vinha e às vezes quando era época, era incrível na verdade por que quando era, por exemplo, vinha o pessoal da creche, eles vinham fechavam, vinham a cozinheira, vinha toda a equipe, inteira. Elas tinham muitas brincadeiras e histórias. Por que aí a gente vincava a história da pessoa, delas e deles, tinham homens que vinham às vezes. A gente fazia o trabalho com a exposição. Teve essa exposição que a gente fez e depois teve uma outra exposição que a gente aprofundou mais a questão da temática. E até Tizuko ficou brava, ela não gostou. Ela pediu pra gente tirar a exposição, por que era uma exposição que a agente tematizava bastante a questão de gênero, por exemplo, com os brinquedos.

D: Você lembra o nome da exposição?

J: Ah, eu teria que procurar nos meus materiais, Daniela. Era uma exposição que a gente tinha colocado, inclusive tinha, na verdade tinha um nome geral da exposição, mas cada vitrine tinha um nome. Tinha por exemplo uma vitrine que a gente tematizava bastante, a questão de gênero e aí a gente falava sobre a questão dos estereótipos, enfim, aí ela não gostou pediu para tirar a exposição e fazer uma outra exposição que foi a exposição que foi quando eu saí do museu.

E: Aí tinha gênero, e as outras temáticas, você se lembra?

J: Eu não lembro bem Ermelinda, assim, mais eu lembro que tinha uma vitrine que a gente trazia o[...] é que essa questão de gênero que eu estou falando ela estava diluída na exposição, então por exemplo, era bem forte, a gente tinha uma vitrine lá no fundo que era... a gente trouxe os brinquedos chamados brinquedos de meninos de uma maneira bem assim, é era bem pé no peito. [risos]. Então a gente colocou tanque de guerra, a gente colocou, eu sei lá, tinha um jeito de pensar a exposição que era pra aflorar essa discussão, e aí uma outra parte de exposição que era bem o universo feminino, assim, convencional, as bonecas, o cuidado. Mas eu não lembro, acho que esse era o forte da exposição. E aí a gente trazia isso de várias maneiras. Eu lembro que tinha uma vitrine que teve um rapaz que fez a doação dos brinquedos dele da infância e aí a gente fez uma vitrine só com os brinquedos dele. Mas aí era trazido de um outro jeito, esses brinquedos. A maneira como, eram brinquedos de menino, mas eles estavam diluídos de um outro jeito de mostra. Mas eu teria que procurar porque essa exposição eu não tenho registro na tese, por que isso foi feito depois da minha defesa. Com certeza eu tenho isso nos meus materiais lá guardados com as coisas que eu guardei sobre o museu, mas eu não lembro assim agora mais coisas que a gente tenha feito. A gente gostava muito dessa exposição, foi bem doloroso na verdade, foi bem conflituoso esse momento com a Tizuko. Por que era uma exposição que a gente estava gostando muito de fazer o trabalho.

E: Eram você e os estagiários?

J: Sim, eu e os estagiários.

E: Você tinha uma dinâmica de discutir com eles?

J: Sim, muito. Tudo o que a gente fazia.

E: E como era a curadoria, a organização?

J: A gente fazia tudo junto. A gente discutia tudo, e como a gente ia fazer as exposições. E foi muito intenso esse trabalho com os estagiários. A gente teve uma equipe que ficou no museu

bastante tempo, assim no período que eu estava lá. Eu tive vários estagiários que ficaram. Eles tinham a bolsa da Coseas na época, então eles ficaram bastante tempo. E teve vários que fizeram o estágio curricular lá, que não contava como disciplinar, mas podia contar como estudos independentes. O pessoal aqui da Pedagogia, e aí eles iam depois atrás de ganhar bolsas da Coseas pra continuar no museu. Depois teve bolsista que ficou comigo durante três anos. A gente teve bastante.

E: Eles faziam estágio curricular de que disciplinas, você lembra? Ou era meio geral?

J: É por que na verdade não era. Eles não podiam vincular disciplinas, os docentes não deixavam, nenhum estagiário fez vinculado a disciplina. Todos eles faziam estágios como estudos independentes. Por que a gente abria o museu:

- O museu abre oitos vagas para estágio. Pela manhã quatro e de tarde quatro.

J: E aí aparecia àquela galera que queria fazer, mas não estava vinculado a disciplina, é só para estudos independentes. Mas aí foi isso, nessa exposição tinha, eu estava falando isso que eles gostavam muito. A gente tinha feito um trabalho de mostrar os brinquedos em movimento. Então foi importante pra gente, pro grupo saiu um pouco daquela coisa de colocar o objeto “assim” e colocava o avião pendurado e o bonequinho que caía. E eram os brinquedos sendo mostrados em situação de brincadeira. Então foi bem legal. Mas tinha essa temática forte, que a gente estava ali trazendo para as questões de querer discutir e aí um pouco de desencontro, na verdade. Por que até aquele momento a gente tinha a liberdade para fazer a exposição do jeito que a gente queria a Tizuko nunca tinha interferido e falado:

- Não, eu quero que faça assim!

J: Aí a gente fez. E depois que a gente fez, ela não gostou! E aí depois ela falou:

- Assim eu não gosto, eu quero que tire!

J: E aí foi bem ruim, a gente ficou bastante desmotivado assim, mas enfim, “ok”. Passou.

[risos]

D: Os bolsistas geralmente fazem a entrega de relatórios, alguma documentação que registre a permanência deles ali. Isso está documentado? Está em algum lugar? Ou você tem esse material?

J: Não, eu não tenho o material, o material está museu.

D: Sim, claro. Mas eu quis dizer: esse material está registrado no museu.

J: Sim, eu arquivava todos os relatórios. Quando eu entrei lá, já tinha uma prática que era chamada de relatório de visita. Tinha uma prática que eles faziam o relatório de visita.

- Quando eles faziam o relatório de visita?

J: Quando eles recebiam grupos. Então tinha lá grupos de professores que levavam seus alunos. E aí quando terminava essa visita, todos os bolsistas escreviam lá no relatório. Eu acho que na brinquedoteca também, mas eu não tenho certeza, por que e eu nunca fiquei responsável pela brinquedoteca. Eu não tenho certeza, no museu eu tinha essa prática, e aí a gente também começou a discutir também esses relatórios. Começamos a fazer o trabalho e tal. Primeiro a gente mudou o nome, a gente parou de chamar de relatório, por que não era um relatório, era uma visita. E aí a gente começou a discutir também o que ia nesse relato. Por que não era só um relato, era um relato pra gente eles não tinham que prestar contas pra mim do que tinha acontecido. Eu não queria isso, eu estava junto com eles, eu tinha vivido. Eu não precisava que eles falassem:

- A professora chegou com cinquenta alunos.

J: Não era isso né. Era mais importante a gente fazer uma reflexão sobre como tinha sido. Então na verdade a gente mudou completamente o caráter. A gente começou a fazer essas conversas depois que tinha a visita a gente sentava todo mundo, a gente conversava sobre o que é que tinha acontecido, como é que tinha sido, o que havia sido observado, quais eram as questões. E aí depois eles faziam o relato em cima disso, já também pensando o que era exatamente que a gente queria aprender daquilo. E também foi isso, a gente começou a olhar pra esses relatos antigos para também fazer uma crítica da maneira como estava sendo feita e fazer uma orientação para que esse relato ficasse mais significativo. No meu trabalho eu uso muitos desses relatos. Dos antigos que já tinham sido feitos, para mostrar também um pouco como era esse caminho que a gente escolheu e desses novos, para mostrar como é que estava e como impactava a eles. Tem relatos muito bacanas, deles falando sobre a formação, sobre o que eles estavam aprendendo. Hoje eu mantenho contato com eles. Muitos dos meninos e meninas que trabalharam comigo ficaram meus amigos. Então eu tenho contatos com muitos deles até hoje. E estão aí atuando na Educação Infantil, atuando em escola municipal, fundamental um e dois. E é bem interessante a maneira como esse trabalho que a gente fez, impactou para esse olhar, para a brincadeira, para o brincar. Tem gente que está nos CEUS, Sesc, enfim, de como foi impactante foi o trabalho que a gente fez junto lá todo mundo.

D: E isso mostra o quanto o seu trabalho aproximou, deixou que a relação fosse mais próxima do funcionário responsável dos estagiários.

J: Isso também.

D: Nos parece que as relações ficaram mais íntimas.

J: Isso, por que esse também era o tema que a gente discutia. Qual era o meu papel e qual era o papel deles. E também os conflitos, não eram assim só flores. Mas eu acho que tinha uma coisa bacana, que a gente também discutia isso. Então é importante que seja um ambiente agradável. Como eu era a única funcionária e a coordenação do museu acontece de uma forma que não é assim, cotidiano. A Tizuko não estava lá todos os dias pra falar, então assim eu tinha uma autonomia pra gente gerenciar esse cotidiano. Então eu também não me sentia, vamos dizer assim, um chefe, para poder coordenar uma equipe. Então eu fiz uma escolha de trabalho, de uma maneira como eu também penso a vida, de que a gente fizesse esse trabalho junto. Então a gente discutia sobre isso. E aí como é que ao mesmo tempo, claro que, sei lá, molecada, meninada. Então tinha momentos que eu tinha que falar:

- Gente, estamos precisando ter uma conversa. Por que não dá para vocês ficarem no Orkut o dia inteiro, temos que fazer as coisas e tal. Eu não vou ficar pegando no pé de ninguém!

J: Enfim, tinham essas coisas. E esse momento eles deram um nome, que chamava CASE, “Conversando a Gente se Entende”.

[risos]

J: Que era o momento da reunião e eu falava:

- Gente, estamos precisando fazer um CASE.

J: E de vez quando as coisas começavam a ficar tensas, a gente sentava todo mundo e conversava.

Eu lembro de uma vez que foi bastante forte assim, para elas também, nesse momento não tinha nenhum menino. Que a gente estava com vários problemas eu não me lembro de exatamente qual foi um clima que gerou isso, e a gente estava e aí eu falei assim:

- Poxa, tá marcado.

J: Eu lembro que no dia que ia chegar de manhã e a gente ia ter uma conversa, eu estava tensa, elas também e tal, estava todo mundo tenso. E aí eu cheguei e falei:

- Vamos lá para fora.

J: E aí, antes de fazer a reunião a gente fez brincadeiras. Eu propus que a gente fizesse brincadeiras, a gente fez tal e aí quando terminou a gente estava, todo mundo com o coração aberto. Aí a gente sentou e conversou, a gente falou tudo o que tinha para falar. Eu tinha coisas para reclamar delas, elas também tinham coisas pra reclamar de mim. Do tipo:

- Ah, mas você não fez isso! Você não falou com a gente.

J: E eu falei:

- Então, mas tá.

J: Enfim, a gente fez. Foi bem marcante pra mim esse dia. Por que estava assim, parecia que tinha uma fumaça em cima da gente.

[risos]

J: E foi bem interessante por que todo mundo pensou sobre isso assim, de como a brincadeira ela deixou, “abriu” a gente de uma maneira pra gente também estar mais ali disponível para o outro.

D: Então aproveitando o momento eu pergunto: como você acha que a brincadeira traz o aprendizado dentro do espaço do museu?

J: Eu acho que as crianças, elas, eu não sei como está o museu agora. A gente já recebeu durante o período que eu estava lá muitos grupos, mesmo o trabalho com os adultos. Quando a gente começou a abrir e um falou para o outro, eu sei que a gente tinha uma demanda imensa de receber grupos de adultos, muito grande, a gente recebia muitos grupos. Tinha época que a gente recebia dois, três grupos por semana. Por que eles iam falando uns pros outros. Tinham grupos de outras cidades, eu lembro que a gente recebeu grupo de Francisco Morato, de Cotia, enfim, eles falavam uns pros outros, eu acho, e o pessoal vinha. E aí o que eu sinto na verdade, depois voltavam com os alunos, para as crianças era [...] a maneira como a gente trabalhava a brincadeira ali com os professores e com as crianças, eu acho que era uma, como é que eu vou dizer isso assim [...]. Você fala do aprendizado né, Daniela?

D: Isso.

J: Eu acho que o brincar ele está presente na escola, nas relações, não é que ele não esteja, mas é que às vezes eu sinto que às vezes falta na relação do professor com a criança conseguir olhar para esse brincar de uma maneira que ele se olhe, ele professor se olhe, e ultrapasse o brincar em si. Que ele pense as relações de uma maneira mais ampla. Por que eu penso, Daniela, que quando a gente fala isso é uma coisa que eu discuto muito na tese. O brincar ele não é só o objeto, ele não é só o material. A ludicidade ela está nessa sensibilidade com o outro, com a criança, como você fala as coisas, como você enxerga, respeita o tempo da criança, por exemplo, o afeto. E aí, por que eu estou falando tudo isso? Porque a criança brinca, mas às vezes, eu não estou falando só do professor, eu estou falando quando se é mãe também. Eu estou falando da maneira como o mundo enxerga a criança. É pouca sensibilidade e muita repressão. A gente está num espaço extremamente repressor. Então, às vezes, as pessoas nem percebem que elas estão reprimindo. Sei lá, eu lembro que nesse período na minha vida, que foi um período que eu trabalhava no museu, estava escrevendo meu mestrado, eu tinha filhos pequenos, isso pra mim era extremamente intenso. E aí você começa a observar os espaços e aí você fala:

- Meu! Como as crianças são extremamente reprimidas, como as pessoas reprimem as crianças!

J: Um exemplo é quando você vai num espaço público, num shopping, num restaurante, em que as crianças precisam se comportar como adultos. As crianças precisam se comportar! E ponto! Tem que se comportar. Se comportar, é isso, tem que ficar sentadinha, quietinha. Se a criança quiser rolar no chão, ela não pode, e as pessoas se chocam quando isso acontece. Mas se elas não rolarem agora, quando é que elas vão poder?! Eu posso sair agora e começar a rolar aqui? Não pode né. Então o momento é esse! Então é esse aprendizado que eu acho que tem que estar, que a gente tentava trazer nas nossas reflexões com os professores, no brincar com as crianças. Que a gente conseguisse ser mais sensível para isso.

D: Sensibilizar os adultos através de um resgate de brincadeiras, afinal eles também foram crianças.

J: É. E as crianças na verdade também, por que às vezes as crianças são carentes. Como as crianças eram carentes de brincadeira! Desse brincar ampliado, do afeto, do carinho, do olhar. Então pensar um brincar mais no sentido de conceito mesmo, de ludicidade de sensibilidade, né. Eu lembro que quando a gente começou a fazer essas primeiras visitas, a gente recebia escola pública e ponto. Depois a gente abriu e a gente tinha lá, uma pra cada cinco escolas públicas a gente recebe uma escola particular, uma escola da rede privada. E aí era muito interessante essa discussão, como a gente ficou impactado por que a gente percebia que as crianças da escola

particular, elas tinham as mesmas carências das crianças de escola pública só que de um jeito diferente. Então, a escola pública vinha, vinham aquelas crianças, daquele jeito completamente arrasador, parecia que se você abrisse a janela elas pulariam. Carentes de tudo, assim, de amor de carinho de coisas materiais. As crianças da rede particular eram iguais, elas não tinham uma carência material, mas todas as outras elas tinham. Era muito forte isso para a gente. E aí a gente começou a trazer, por exemplo, para as brincadeiras, tudo o que a gente pudesse trabalhar isso com eles. Então, a gente recebia muitas crianças, agora mudou o nome, antigamente era crianças do Centro da Criança e do Adolescente, essas instituições onde a criança fica num contra turno. A gente recebia adolescente. Aí eles vinham, adolescentes entre dez e quinze anos e era incrível! A gente fazia as brincadeiras com eles e quebrava essa ideia de: eu não brinco mais, eu já sou grande.

[risos]

E: Eles já não querem mais contato físico algum.

J: Verdade, eles já não querem contato físico. Mas aí a gente fazia, tanto para as crianças pequenas como para esses mais velhos, a gente trazia brincadeiras que pudessem trabalhar mesmo essa carência que eu estou dizendo. A gente fazia brincadeiras de contato, a gente fazia brincadeira de pegar do tipo:

- Ah, me dá esse menino!

- Não, eu que quero ele.

J: Aí a gente brincava como era o nome? Aquela brincadeira de João bobo, a gente fazia com eles, mas aí a gente colocava o afeto na brincadeira:

- Ah ele é tão bonito me dá!

- Não ele é meu!

J: Sabe, assim, coisas de brincadeiras de mão a gente fazia, então tinha um pensar para esses que eram mais velhos irem se soltando e chegando nas brincadeiras. A gente fazia umas brincadeiras que eram mais divertidas, brincadeiras de mãos e todas aquelas coisas. E trabalhava isso com eles, por que as vezes eles diziam:

- Isso é brincadeira de menina!

J: Aí eu falava:

- Por que você acha que é brincadeira de menina? Você vai deixar de ser menino de você for brincar?

J: Então pensando esse aprendizado do brincar, né. E com os professores também, quando a gente fazia todas essas brincadeiras a gente depois fazia uma conversa. A visita era dividida numa tarde. A gente fazia uma chegada ao museu, eles olhavam a exposição, a gente conversava, tinha uma época que a gente trazia um trecho pra leitura. Tinha uma parte da minha tese que a gente lia textos que os estagiários traziam e a gente lia com os professores ali, um trechinho para fazer uma reflexão em cima da exposição que a gente estava ali vendo, fazia uma chegada, eles olhavam a exposição, tinha uma acolhida e a gente fazia uma conversa. Aí depois a gente ia para a brincadeira e aí a gente fazia uma hora e meia de brincadeira com eles, tinham brincadeiras que a gente fazia com cantigas de roda e tal. E aí depois a gente fazia uma finalização que era assim, sempre uma hora de conversa pra todo mundo, pra gente poder trazer todas estas questões.

D: Quando as escolas ligavam marcando uma visita ao museu, eles tinham já alguma intensão de visita, um objetivo, algo já elaborado pelo professor? Como por exemplo, um determinado professor está trabalhando um determinado tema e conhece que no museu há a possibilidade de enriquecer esse trabalho.

J: Às vezes, de uma maneira geral, quando eram as visitas, como eu contei, já tinha isso, as escolas já meio que conheciam o museu do brinquedo, eles sabiam que o museu oferecia para as crianças. Então tinha uma agenda lá que a gente recebia de terça-feira de manhã, tinha a brinquedoteca funcionando então o museu recebia a tarde, depois quinta de manhã a gente recebia porque quinta a tarde tinha a brinquedoteca. Por que o trabalho era articulado, junto e aí fazia a divisão também dos estagiários que trabalhavam nos dois e depois aos poucos a gente começou a ter mais estagiários no museu e tal aí a gente foi modificando essas visitas e ampliando recebendo em outros dias e fazendo mais coisas e tal. Mas já tinha um conhecimento das escolas, algumas quando ligavam às vezes diziam assim:

- Ah nós estamos trabalhando com o tema brincar e gostaríamos de visitar o museu.

J: E eu dizia:

- Como assim vocês estão trabalhando o tema brincar?! Não é Educação Infantil? O brincar não está o tempo todo? É um tema especial que vocês estão trabalhando só esse ano, como é isso?

[risos]

J: A gente percebia isso que às vezes a escola ligava e tinha um discurso muito forte do brincar, mas quando chegava os professees nada. As professoras vinham de salto, por exemplo, isso era uma coisa que chamava a atenção! Você vai levar as crianças num espaço e isso foi uma coisa muito forte pra mim. Isso é uma coisa que eu discuto bastante no trabalho pra fazer essa entrada no que era pensado a formação dentro desse movimento, nesse conceito de ludicidade. E as escolas e os adultos quando eles vinham, aí já foi um movimento diferente, por que quando a gente começou a abrir, daí depois eles vinham já sabendo. Eles já vinham sabendo:

- Ah, a gente sabe que vocês aí do museu oferecem uma visita com brincadeiras e tal, a gente queria ir.

D: Então teve uma grande evolução.

J: Foi, as pessoas começaram a procurar já em função do que a gente oferecia.

D: Teve um impacto já né?

J: Teve. A gente não divulgava nada, o museu tinha uma agenda aberta. E a gente começou a fazer o trabalho.

D: Foi uma divulgação boa a boca?

J: É, a nossa impressão foi essa. Por que a gente começou a fazer esse trabalho em 2003, no segundo semestre de 2003 a gente já fazia. Aí em 2004 a gente passou a abrir para o professor. Eu defendi a minha dissertação no final de 2005, em setembro. Então em 2004 e 2005 foram dois anos que a gente fez esse trabalho intensamente. Aí depois em 2006 a gente já montou a exposição que era do meu trabalho que aí ela ficou em 2004 e 2005 aí em 2006 a gente montou essa outra exposição que eu falei, mas ela ficou só 2006 por que a Tizuko quis que a gente tirasse e aí em 2007 a gente teve que montar uma terceira que já foi, eu já estava pra me desvincular do museu.

E: E ai foi quando você já começou a fazer contato coma a Escola de Aplicação?

J: É. Na verdade eu não fiz assim o contato, foi o Daniel que me procurou na verdade em 2008 por que ele queria fazer o doutorado e tal. Ele precisava de uma licença e como tinha acontecido isso em 2007. Tinha acontecido esse racha com essa história da exposição e eu já estava bastante desmotivada, eu tinha ficado muito chateada e tal. Daí eu já não queria ficar no museu trabalhando daquela forma. Aí quando ele veio falar comigo em 2008 eu achei que era uma boa assim, pra eu encontrar outros caminhos.

E: E você como historiadora, e entra nessa área da infância, como foi isso Jany? Você sentiu muita dificuldade, você buscava alternativas?

J: É muito diferente, mas é que eu acho que na verdade, eu até brinco com os meus colegas, que quem se forma aqui na USP e pensa que você já é historiador, acho arrogância assim, você sai bacharel em História, aí você se torna um historiador a depender do seu caminho com um trabalho aprofundado em história e pesquisa e tal. Eu considero na verdade que eu saí da Faculdade como professora de História, eu saí professora de História. Por que a minha praia sempre foi a Educação. Eu gosto muito de ter feito a Faculdade de História, acho que foi muito importante para mim, eu considero que, uma pessoa da minha realidade, que veio da rede pública, uma família de classe baixa e que eu fui a primeira pessoa que fiz a universidade, enfim, foi uma formação muito intensa pra mim. A universidade me trouxe recursos muito grandes assim, mas eu me finquei pouco lá no Departamento de História. Quando eu vim aqui para a Educação, eu me encontrei mais. E aí lógico, claro que a relação com o seu conhecimento específico, mas aí eu já estava assim e a relação com o meu conhecimento específico já foi caminhando para a Educação. Então na verdade eu nunca tive crise. Eu penso assim, que às vezes as pessoas pensam a Educação como uma coisa menor. Por isso que eu estou te dizendo da crise. E a infância também, por que quando você começa a entrar no território do brincar, isso também é uma coisa que eu discuto. Por que tem muito disso, uma dicotomia: o que é sério, o que é uma brincadeira, o que é uma responsabilidade e o que é o brincar. E essa discussão que também a gente fazia, que também a gente fazia. Tudo está nesse mesmo princípio, ser adulto, ser professor. Olha quanto peso você vai dando e aí a brincadeira você nem pode. E então para um adulto brincar, um professor precisa pra ele sair deste lugar e falar: não, eu estou aqui com o meu aluno e eu vou brincar com ele. Mas não ser um professor sério também tem tudo isso. Mas pra mim não teve dificuldade, por que eu acho que sempre tive um pezinho fincado aqui, e isso está muito ligado à maternidade. Isso também me trouxe a isso. Então acho que quando eu entrei no museu, eu já estava fincada na Educação, já estava fincada na formação de professores e o que aconteceu foi que a possibilidade ali de trabalho junto com os bolsistas que trabalhavam comigo, e com os professores que vinham e as crianças, isso abriu pra mim aquilo que eu estava interessada realmente em fazer. Foi uma oportunidade. E também teve esse enfrentamento. Você quer criar o seu filho coma todas as possibilidades de uma abertura para a brincadeira e tal. E o mundo pressiona para isso não acontecer. Então se você acha o máximo que a sua criança vá para a escola com uma roupinha bem zuada por que acha que ele vai chegar marretando tudo, ou você está em um espaço, como eu falei, um espaço que sei lá, familiar ou público, por que você

quer que seu filho brinque que ele role. Você deixa ele fazer as coisas, você incentiva que ele faça, tem uma intenção às vezes pra não, né! Eu estava vivendo tudo isso.

J: E os pais sofrem muito tudo isso. Se você não tem isso forte em você, você se sente reprimido, por que os outros estão olhando pra você, quando a gente é mãe. E quando você está “sozinha”, a pressão é maior ainda.

E: E como você vê algum vínculo com o trabalho que você faz agora com o Programa de Formação de Professores e com os educadores. Como você faz essa aproximação com essa sua experiência no MEB? Já que você já trabalhava com a formação de professores, nesse contato com os estagiários, nessa dinâmica com a Faculdade de Educação, nessa abertura de espaços e tal. Você vê alguma relação? Como é a sua dinâmica hoje?

J: Eu acho que sim, por que hoje, por exemplo, eu tenho outros colegas que trabalham comigo, funcionários que entraram e tal. Mas até o ano passado eu era a única educadora que trabalhava no Programa. Eu acho que a minha experiência de trabalho no museu, essa construção de trabalho com o outro, ela me trouxe um jeito também de pensar o trabalho, de organizar coletivamente. Que caminha comigo, e no Programa durante um tempo também foi assim né, de 2010 até 2014 quando chegaram os meus colegas eu tinha um cotidiano de organização de trabalho com uma equipe de bolsistas, esses sim os monitores bolsistas, que também assim, a coordenação do Programa ela também acontece de uma maneira diluída. A gente fazia a mediação com coordenação, com as coordenações durante esse período, mas o dia-a-dia de trabalho, ele estava sendo tocado por mim e pela equipe ali, tomando decisões, fazendo a coisa acontecer, digamos assim. Com todas as limitações que isso possa ter. Então eu considero que foi a minha experiência no museu, de organizar esse trabalho, no dia a dia ali, tudo isso depende da gente. Por que tem bastante autonomia pra fazer o enfrentamento do que você precisa tocar pra fazer o espaço rodar, né. Então, acho que isso. A outra coisa que acho é que a dimensão da formação. Acho que todos esses anos nos trabalhos que eu fiz, por que eu trabalhei bastante com a professora Selma, ainda na graduação, depois nesse projeto, que era com o CEFAM, eu fiquei durante dois anos trabalhando com ela e uma equipe de docentes aqui da Faculdade. E o trabalho que a gente faz no Programa é esse. É um trabalho que envolve a formação. Então quando eu visito escolas, esse ano a gente visitou mais de sessenta escolas, eu não visitei as sessenta todas, mas eu visitei umas quinze, vinte escolas. Você tem o contato com o professor ali o aluno, o que está acontecendo na Educação Infantil, por exemplo, GEIFES, que você participa, os próprios estagiários que a gente orienta no Programa. Então, pra mim eu não estou trabalhando diretamente com a Educação na primeira infância nesse momento, eu não estou trabalhando diretamente com isso. Mas eu acho que o meu olhar para a Educação ele é

completamente influenciado pela maneira como eu fiz minha pesquisa nesse mestrado. O mestrado ele foi um divisor de águas pra mim, na maneira como eu vejo a educação. Eu acho que quando eu estava falando sobre o conceito do brincar de uma maneira mais ampla, pensando afeto, ludicidade mesmo né. acho que o tempo todo quando eu vou fazer uma orientação de um estagiário que quer um projeto de pesquisa que quer, sei lá, ele está fazendo Didática, mas isso está presente. Eu não desvinculo. Por que o cara pode estar no Ensino Médio, sei lá, ela pode estar no Fundamental. Não importa qual é a relação humana ela pode ser menos árida. Então eu acho que é nesse sentido que eu quero dizer.

E: Então usar esse espaço que já tem dentro da Faculdade de Educação, pra pensar em possibilidades da atuação de estagiários no Programa de Formação de Professores. Então isso depois a gente vai precisar conversar um pouco mais Jany, assim, eu acho que essa nossa conversa ela é um ponto de partida para a aproximação com grupo e de a gente ir pensando.

J: No que eu puder ser útil.

[risos]

J: Acho ótimo, acho que o museu e o LABRIMP são espaços muito ricos e são muito interessantes, como você disse mesmo, tem muito potencial. Eu acho que vai ser ótimo. Pensar nesses espaços nessa articulação deles com o próprio jeito da universidade de pensar a formação. Acho que tanto a relação que você está trazendo de educação e cultura e museus e a questão da infância é pouco aproveitada aqui na Faculdade de Educação. Pensando nessa articulação mais sistematizada com o projeto de formação de professores como a Pedagogia e as outras Licenciaturas. Mas eu acho muito bom e assim, no que eu puder ser útil, eu estou à disposição. É claro que eu entendo também que tem um processo de articulação entre vocês, mas enfim. Se for com relação aos estágios eu acho ótimo eu acho que a gente pode aproveitar a medida que vocês forem definindo melhor.

E: Na verdade são várias ações. A gente já criou uma que é a do ciclo de palestras, a gente já começou com uma palestra com a Margarete Lopes. A Margaret foi minha orientadora no mestrado, mas ela trabalha muito essa coisa da educação em museus, ela criou o conceito de desescolarização dos museus, e é super importante. É superinteressante sobre a perspectiva da História das Ciências. Os museus do século XIX, mas teve um público bem interessante, tinha gente assim dos museus. O que a gente tem notado é que os educadores não tem um espaço de discussão sobre educação em museus. Então tinha várias pessoas assim, tinha alunos que eram de universidades, de Pedagogia, vários alunos de vários cursos daqui e de várias graduações.

Então a intenção é aproveitar esses diversos públicos e criar espaços de discussão sobre educação em museus. É isso.

E: Mais alguma coisa Jany?

J: Não. Eu estou contemplada. Obrigada.

[risos]

D: A gente que agradece muito pela ajuda, colaboração e paciência.

J: Obrigada a vocês e qualquer coisa eu estou aí. Qualquer coisa é fácil me encontrar.

Avaliação do aluno sobre o programa

Acredito que o programa foi essencial na constituição da minha formação, pois a partir da realização da pesquisa tive a possibilidade de entrar em contato com um grande e variado número de referenciais, o que levou a reflexão sobre como uma pesquisa pode ser feita. Fazendo assim com que eu me interessasse pelo campo da pesquisa científica.

Pude perceber como ainda preciso de um maior aporte teórico, e perceber também a necessidade de recorrer às leituras que me auxiliem em futuras escolhas no âmbito acadêmico.

Acrescento que a minha maior dificuldade para a realização deste trabalho foi a produção do relatório parcial, pois este se faz após seis meses do início da pesquisa,

sendo que é um período em que a realização das leituras é árdua, há grande dedicação para obtenção de base teórica e paralelamente a produção de materiais como as entrevistas e as análises. Já a confecção do relatório final foi prazerosa e muito agradável, no sentido de poder enxergar os resultados do meu trabalho e dedicação á pesquisa. A leitura dos dados produzidos trouxe grande satisfação, pois a partir dos dados coletados consegui adentrar na história da criação do museu e compreender o universo do brincar no espaço museológico.

Digo que me sinto satisfeita com o trabalho realizado, mesmo não realizando os objetivos iniciais da pesquisa. Acredito que mesmo com as mudanças no curso da pesquisa, os novos rumos agregaram conhecimento o que contribui muito para a minha formação acadêmica.

Avaliação do orientador

